

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE MÚSICA

Rodrigo Moreira Magalhães

Experiências do lugar:

Uma etnografia de festas de aparelhagem nas periferias de Belém do Pará,
focada em seus frequentadores

Belo Horizonte
2017

Rodrigo Moreira Magalhães

Experiências do lugar:

Uma etnografia de festas de aparelhagem nas periferias de Belém do Pará, focada em seus frequentadores

Trabalho de Dissertação submetido ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música.

Área de Concentração: Música e Cultura
Orientação: Profª. Dra. Glaura Lucas.

Belo Horizonte

2017

M188e Magalhães, Rodrigo Moreira

Experiências do lugar [manuscrito]: Uma etnografia de festas de aparelhagem nas periferias de Belém do Pará, focada em seus frequentadores. / Rodrigo Moreira Magalhães. - 2017.
140 f., enc.

Orientadora: Glaura Lucas.

Linha de pesquisa: Música e Cultura.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.

Inclui bibliografia.

1. Música - Teses. 2. Etnomusicologia. 3. Música e sociedade. 4. Música popular - Belém (PA). I. Lucas, Glaura. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música. III. Título.

CDD: 780.91



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música

Dissertação defendida pelo aluno RODRIGO MOREIRA MAGALHÃES, em 29 de novembro de 2017, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Glaura Lucas
Universidade Federal de Minas Gerais
(orientadora)

Prof. Dr. Paulo Murilo Guerreiro do Amaral
Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse
Universidade Federal de Minas Gerais

Primeiramente, Fora Temer!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Robson e Rose, pela confiança de sempre;

À minha namorada Flávia, pelo amor, por sempre me ajudar com a revisão dos textos e pela paciência;

À minha orientadora Glaura Lucas pelos conselhos, generosidade, atenção e cuidado com meu trabalho, além dos pães de queijo servidos nas reuniões;

Ao professor Paulo Murilo Guerreiro do Amaral, pela carinhosa recepção, pela troca de conhecimentos sobre as festas de aparelhagem e por proporcionar a interação com os demais integrantes do Grupo de Estudos Musicais da Amazônia da Universidade Estadual do Pará (GEMAM — UEPA);

À minha família paraense — Bruno, Érika e João —, por me acolherem em Belém sempre que precisei.

Aos amigos e amigas Marcelinha Pieri, Rafael José, Rodrigo Heringer e Raoni pelas revisões, conselhos, bate-papos e apoio, e à Mariana Mauro — por tudo isso e também pela confecção dos lindos mapas presentes no trabalho.

Ao Cardosão pela parceria e por cuidar das plantinhas enquanto estive em Belém;

Ao Jaime, meu parceiro de *hostel* e de música, que me apresentou o choro paraense;

Aos amigos de todos os meus projetos musicais que sofreram com minhas ausências no decorrer do processo de feitura dessa dissertação;

A todos os interlocutores da pesquisa, em especial a Maderito e Waldo Squash (Gang do Eletro), Rodrigo, Norma, Belzinha (Rubi), Dany do Shopping e Clebea (Tupinambá), Leka (Cineral), Lucas (Nova Dimensão), Kiko da Pedreira (Pop Saudade), Seco GDP (Galera da Pedreira), Neto e DJ Wesley (Super Pop Live) e DJ Mauro (Mauro Som 3D).

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudos, imprescindível para a realização da pesquisa.

MAGALHÃES, Rodrigo Moreira. **Experiências do lugar:** uma etnografia de festas de aparelhagem nas periferias de Belém do Pará, focada em seus frequentadores. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Música), Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

O presente trabalho é uma etnografia de festas de aparelhagem em Belém/PA, tendo como foco os seus frequentadores. Aparelhagens são grandes estruturas sonoras e de iluminação que executam prioritariamente o repertório do gênero Tecnobrega em eventos realizados principalmente nas áreas mais empobrecidas da cidade, e são a principal forma de diversão das populações desses locais. O trabalho visa analisar as relações que os frequentadores das festas estabelecem entre si, com o repertório executado, com as aparelhagens e com a cidade, por meio da compreensão do lugar em que eles vivem e onde as festas ocorrem. Para tal, a pesquisa estabelece um diálogo teórico-metodológico entre as áreas de conhecimento: Etnomusicologia e Geografia.

Palavras-chave: Aparelhagem. Música Popular Na Amazônia. Etnografia. Belém do Pará. Geografia. Tecnobrega.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Eixos de expansão urbana da RMB.....	41
Figura 2. Mapa de aglomerados subnormais em Belém/PA.....	47
Figura 3. Mapa de densidade demográfica em Belém/PA.....	48
Figura 4. Mapa de festas de aparelhagem em Belém/PA	49
Figura 5. Mapa síntese	50
Figura 6. Exemplos de aparelhagens antigas.....	59
Fonte: Grupo Aparelhagem das antigas.....	59
Figura 7. Exemplo de festa com aparelhagens dos ‘segmentos’ ‘saudade’ e ‘marcantes’.....	60
Figura 8 - Base rítmica característica do tecnobrega	62
Figura 9 - Mensagem do moderador de um grupo de <i>WhatsApp</i>	85
Figura 10 - Divulgação de grupos de <i>WhatsApp</i>	86
Figura 11 - Interações no grupo de <i>WhatsApp</i>	87
Figura 12 - Diálogo realizado por meio de <i>emojis</i>	88
Figura 13 - Violência no cotidiano dos integrantes	89
Figura 15 – Faixa de divulgação de uma festa flutuando no rio no balneário de Oteiro.....	91
Figura 16 - Agenda da aparelhagem Crocodilo recebida via <i>WhatsApp</i>	92
Figura 17 - Exemplos de divulgação do Super Pop Live via <i>Instagram</i>	93
Figura 18 - Paisagem de uma festa de ‘saudade’	102
Figura 19 - Paisagem de uma festa do segmento ‘toca tudo’	103
Figura 20 – Foto da aparelhagem Crocodilo compartilhada via <i>WhatsApp</i>	109
Figura 21 - Incitações aos frequentadores projetadas nos telões.	110
Figura 22 - Coleção de CDs da aparelhagem Cinerál de propriedade de Leka	111
Figura 23 - Ensaio da equipe de dança Bonde do Nova Dimensão	118
Figura 24 - Produtos personalizados pelas equipes	118
Figura 25 - Convocação da presidente dos fã-clubes para um evento especial.....	120
Figura 26 - Arte gráfica feita por uma seguidora.....	125
Figura 27 - Formas variadas de como os corpos se encontram na dança	128
Figura 28 - Homens dançando	130
Figura 29 - Mensagem de incentivo colocada pela torcida do Remo no estádio Mangueirão ..	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação das Festas Visitadas.....	81
Tabela 2 – Breve apresentação dos interlocutores entrevistados.....	82
Tabela 3 – Breve apresentação dos interlocutores que contribuíram com este trabalho por meio de conversas informais.....	83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Primeiros passos.....	10
1.2 A valsa marcante	14
1.3 Super Pop Live.....	19
1.4 Apresentação	22
2. VARIAÇÕES SOBRE O LUGAR.....	28
2.1 O Lugar à luz da etnomusicologia	28
2.2 O lugar à luz da geografia	31
2.3 A força do lugar	34
3. O LUGAR E A SINGULARIDADE: A CIDADE DE BELÉM.....	37
3.1 Urbanização e formação da periferia de Belém.....	37
3.2 Caracterização da cidade.....	41
3.2.1 Características econômicas e do mercado de trabalho	43
3.2.2 Mobilidade Urbana.....	44
3.2.3 Moradia e saneamento básico.....	45
3.2.4 Segurança Pública.....	51
4. DO ESPAÇO INDIFERENCIADO AO LUGAR: O UNIVERSO DAS FESTAS DE APARELHAGEM	53
4.1 Surgimento das aparelhagens, do brega e do tecnobrega.....	53
4.2 ‘Segmentos’ de aparelhagem	60
4.3 Estigma do brega.....	63
4.4 Modelo de negócio.....	65
4.5 O tecnobrega em números	66
4.6 Novas tecnologias	67
4.7 Superação do estigma.....	68
4.8 Papel da pirataria.....	70
4.9 Tecnobrega como uma expressão cultural de resistência?.....	71
4.10 Efeitos nos frequentadores	73
5. O LUGAR E A EXPERIÊNCIA	76
5.1 Desafios de pesquisa e decisões metodológicas	76
5.2 Metodologia de Campo	80
5.2.1 Os interlocutores.....	81

5.2.2 A importância dos grupos de WhatsApp.....	83
5.3 Questões que antecedem as festas.....	90
5.3.1 Formas de divulgação.....	91
5.3.2 Deslocamento às festas.....	94
5.3.3 Segurança nas festas de aparelhagem.....	95
5.4 Paisagem das festas.....	99
5.4.1 As casas de show.....	100
5.4.2 Padrões de organização das festas.....	101
5.5 Os frequentadores.....	104
5.6 Performance das aparelhagens e reações nos frequentadores.....	106
5.7 As motivações dos frequentadores.....	112
5.8 ‘Seguidores’ e integrantes de equipes e fã-clubes.....	116
5.9 A dança.....	126
5.10 Consumo de drogas.....	132
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	140
ANEXO I – Categorias de análise.....	145
ANEXO II - Roteiro de entrevista para produtores (DJ, cantores, músicos, integrantes de aparelhagens).....	147
ANEXO III - Roteiro de entrevista para frequentadores.....	148
ANEXO IV – Lista de siglas e gírias.....	149

1. INTRODUÇÃO

1.1 Primeiros passos

Era um domingo quente e ensolarado de Belém e eu me encaminhava para uma parada de ônibus na Avenida Visconde de Souza Franco, popularmente conhecida como Doca. Era dia das mães e eu acabara de sair de um almoço de domingo de uma família de amigos paraenses que me acolheu para não me deixar “órfão” nesse dia, já que minha mãe se encontrava a milhares de quilômetros de distância. Meu destino era Ananindeua, uma cidade da região metropolitana de Belém, onde eu encontraria duas frequentadoras de festas de aparelhagem na casa de uma delas, as entrevistaria para a pesquisa e curtiríamos uma festa juntos.

Saí da casa dos meus amigos com bastante antecedência para evitar a chuva do fim da tarde, quase que diária na cidade nessa época do ano, e por não ter ideia do tempo que demoraria para chegar ao meu destino. Em Belém, embora seja uma grande metrópole, os horários e itinerários dos ônibus não ficam disponíveis para consulta. Colhi informações sobre o transporte com meus amigos, confirmei com o pessoal na parada de ônibus, celular na mão com o endereço do destino e o GPS ligado.

No trajeto de mais ou menos uma hora de viagem, tempo relativamente longo considerando que não havia trânsito por ser domingo, fiquei imaginando como seria a experiência de curtir uma festa pela primeira vez na companhia de frequentadores. Um misto de ansiedade e insegurança: “Como vai ser?” “Será que eles vão se sentir bem em minha companhia?” “Será que eu serei aceito?” “Será que eu vou ficar confortável?” Meus pensamentos só eram interrompidos pela intensa dinâmica no interior do ônibus. Ora era um senhor evangélico pregando fervorosamente a palavra de Deus, ora era algum vendedor ambulante oferecendo um doce de cupuaçu ou algum acessório tecnológico *made in china* – não posso nem reclamar, pois aproveitei para comprar um carregador portátil para celular para não correr o risco de ficar sem bateria no meio da festa.

Quando o GPS do celular indicou estar perto do endereço informado, pedi ao trocador que me avisasse quando chegasse à parada próxima ao terceiro semáforo da Estrada do Maguari, referência dada pela dona da casa para onde eu estava me

dirigindo. Chegando à parada, desci do ônibus, andei uns 200 metros e encontrei o meu destino com facilidade.

Era uma casa simples, com uma varanda à frente e uma grade que ocupava toda a fachada, do chão ao telhado. Belzinha, a dona da casa, é uma senhora de meia idade, frequentadora assídua das festas do Rubi, uma das aparelhagens mais antigas e tradicionais em atividade. No decorrer de cerca de 40 minutos de conversa, ela me contou várias histórias vividas nas festas de aparelhagem: falou do seu amor pelo Rubi, das reclamações dos filhos devido à sua assiduidade nas festas e do tempo longe das festas enquanto esteve casada. Ela ainda me presenteou com uma camisa e um copo do Rubi.

Depois da entrevista com Belzinha, comecei a conversar com a Dany do Shopping, que havia chegado minutos antes. Dany é uma mulher de 31 anos e trabalha em dois shoppings de Belém como auditora de loja. Ela é fã da aparelhagem Tupinambá há cinco anos e disse que até frequenta festas de outras aparelhagens, mas nada se compara ao amor que sente pelo Tupinambá.

Terminadas as entrevistas, Belzinha nos serviu bolo e refrigerante e conversamos mais um pouco. Chegada a hora de ir para a festa, ela se arrumou (salto alto e bermudinha), tiramos algumas fotos fazendo os símbolos das aparelhagens para compartilharmos no nosso grupo de *WhatsApp*. Por volta das 17h30, encaminhamo-nos a pé para a festa que ocorreria em uma sede localizada a cerca de uns 600 metros da casa de Belzinha. À medida que fomos nos aproximando, já era possível ouvir o som da festa e avistar alguma movimentação em frente à sede.

O local se chamava Recreio e, por fora, se assemelhava a um ginásio de esportes. A fachada era um muro vermelho, bem alto, onde foram instalados dois banners luminosos e um painel de LED informando as atrações da noite, cada um pertencente a uma das aparelhagens: Rubi, Tupinambá e Mineirão. De um dos lados do muro havia um grande portão que estava fechado; do outro havia duas bilheterias e uma pequena porta de correr com um corrimão metálico que serviria para organizar a fila de entrada. Belzinha entrou primeiro para pegar uma cortesia para mim e Dany esperou na porta comigo. Nenhuma das duas pagou para entrar na festa.

Belzinha rapidamente chegou com a cortesia e eu entrei na sede. Passei pelo corrimão metálico, fui revistado por um segurança e dei a volta numa parede que impedia a visão do interior do local pelo lado de fora. Ao entrar, percebi que, de fato, se tratava de uma quadra de esportes, sendo metade do espaço de chão de cimento, com pé

direito alto e coberto com um telhado metálico – o espaço da quadra propriamente dito – e outra metade, de chão de terra e sem cobertura.

De costas para a parede de entrada estava instalada a aparelhagem Mineirão, enquanto que, na parede lateral da parte coberta, estava o Tupinambá. No momento em que cheguei à festa, a aparelhagem que estava tocando era o Rubi, localizada de costas para a parede oposta à entrada. No local havia ainda duas tendas metálicas, onde foram montados os bares, além de uma pequena lojinha de balas, chicletes e cigarros e uma barraca de comidas típicas do Pará, como tacacá, vatapá e maniçoba. Além disso, na área sem cobertura, estava estacionado o enorme caminhão que transporta o equipamento do Rubi.

Após esse primeiro momento de observação curiosa, percebi que minhas amigas haviam se instalado em locais diferentes. Belzinha escolheu uma mesa próxima ao Rubi e já estava conversando com os funcionários da aparelhagem. Dany foi ao encontro de alguns amigos que já haviam chegado à festa. Eles estavam numa mesa praticamente “dentro” da aparelhagem Tupinambá.

Comprei uma latinha de cerveja e fui ao encontro da Dany que já possuía dois baldes cheios de cerveja em sua mesa. Ela foi me apresentando a todos os seus amigos, que me receberam com muita simpatia, se colocando à disposição para o que eu precisasse. Todos se mostravam muito curiosos com o fato de eu ter saído do ‘sul’ para conhecer a “cultura das aparelhagens”. Dany me apresentou também dois DJs do Tupinambá que aguardavam para se apresentar. Eles me receberam igualmente com bastante cortesia, perguntaram meu nome e de onde eu vinha. Tiramos fotos juntos, por sugestão da Dany, fazendo o “T” do Tupinambá com os braços.

Minhas amigas haviam me explicado que cada aparelhagem teria uma hora para realizar sua apresentação. Ao fim desse período, uma nova aparelhagem começaria sua performance e esse revezamento seguiria até o fim da festa.

E assim ocorreu. Finalizada a apresentação do Rubi, iniciou-se o Tupinambá. Não sei se foi uma homenagem do DJ, mas a primeira música executada foi “Linda Juventude” da banda mineira 14 Bis. Foi muito interessante ouvir essa música num contexto tão distinto e ver as pessoas dançando aos pares. O que mais chamou atenção nesse momento foi a animação dos amigos da Dany. Foi só o Tupinambá começar a tocar que eles passaram a dançar, levantar os braços e cantar as músicas. A reação era tão animada e cativante que me contagiou.

Cada vez mais, as pessoas me inseriam naquela diversão, me oferecendo cervejas e me convidando para tirar fotos com eles. A Dany me convidou para dançar, mas eu expliquei que meu jeito de dançar era muito diferente e que não me daria bem dançando brega.

Para variar um pouco, fui passar um tempo com a turma da Belzinha. Logo que me aproximei, fui igualmente recebido com bastante cortesia por todos: deram-me boas vindas, fizeram algumas brincadeiras comigo e me ofereceram cerveja que estava nos baldes de suas mesas. Belzinha, também, me apresentou o DJ que tinha acabado de se apresentar, além do DJ Gilmar, que é o proprietário do Rubi. Tirei foto com todos, sempre fazendo o símbolo do Rubi com as mãos.

Quando percebi, a festa já estava bem cheia e já havia uma infinidade de casais dançando no centro do salão. Depois de algumas cervejas, comecei a ficar mais animado e não conseguia mais conter os meus pés parados. A todo o momento, alguém me questionava se eu não ia dançar e, ao receber minha explicação, faziam alguma piada com o fato de eu não saber dançar brega.

De fato, a dança era o que mais chamava a atenção na festa. Cada casal tinha um jeito muito particular de dançar. Muitos o faziam com os corpos bastante colados. Algo como se estivessem se abraçando fortemente e dançando ao mesmo tempo. As maneiras como as mãos se ligavam ao corpo do parceiro de dança eram extremamente diversificadas. As combinações possíveis não tinham limite. Casais que colocavam uma mão na nuca do parceiro – ou na cintura, ou na cabeça –, enquanto a outra encontrava a mão do parceiro no alto, ou no ombro do homem, ou no ombro da mulher, criando movimentos aleatórios. Havia aqueles que ficavam com as duas mãos dadas ou se abraçavam com apenas um braço, deixando o outro livre no ar. Havia os que dançavam de testa colada e os com os lábios grudados, boca com boca, ou boca na bochecha. Os que muito rodopiavam e os que ficavam sempre abraçados. Alguns dançavam sorrindo, com certa malandragem e improvisando caminhos inusitados para a dança. Já outros dançavam de olhos fechados, de forma bastante romântica.

Várias pessoas dançavam com uma pequena toalhinha. Algumas mulheres a seguravam em uma das mãos e os homens a deixavam no bolso. Dançar por longas horas no calor do Pará fazia com que todos suassem bastante e as toalhinhas eram bastante úteis. Vi um amigo da Belzinha torcendo sua toalha, de tão encharcada que ela estava. Uma bela cena se desenrolou com as tais toalhas. Uma mulher, enquanto

dançava com o parceiro, percebeu que o suor escorria em seu rosto. Sem parar a dança, a mulher secou o suor do rapaz, que a agradeceu com um beijo.

Fui ao encontro do pessoal do Tupinambá e estavam todos muito felizes, confraternizando e dançando. Os amigos da Dany se alternavam para conversar comigo, perguntando o que eu estava achando da festa, me oferecendo cerveja e dizendo para eu ficar à vontade, pois no Tupinambá eu estava em casa. Dany, que já estava bastante alegre, me tirou para dançar, não deixando tempo para eu negar a dança. Logo que comecei a dançar constatei que eu tinha razão em relação à minha habilidade dançando brega. Não deu nada certo. Trombei. Perdi o tempo da dança. Tentava compreender como se subdividia aqueles passos, mas não consegui. Dany foi gentil e manteve a dança mesmo com toda dificuldade. Ao fim da música, agradecei, mas preferi voltar a aproveitar a festa dançando sozinho mesmo.

No avançar da noite, os efeitos etílicos foram, cada vez mais, deixando todas as sensações mais prazerosas. O clima com as pessoas foi ficando mais descontraído e até arrisquei dançar mais algumas vezes, conseguindo arrancar muitos risos de toda a turma. As aparelhagens passaram a me chamar mais a atenção e achei tudo aquilo muito bonito.

Para aproveitar o último ônibus rumo a Belém, decidi ir embora. Despedi-me de todos, o que levou um bom tempo, pois todos continuavam perguntando se eu tinha gostado da festa e porque eu estava indo embora tão cedo. E, sim, eu tinha gostado muito. Havia sido minha primeira oportunidade de experienciar a alegria de confraternizar, brincar, tirar fotos, tomar cerveja e dançar, que deixam os frequentadores dessas festas tão felizes e confortáveis.

1.2 A valsa marcante

Durante a minha estada em Belém, eu me mantinha em constante contato com o Maderito, o cantor do grupo Gang do Eletro, com o intuito dele me incluir nas festas que ele frequentava ou me apresentar a frequentadores assíduos. Ele sempre acenava positivamente, ficava de combinar alguma coisa, mas, na prática, nunca se concretizava. Até que, um determinado dia, ele me procurou falando que eu precisava conhecer um tal salão de beleza, pois iria contribuir muito para minha “matéria” – por um tempo ele achava que eu era um jornalista, apesar das minhas tentativas de explicar no que

consistia a pesquisa –, que eu poderia entrevistar umas pessoas, fazer umas imagens e tirar fotos.

Eu não entendi muito bem aquela história, mas, como estava totalmente disponível para o que pudesse contribuir para a pesquisa, resolvi conferir. O salão ficava perto do *hostel* em que eu estava hospedado. Combinamos de nos encontrar lá, almoçamos em um estabelecimento próximo e seguimos para o tal salão.

Durante o trajeto, Maderito me explicou que o salão é bastante frequentado por DJs de grandes aparelhagens, devido à parceria que o salão estabelece com alguns desses DJs: cuidam da aparência deles em troca de divulgação do salão nas festas e nas redes sociais.

Quando chegamos, Maderito me apresentou para os presentes, falando brevemente que eu tinha vindo do ‘sul’ para estudar as festas de aparelhagem. Havia cinco pessoas no salão: Rubinho, que é um dos proprietários e cabelereiro, cuidava do cabelo do DJ da aparelhagem Mega Príncipe Negro, além de dois funcionários e outra cliente. Ficaram todos interessados na pesquisa, perguntando em quais festas eu já tinha ido e quais aparelhagens eu já conhecia.

Em algum momento da conversa, Rubinho começou a colocar vídeos de algumas aparelhagens que ele achava interessante. Em um desses vídeos, havia dois homens dançando juntos, como um par, ao som de tecnobrega, e percebi que um deles era um dos funcionários presentes. Eu já tinha visto isso em uma determinada festa, mas não sabia se se tratava de uma coisa comum naquele contexto. Estar no salão começou a ficar mais interessante pra mim.

O rapaz chamava-se Lucas, tinha vinte e poucos anos e disse frequentar festas de aparelhagem todos os finais de semana. Além disso, me contou que fazia parte de um grupo que se reunia semanalmente para praticar a dança do tecnobrega. Algo como um ensaio. Fiquei bastante interessado no assunto. Trocamos contatos e combinamos que ele me levaria a um desses encontros.

O ensaio ocorreu no Bar Nova Dimensão, que é de propriedade da aparelhagem de mesmo nome e fica localizado no bairro da Pedreira. O dono do bar cede o espaço para eles ensaiarem no dia da semana em que o estabelecimento não abre para clientes.

Logo que eu cheguei percebi que o bar era bastante simples. A fachada apresentava um muro de meia altura que era complementado por uma grade até o teto. Havia um portão que dava acesso a uma pequena varanda e uma segunda porta que levava ao interior do bar. Lucas me recebeu na porta e me convidou para entrar. O bar

era constituído por um salão com três pilastras no meio, que dividiam o ambiente em duas partes. A parte a que se tinha acesso ao entrar apresentava um formato triangular e se encontrava cheia de mesas e cadeiras empilhadas. Na outra parte do salão, havia duas pequenas aparelhagens montadas, mas que não estavam funcionando. Próximo a uma dessas aparelhagens, localizavam-se os banheiros, e, no lado oposto, estava o balcão do bar.

Havia dois casais dançando e mais umas poucas pessoas conversando ao redor. Como o bar não estava de fato funcionando, havia poucas luzes acesas e o som saía de um computador ligado a uma caixa de som modesta.

Lucas era um dos mais experientes dentre os presentes. Ele abusava de floreios e rodopios, apresentando um amplo repertório de passos, executados de uma forma tão sublime que fazia com que a dança parecesse fácil. Num dado momento, Lucas veio me dizer que eu teria que sair do ensaio sabendo dançar pelo menos o passo básico do tecnobrega. Confesso que, por um lado, eu estava bastante interessado em aprender a dançar, mas, por outro, eu estava envergonhado e inseguro, especialmente depois da minha experiência anterior.

Lucas me chamou para um dos cantos do salão, decompôs o passo básico para mim, em três partes, e pediu que eu fosse seguindo cada uma dessas etapas bem devagar. Repeti algumas vezes em um andamento lento, enquanto ele corrigia meus movimentos. À medida que fui me sentindo mais confiante, eu acelerava o andamento. Quanto mais rápido eu dançava, mais difícil os movimentos ficavam. Depois de um tempo, eu já tinha mais controle do meu corpo e conseguia fazer os movimentos propostos no andamento da música que tocava. O Lucas ficou surpreso com minha rápida evolução e convidou uma amiga para dançar comigo. E até que eu não fui mal. Tentei até uns rodopios, mas, como não tive muito sucesso, voltei para o básico mesmo.

O ensaio durou mais ou menos duas horas. Ao fim, Lucas me informou que no dia seguinte haveria uma festa nesse mesmo local e que eu não deveria perder, pois seria aniversário de uma das integrantes do grupo. Ele disse que talvez não pudesse comparecer, mas decidi ir mesmo assim.

No dia seguinte, lá estava eu por volta de 23h. Um fato curioso que aconteceu no trajeto foi que, em todas as vezes que eu fui e voltei do Bar Nova Dimensão, os motoristas me informaram que uma determinada ponte que leva ao bairro da Pedreira é um dos pontos mais perigosos da cidade. Esses comentários eram realizados com

bastante naturalidade, como se fosse algo banal, e, às vezes, até vinham seguido de algum tipo de piada.

O interior do bar tinha uma aparência bastante distinta do dia anterior. As aparelhagens estavam ligadas e o bar estava todo decorado com balões e enfeites variados para o aniversário. Havia até uma mesa com bolo e alguns pratos de salgadinhos.

Infelizmente, o Lucas realmente não pôde estar presente na festa e, como eu estava sozinho, preferi ficar em pé próximo ao bar. Comprei uma cerveja e fiquei observando a festa. Num dado momento, um rapaz que estava ao lado começou a conversar comigo. Logo nas primeiras palavras, ele percebeu que eu não era dali – na realidade, é provável que ele tenha percebido isso antes de conversar comigo – e se mostrou interessado sobre o meu local de origem e o que me levou a estar naquela festa. Fomos conversando amistosamente, até que ele sugeriu que dividíssemos um balde de cerveja. Inicialmente neguei, pois não era meu objetivo tomar tantas cervejas. Além disso, a diferença de preço da cerveja comprada no balde ou unitária era pouco relevante para mim. Mesmo assim, ele seguiu insistindo na ideia do balde. Acabei cedendo e lhe dando o dinheiro para comprar para nós dois.

No momento em que ele saiu, o DJ Luiz, proprietário e um dos DJs da aparelhagem Nova Dimensão que eu havia conhecido no dia anterior, me avistou e me convidou para aproximar da aparelhagem. Eu atravessei o salão e fui ao encontro dele – nesse momento era outro DJ que se apresentava. Ele me cumprimentou, pediu que eu lhe lembrasse meu nome e de onde eu tinha vindo e me convidou para subir na nave, local onde os DJs desenvolvem suas performances, para eu conhecer a aparelhagem por “dentro”. Fiquei bastante honrado e resolvi subir.

Como se tratava de uma aparelhagem pequena, o espaço era bastante reduzido. Ele tentou me deixar à vontade colocando um caixote para eu me sentar e me deu uma cerveja, mas não estava nada confortável ficar ali. Para não parecer desfeita, resolvi ficar por alguns instantes, aproveitando a vista privilegiada da pista de dança e observando o trabalho do DJ. Passado pouco tempo, fui surpreendido: “Alô, Rodrigo! Rodrigo é estudante de música, é de Minas Gerais e veio fazer uma visita aqui no estado do Pará para conhecer as aparelhagens. E hoje veio conhecer o Nova Dimensão. Obrigado, Rodrigooooo. Seja bem-vindo.” Fiquei muito feliz pelo comentário. Agradei o DJ pelas palavras e pela excelente receptividade.

Passado algum tempo, o DJ convocou os presentes para se aproximarem do centro do salão, pois começaria a valsa da aniversariante. A moça ficou no centro de uma roda formada por seus amigos. Como o bar era pequeno, praticamente toda a festa parou para ver a dança. O DJ colocou apenas uma base no ritmo de tecnobrega e a aniversariante começou a dançar com um primeiro rapaz. Depois de uma sequência de passos variados, o rapaz girou a aniversariante, soltou suas mãos e se afastou. Quando ela finalizou o giro, um segundo rapaz a recebeu e continuou dançando. O DJ variava trechos de músicas, sem parar a batida, e fazia alguns comentários ao microfone direcionados à aniversariante: “Deixa eu descer o batidão para aproveitar que é o aniversário da Carlinha. Essa é a dança dela. Isso. Vai girando. Vai girando. Vai, vai.”

Depois de um tempo, um terceiro rapaz se aproximou e fez um sinal de afirmativo com a cabeça para aquele que estava dançando. Novamente, foi realizado um giro, seguido da troca do dançarino. A quarta pessoa a dançar com a aniversariante foi uma mulher, o que pareceu ser um pouco inusitado, pois gerou risos de muitos dos presentes, inclusive das próprias dançarinas.

Essa dinâmica se manteve por cerca de 8 minutos, até que a aniversariante se cansou e decidiu parar. Ao todo, ela deve ter dançado com aproximadamente 10 pessoas, sendo que os dois primeiros dançaram duas vezes. Dentre os dançarinos, havia até um mototaxista uniformizado que deve ter dado uma pausa no trabalho só para participar da valsa. Após a dança, o DJ ainda puxou um “Parabéns pra você” em ritmo de tecnobrega.

A festa continuou bastante animada e com a pista de dança sempre cheia. Dessa vez preferi não arriscar a dança. Por fim, reparei que eu havia me esquecido do balde de cerveja que meu amigo tinha ido comprar. Quando o encontrei, já não havia mais cervejas no balde e tive que me contentar com um copo de cerveja que ele conseguiu pra mim, sabe-se lá onde. Acabado o copo, a hora já estava muito avançada e resolvi ir embora. Saí do bar e, como de costume, havia uma infinidade de mototáxi à frente do evento. Avistei aquele mototaxista dançarino e fui até ele para elogiar a dança e tentar conseguir um desconto para voltar para casa. No caminho, ouvi mais uma vez sobre os perigos da ponte da Pedreira.

1.3 Super Pop Live

Um dos maiores colaboradores da pesquisa foi Rodrigo, um mototaxista que me levou a várias festas. Conheci Rodrigo na porta do Porto São José, localizado no bairro Barreiro, onde fui assistir às aparelhagens Crocodilo e Mauro Som 3D. Um conselho recorrente em Belém foi o de evitar permanecer muito tempo à frente das casas de show ao fim dos eventos, pois, segundo dizem, são momentos mais propícios a assaltos. Por essa razão, fui em direção ao primeiro mototaxista que avistei, e era o Rodrigo. Como já havia sofrido com alguns preços abusivos, resolvi combinar o preço antes da viagem. Ele queria me cobrar R\$ 20,00 pelo mesmo trecho que eu havia pagado R\$17,00 por um taxi convencional. Argumentei que por esse preço era mais interessante ir de taxi e propus pagar R\$ 10,00. Rodrigo aceitou e reconheceu: “Num custa nada tentar um pouco mais, né”. No caminho, fomos conversando sobre a questão da violência nas festas de aparelhagem e percebi que ele poderia ser um bom colaborador para a pesquisa, para além do serviço de mototaxista.

A cada nova viagem eu vivia uma pequena aventura. Rodrigo nunca usava capacete. Nas primeiras vezes que andei com ele eu até usava, mas ao perceber que as conversas que ocorriam nos trajetos eram bastante valiosas, aboli de vez o capacete para facilitar o diálogo. O desleixo com as regras de trânsito não parava por aí. Trafegar na contramão e no passeio era bastante comum. Em uma dada oportunidade tivemos que dar uma longa volta no caminho, pois Rodrigo avistou luzes de carros de polícia. É bem provável que a moto fosse toda irregular. Além disso, o medo em relação à violência não afetava apenas a mim. Mesmo sendo morador de áreas periféricas, ele ficava bastante tenso de estar à noite na região do Guamá e Jurunas, que não era o ‘setor’ dele.

Certa noite, pedi que Rodrigo me levasse numa casa de show chamada Fazenda Show, onde ocorreria uma festa com o Super Pop Live, talvez a maior aparelhagem da atualidade. No trajeto até o local, Rodrigo me contou histórias de quando era frequente nas festas. Ele se vangloriava de ser um exímio dançarino e que, através da dança, paquerava várias mulheres.

Ao chegar ao local do evento, fiquei bastante impressionado com a movimentação à frente da casa de show, pois se tratava de uma segunda-feira. Havia muitas motos estacionadas, filas enormes, na bilheteria e na entrada da festa, além de vários ambulantes. Comprei os ingressos, combinei um horário de retorno com o

Rodrigo e me encaminhei para a entrada do estabelecimento. Como de costume, passei pela revista dos seguranças e entrei por uma porta que dava acesso a uma área aberta, onde se localizavam os banheiros e algumas barraquinhas de comida. À frente, havia mais uma porta que, enfim, levava ao interior da casa de show.

O lugar era bem grande e já se encontrava com um público bom, mas, à primeira vista, o que mais chamava atenção era o Super Pop Live. A aparelhagem era linda e enorme. Já entendi, de antemão, porque ela despertava o fascínio de tantos fãs. O salão estava tomado de frequentadores, com mesas dispersas por todo o ambiente, entretanto sem nenhuma cadeira. Havia garçons que circulavam pelo salão com mesas levantadas ao alto e as posicionavam em locais indicados pelos frequentadores que iam chegando. As pessoas ficavam ao redor das mesas, direcionadas para assistir a aparelhagem e no centro das mesas, novamente, estavam os baldes cheios com cervejas e gelo.

No momento em que cheguei, estava no fim da performance do primeiro dos quatro DJs que integram o Super Pop Live. Apesar da festa já apresentar um público bom, os frequentadores não aparentavam estar muito animados ainda. Alguns poucos dançavam timidamente, outros cantavam uma música ou outra.

Em seguida, iniciou-se a performance do DJ Wesley que foi precedida de uma vinheta de apresentação exaltando esse DJ que havia sido recém contratado pela aparelhagem. Durante essa vinheta, as luzes piscavam com bastante intensidade e várias imagens passavam rapidamente pelos telões da aparelhagem. DJ Wesley interagiu bastante com o público presente – “Vai começar!” “Bora balançando, sacudindo, agitando! Bora com o Wesley!” – e, ao fim desse momento inicial, houve uma explosão de confetes e serpentinas.

Quando a discotecagem do DJ Wesley começou de fato, o ambiente já estava com outro clima. O público ficou bastante agitado, dançando, cantando e levantando as mãos ao ar. O DJ alternava rapidamente as músicas e abaixava o som nos refrãos mais populares, convocando os frequentadores a cantar. As interações com o público eram constantes e variadas. Ora pedia para o público bater palma, ora mandava abraços para algum frequentador. Em alguns momentos, ele falava tanto que mal era possível ouvir a música que estava sendo tocada. Mas o público não aparentava se incomodar.

Ao menor sinal de desânimo do público, DJ Wesley apresentava uma novidade. Em um dado momento, pediu que todas as luzes se apagassem e manteve só a batida rítmica que é a base do tecnobrega. O público reagiu prontamente com gritos de empolgação. Após alguns segundos de escuridão, o DJ fez uma contagem regressiva

bastante eufórica e, novamente, houve uma explosão de confetes e as luzes voltaram a piscar com bastante intensidade, deixando o público bastante animado.

Já passava das 2h da manhã, o local estava completamente lotado e eu imaginei que a festa começaria a esvaziar, afinal de contas era uma segunda-feira de uma semana normal de trabalho. Eu estava completamente enganado, pois o grande show ainda estava por começar.

Percebi uma movimentação diferente na nave e o DJ Wesley começou a se despedir. As luzes começaram a piscar com muita intensidade, iluminando totalmente o ambiente, até que todas se apagaram subitamente. Iniciou-se uma projeção do voo de uma águia sobre uma cidade em chamas. O narrador anunciava que o águia de fogo, que é o símbolo dessa aparelhagem, estava chegando. Ao fundo, a música dizia: “E faz a garra do águia! E faz a garra do águia! E faz a garra do águia! Pega sua presa e dá-lhe a bicada”. DJ Élison, que era o que estava iniciando sua performance, sugeriu uma coreografia com as mãos simulando uma garra e o público repetia o gesto.

“E é dando bicada que o águia vai sobrevoandooooo. Sobe meu águia”, gritava o DJ. O lugar de onde o DJ se apresentava tinha o formato de uma águia que, nesse momento, começou a levantar. “3, 2, 1. É agoraaaaa!” Uma explosão de confetes, toca o tema de “Baile de Favela” – um funk que fazia bastante sucesso na época – e o público reage em uníssono: “how, how, how, how”. Ao lado da águia, havia um grupo de frequentadores que fazia uma grande festa nesse momento, inclusive, utilizando alguns pequenos fogos de artifício.

“Abre suas asas meu águia!” Respondendo ao comando do DJ, a águia abriu suas asas vagarosamente, enquanto era possível ouvir uma espécie de canto característico dessa ave. A cabeça da águia começou a se movimentar e o público voltou a se manifestar: “how, how, how, how”. “Joga o bracinho pra cima que o bagulho vai começar! Bota a mãozinha pra cima! Bate na palma da mão, na palma da mão.” E o público continuava respondendo às incitações do DJ Élison. De repente, entrou um dançarino em uma passarela à frente da aparelhagem. Após mais uma contagem regressiva do DJ, o dançarino realizou uma pirueta para trás e, ao aterrissar no chão, fogos saíram da base da passarela. O público foi à loucura! Havia uma grande sincronia entre o dançarino e as mixagens do DJ. Ao fim de uma sessão musical, o dançarino realizou mais um salto, seguido novamente de fogos de artifício e iniciou uma música com um clima um pouco distinto.

De repente, eis que encontro o mototaxista Rodrigo bastante empolgado dentro da festa. Ainda faltava um pouco para a hora combinada, mas, como ele era conhecido do funcionário da portaria, conseguiu entrar para curtir um pouco. Permanecemos um tempo no interior da festa conversando. Logo no começo do papo, Rodrigo sugeriu que fossemos no bar comprar alguma bebida para não parecermos ‘lisos’ (sem dinheiro).

Ele também alertou para eu ter cuidado com meu celular e carteira, pois, na festa, havia um casal de ‘lanceiros’ que ele conhecia – entendi que eram como batedores de carteira. No caso desse casal, eram pessoas que estavam muito bem vestidas. Segundo ele, a mulher era uma “patricinha” que namorava um “malandro” e cometia pequenos crimes “pela emoção” e não pela necessidade.

A festa ainda duraria muito tempo, pois ainda faltava a performance do DJ Juninho, mas decidi ir embora por já ter chegado à hora combinada com o Rodrigo. Na saída, parei para comer um tacacá ainda dentro da casa de show, quando vejo o DJ Juninho chegando. Conte para o Rodrigo que eu queria entrevistar algum DJ do Super Pop Live, mas até aquele momento minhas tentativas tinham sido em vão. Rodrigo rapidamente se dirigiu ao DJ, me apresentou dizendo que eu estava em Belém para aprender e difundir a cultura das aparelhagens para todo o Brasil e insistiu com o DJ Juninho que ele devia me atender. Eu fiquei um pouco envergonhado, pois não era exatamente essa o objetivo da pesquisa, mas fingi que tava tudo certo.

Para minha surpresa, o apelo do Rodrigo deu certo. O DJ Juninho me deu um cartão e me indicou a pessoa que deveria procurar. Uma semana depois, eu estava no estúdio da rádio Liberal, assistindo ao “Frequência Liberal”, programa que os DJs do Super Pop Live apresentam de segunda a sexta, e pude entrevistar o DJ Wesley.

1.4 Apresentação

Iniciei o presente trabalho apresentando três relatos de experiências vividas por mim nas festas de aparelhagem. Meu intuito foi, na medida do possível, transportar o leitor ao universo das festas de aparelhagem. Esses relatos misturaram fatos vivenciados em várias festas visitadas e foram organizados em três eventos de forma a contemplar uma série de aspectos que serão desenvolvidos ao longo do trabalho.

Mas, afinal de contas, o que são essas tais festas de aparelhagem? Nas palavras de Guerreiro do Amaral (2009, p.17), festas de aparelhagem “correspondem a eventos

itinerantes que acontecem em diferentes locais nas periferias de Belém, em áreas da zona metropolitana, ou mesmo em localidades do interior do Estado”. Ocorrem festas de aparelhagens em casas de shows, em quadras e ginásios poliesportivos, em hotéis, em clubes e em sedes sociais de associações; nas ruas, em barcos, em ilhas, em balneários e em estabelecimentos na beira da praia.

As aparelhagens são empresas que possuem equipamentos sonoros, luminosos e cenográficos para animar esses eventos. Elas podem variar de tamanho – de pequeno, médio e grande porte, segundo dizem as pessoas envolvidas nesse universo. Em geral, “possuem cabine de controle, torres de caixas de som, telões e diversos aparelhos de efeitos especiais (ascensão da cabine de som, iluminação etc.), DJs e funcionários dedicados à montagem e operação dos equipamentos” (LEMOS E CASTRO, 2006, p. 38). Muitas dessas empresas são de base familiar, que são passadas de pai para filho, sendo que algumas delas existem há mais de 60 anos. Existem algumas poucas aparelhagens que são grandes empreendimentos comerciais, cujo valor do equipamento ultrapassa a cifra de um milhão de reais.

No repertório executado pelas aparelhagens destaca-se o gênero tecnobrega, uma variação do brega paraense, criado no fim dos anos 1990 e que tem como principal característica a utilização de uma batida eletrônica específica, instrumentos virtuais e sons manipulados sinteticamente por meio de softwares de computador. Em menor medida, é possível ouvir, também, o próprio brega paraense, funk, arrocha, sertanejo, entre outros.

Atualmente existem três ‘segmentos’¹ distintos de aparelhagem, cuja diferença diz respeito ao repertório musical predominante em cada uma delas. Por essa razão, dediquei cada um dos relatos iniciais a um ‘segmento’ de aparelhagem: o primeiro a uma festa com aparelhagens de ‘saúde’, o segundo de ‘marcantes’ e o terceiro de ‘toca tudo’. Ao longo do trabalho, demonstrarei como essas diferenças influenciam diretamente em diversos aspectos relacionados às dinâmicas das festas.

As festas de aparelhagem mobilizam diariamente milhares de pessoas, se apresentando como a principal opção de lazer das populações da periferia de Belém. Por essa razão, a presente pesquisa tem como objetivo compreender o que atrai tantas pessoas a se reunirem em torno desses eventos. Quais são as motivações envolvidas? Que tipo de relações elas estabelecem entre si e com as aparelhagens? Quais os

¹ Utilizarei aspas simples para me referir a termos e expressões compartilhadas pelas pessoas envolvidas no universo das festas de aparelhagem, constituindo categorias nativas.

significados envolvidos nessa prática sociocultural? Qual a relação dessas pessoas com a música tocada nos eventos?

Visando atingir esse objetivo, adotei a etnografia como metodologia principal. Sendo assim, utilizei a noção de etnografia da música proposta por Seeger para nortear o trabalho:

A etnografia da música não deve corresponder a uma antropologia da música, já que a etnografia não é definida por linhas disciplinares ou perspectivas teóricas, mas por meio de uma abordagem descritiva da música, que vai além do registro escrito de sons, apontando para o registro escrito de como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros processos musicais e sociais, indivíduos e grupos. A etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons (SEEGER, 2008, p. 239).

A presente etnografia difere um pouco da proposta de Seeger, pois não se dedica ao registro escrito dos sons, mas à abordagem analítica dos eventos, como também sugere o autor. A peculiaridade está exatamente no fato de o foco da pesquisa ser as pessoas que apreciam a música no ambiente das festas de aparelhagem, em detrimento das que a produzem. Essa proposta está em consonância com o paradigma etnomusicológico apresentado por Titon, segundo o qual a etnomusicologia se apresenta como o estudo das pessoas experienciando música – e não somente em relação ao fazer musical (TITON, 2008, p.28).

Devido à escolha pelo método etnográfico, realizei a pesquisa de campo, que me possibilitou aproximar desse público e observar as relações que os frequentadores estabelecem durante as festas de aparelhagem, entrevistar diversas pessoas relacionadas às aparelhagens, além de ter tido experiências importantes e interações pessoais com os frequentadores. As entrevistas foram semiestruturadas, para as quais elaborei dois roteiros – um destinado aos produtores (Anexo II) e outro aos frequentadores (Anexo III) – contendo alguns temas de interesse. Entretanto, procurei deixar os meus interlocutores livres para direcionar as conversas para os assuntos que os interessavam.

Ao chegar a Belém, ficou claro que a pesquisa de campo não se limitaria às vivências nas festas e entrevistas. Estar na cidade foi uma oportunidade de ficar em contato constante com a cultura e o modo de vida das pessoas que lá vivem. Foi bastante importante, por exemplo, comer tacacá e o vatapá paraense nas barracas em frente à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, o açaí com peixe frito no Mercado Ver-o-

Peso, ir ao famoso RexPa no Mangueirão, ouvir brega nos alto-falantes de rua enquanto esperava ônibus, ser atendido pelo SUS num hospital público, utilizar o mototáxi como meio de transporte (sem capacete, trafegando pela contramão ou em cima do passeio), sentir calor e não se incomodar de ficar sempre suado ou ser surpreendido pela chuva do fim da tarde.

Ainda visando atingir o objetivo principal da pesquisa, propus uma aproximação teórico-metodológica com a área de conhecimento da geografia, buscando entender em que medida os aspectos físicos, econômicos e sociais de Belém influenciam a vivência dos frequentadores nas festas de aparelhagem; e, o contrário, como esse universo altera a paisagem urbana, as relações de trabalho e o convívio social na cidade. Para auxiliar a análise, lancei mão de três categorias de análise do espaço geográfico: lugar, paisagem e território. Especificamente sobre o lugar, categoria com a qual propus um diálogo mais estreito no decorrer do trabalho, considere sua relação com as noções de singularidade e experiência.

A metodologia da pesquisa ainda contou com pesquisas bibliográficas nas áreas de conhecimento da etnomusicologia, musicologia, geografia, antropologia e urbanismo. Realizei levantamentos de dados em trabalhos acadêmicos dedicados à cidade de Belém e em documentos de órgãos públicos das instâncias federal, estadual e municipal, consultei artigos jornalísticos disponíveis na internet e assisti a documentários e a programas televisivos sobre o tecnobrega. Além disso, realizei pesquisa e observações das relações que se desenrolam nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, e em grupos do aplicativo de celular *WhatsApp*.

A presente pesquisa se justifica na medida em que apresenta um enfoque ainda pouco usual nas etnografias da música. É bastante comum que o interesse dos pesquisadores da etnomusicologia esteja centrado nas pessoas que estão produzindo os sons musicais. Aqui, a observação gira em torno de como as pessoas se relacionam com a música executada pelas aparelhagens, ficando a análise do som subordinada às reações desencadeadas na audiência.

Outra característica que confere importância ao trabalho é a proposta de aproximação entre etnomusicologia e geografia, por meio da utilização de conceitos e metodologias desta área de conhecimento. Espera-se que essa aproximação permita olhares diferentes e complementares, sobretudo no que diz respeito à relação dos frequentadores com o espaço urbano.

A festa de aparelhagem é uma prática cultural que encontra ampla mobilização popular não só nos bairros populares de Belém, como em diversas cidades do interior do Estado do Pará e até fora dele. Apesar de toda a sua relevância sociocultural, o tema ainda é pouco abordado sob o viés do estudo etnomusicológico. A exceção é a pesquisa de Paulo Murilo Guerreiro do Amaral, intitulada “Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia: etnografia da produção do tecnobrega em Belém do Pará”, que foca sua etnografia nos estúdios de produção do Tecnobrega, nas festas de aparelhagem e nas bandas do gênero, além de discutir o estigma de música de má qualidade relacionado ao gênero.

A estrutura deste trabalho inicia-se com a discussão teórica dos assuntos de interesse, apresenta uma visão macro de Belém, com enfoque nas regiões periféricas, adentra o universo das festas de aparelhagem, para enfim abordar a perspectiva da experiência das pessoas.

Sendo assim, no primeiro capítulo, me proponho a discutir a questão do lugar. Inicialmente, lanço mão de ideias proposta por autores da etnomusicologia, refletindo sobre de que maneira as práticas musicais influenciam e são influenciadas pelo lugar em que elas ocorrem. Apresento, também, alguns autores do campo da musicologia que, de alguma forma, estabeleceram um diálogo com ideias caras ao estudo geográfico. Em seguida, discuto o lugar à luz da geografia, abordando sua relação com a perspectiva da singularidade e da experiência, e apresento conceitos de paisagem e território, priorizando aqueles que dialogam com aspectos relacionados às subjetividades dos indivíduos. Por fim, discuto o papel da proximidade na produção de uma identidade coletiva.

No segundo capítulo, apresento o lugar segundo a perspectiva da singularidade. Demonstro o histórico de ocupação da cidade de Belém, dando especial atenção para a formação da periferia, que coincide com os locais onde ocorre a maioria das festas de aparelhagem. Além disso, traço um panorama atual da cidade Belém, sendo possível detectar algumas questões urbanas sensíveis com as quais os frequentadores de festas de aparelhagem se deparam cotidianamente, como a precariedade e a informalidade das relações de trabalho, problemas de mobilidade urbana, moradia e segurança pública.

No terceiro capítulo, aprofundo no universo das festas de aparelhagem através da bibliografia. Apresento um breve histórico das aparelhagens e dos gêneros brega e tecnobrega, detalhando características específicas deste último. Trato do estigma em relação ao universo das aparelhagens, bem como as tentativas de superação, apresento o

modelo de negócio do tecnobrega, debato a importância dos aparatos tecnológicos, o papel da pirataria e em que medida o tecnobrega pode ser considerado uma expressão cultural de resistência.

O quarto capítulo é dedicado à análise das experiências observadas e vivenciadas nas saídas de campo. Início detalhando as decisões metodológicas e os desafios relacionados à pesquisa de campo, apresento meus interlocutores e trato da importância dos grupos de *WhatsApp* para os frequentadores e para a pesquisa. Em seguida, abordo aspectos anteriores às festas de aparelhagem, como a divulgação, o deslocamento e a segurança, e analiso a paisagem do interior das festas, levando em conta a relação entre ‘segmentos’ de aparelhagem, repertório executado e formas de fruição dos frequentadores. Por fim, trato das reações dos frequentadores no contexto das festas, suas motivações, a questão das equipes e fã-clubes, a importância da dança e a relação com o consumo de drogas.

Por fim, na conclusão, abordo os principais aspectos tratados no decorrer da dissertação e aponto algumas reflexões pessoais que foram desencadeadas a partir das vivências em campo e das relações estabelecidas com as pessoas em Belém.

A presente pesquisa é resultado de experiências e aprendizados que se iniciaram no curso de graduação em Turismo do Instituto de Geociências da UFMG, que concluí em 2008. Foi durante esse período que tive meu primeiro contato com textos do geógrafo Milton Santos, uma grande inspiração para a presente pesquisa, e que me interessei pelas maneiras pelas quais a geografia busca compreender o mundo.

A pesquisa, também, é fruto de um interesse por gêneros musicais urbanos criados e fortemente consumidos pelas camadas mais populares da sociedade brasileira e que, muitas vezes, carregam um forte estigma social e o rótulo de música de má qualidade. É importante dizer que alguns livros dedicados ao universo *funk* carioca (VIANNA, 1988 e ESSINGER, 2005) e à música brega nacional (ARAÚJO, 2005) foram responsáveis em transformar esse interesse prévio em vontade de percorrer a trajetória na pós-graduação.

2. VARIAÇÕES SOBRE O LUGAR

Desde o início da presente pesquisa, uma questão que sempre esteve bastante presente para mim era que, para compreender os frequentadores das festas de aparelhagem, seria fundamental compreender o lugar onde essas pessoas vivem, circulam, trabalham e se divertem: “O local onde as pessoas se movem, individual e coletivamente, com objetivo de construir uma realidade que deve ser compartilhada entre os sujeitos” (LIMA e ROSA, 2013, p. 11). Além disso, é fundamental compreender de que maneira essas pessoas interagem e se relacionam com esse lugar.

Dessa forma, no presente capítulo pretendo discutir a questão do lugar. Primeiramente, o tema será abordado sob a ótica de autores da etnomusicologia. Em seguida, lançarei mão de conceitos caros à geografia, considerando a relação do lugar com outras categorias de análise do espaço – paisagem e território. Por fim, apresentarei algumas ideias do geógrafo Milton Santos, relacionadas ao que ele chama de “a força do lugar”.

Na pesquisa bibliográfica realizada para a confecção deste capítulo, busquei dar enfoque a conceitos que, de alguma forma, proporcionassem um diálogo entre essas duas áreas de conhecimento. Todas as ideias aqui apresentadas serão úteis para as análises contidas no capítulo 5 do presente trabalho.

2.1 O Lugar à luz da etnomusicologia

Para embasar este capítulo, empreendi uma vasta pesquisa em alguns dos principais teóricos da etnomusicologia. Entretanto, pouco encontrei sobre de que maneira o lugar – o chão, a estrutura física, para além das relações que nele se desenvolvem – influencia nas práticas musicais, e, o caminho inverso, como as práticas musicais influenciam na configuração espacial dos lugares.

De uma forma geral, os trabalhos pesquisados abordam a relação entre as práticas musicais e os contextos sociais aos quais tais práticas estão inseridas. Como exemplo, cito a concepção de Merriam (1964, p. 5) de que os sons musicais são o “resultado do processo de comportamento humano que são moldados por valores, atitudes e crenças das pessoas”. Blacking (1995, p. 223) vai além e defende que a música não apenas reflete as características culturais de determinado grupo humano,

como promove alterações em vários aspectos de diversas ações sociais. Nesse sentido, música não seria simplesmente algo que acontece na sociedade, mas a sociedade pode ser algo que acontece na música (SEEGER, 1987 *apud* STOKES, 1997, p. 2).

Para Turino (2008, p. 2), as práticas musicais, assim como a dança e demais manifestações artísticas, são centrais para a articulação de uma identidade coletiva, permitindo a “formação e manutenção de grupos sociais, que são, por sua vez, fundamentais para a sobrevivência”.

Não há dúvida de que a discussão que envolve a relação música/sociedade é fundamental para a compreensão do universo das festas de aparelhagem. Para além dessa questão, interessa-nos, também, entender em que medida a música e as pessoas, reunidas em torno de um contexto musical, influenciam² e são influenciadas pelas características físicas do lugar.

Ainda dentre os autores etnomusicólogos, destaca-se Stokes (1997) que editou um livro que aborda o papel da música no estabelecimento de identidades regionais e nacionais, e a possibilidade de construção de “lugares” através da música. O autor utiliza o conceito apresentado por Giddens (1991, p. 22), segundo quem o lugar seria “melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente”. Giddens considera que uma das consequências da modernidade é a separação entre lugar e espaço:

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela "presença" — por atividades localizadas. [...] Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS, 1991, p. 22)

² Existe uma corrente de pensamento denominada Determinismo Geográfico que defendia que “as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural”. Entretanto, tal pensamento foi refutado por correntes antropológicas que acreditam haver limites na “influência geográfica sobre os fatores culturais” (LARAIA, 2001, p.21). É importante salientar que o presente trabalho não visa o estabelecimento de “áreas musicais” de modo a possibilitar “generalizações sobre uma área geográfica ou cultural maior do que a ‘tribo’ ou comunidade individualmente descrita” (SEEGER, 2008, p. 247), nem determinar a forma original e “o local de origem de uma determinada manifestação”, tal como pretendiam os difusionistas (REILY, 1990, p.7).

Stokes complementa apontando para a possibilidade de lugares serem construídos ou realocados por meio do “evento musical”, que “evoca e organiza memórias coletivas e apresenta experiências de lugar com intensidade, poder e simplicidade incomparáveis com qualquer outra atividade social³” (STOKES, 1997, p.3).

A música, como cultura, simboliza os limites (as fronteiras) sociais (STOKES, 1997, p. 4; MEDEIROS, 2009, p. 220). Ela não apenas reflete os padrões culturais e estruturas sociais, como provê “os sentidos pelos quais o espaço pode ser transformado” e as “hierarquias do lugar são negociadas” (STOKES, 1997, p. 4). Stokes defende ainda que “sem compreender as condições locais, linguagens e contextos, é impossível saber o que são essas práticas e seus significados” (*Ibidem*, p. 7).

Existem, ainda, alguns trabalhos que estabelecem uma conexão entre a música e as categorias de análise do espaço geográfico, assunto que será abordado a seguir. Wisnik (1999), por exemplo, trata da possibilidade de se relacionar escalas musicais a determinados territórios. Para o autor, isso se torna possível devido ao fato das escalas serem construídas culturalmente e apresentarem fortes características étnicas. “Ouvindo certos trechos melódicos, dos quais identificamos não conscientemente o modo escalar, reconhecemos frequentemente um território, uma paisagem sonora, seja ela nordestina, eslava, japonesa, napolitana ou outra” (WISNIK, 1999, p. 71).

Por falar em paisagem sonora, eis outro termo que já traz em sua essência o diálogo entre música e geografia. Criado por Schafer, a paisagem sonora diz respeito a “qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudo” (SCHAFER, 1997, p. 366 *apud* MARRA, 2007, p. 29). Ela é composta pelo conjunto de eventos sonoros que são passíveis de serem contextualizados e relacionados com a fonte produtora do som.

Por fim, cito o trabalho de Glauro Lucas (2005), intitulado “Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá”, que trata das formas com que a música organiza o tempo ritual nas práticas culturais relacionadas ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário nas comunidades dos Arturos e do Jatobá. Nesse trabalho, a autora trata da relação entre tempo ritual-musical e os espaços que são ocupados pelos congadeiros no decorrer dos festejos.

³ “The musical event [...] evokes and organises collective memories and present experiences of place with na intensity, power and symplicity unmatched by any other social activity” (STOKES, 1997, p.3).

2.2 O lugar à luz da geografia

Tradicionalmente, a questão do lugar é exaustivamente discutida pela geografia, sendo possível encontrar concepções diversas. Para essa área de conhecimento, o lugar se apresenta como uma das categorias de análise que são utilizadas para compreender uma dada realidade – assim como a paisagem e o território. Pretendo, aqui, apresentar uma breve discussão sobre essas categorias, focando nos pontos que me serão úteis. Devido às dinâmicas do espaço geográfico, essas categorias devem ser compreendidas levando em consideração suas conexões e inter-relações (GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 34).

A ideia de espaço geográfico pressupõe uma relação entre natureza e sociedade, podendo ser compreendida como “uma totalidade dinâmica em que interagem fatores naturais, socioeconômicos e políticos” (GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 34). As noções de lugar e espaço “não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p.6), visto que, numa acepção elementar, o lugar é uma porção limitada do espaço, um recorte do “espaço geográfico sob uma dimensão pontual (localização espacial absoluta)” (GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 35).

Para além desse aspecto estritamente físico, o conceito de lugar traz consigo uma ideia de afetividade, remetendo à experiência vivida, às “referências pessoais e os sistemas de valores que induzem a diferentes formas de perceber e construir a paisagem, e o espaço geográfico” (*Ibidem*, p. 35).

Giometti *et al.* defende que a discussão do lugar deve levar em conta a sua relação com a experiência e com a singularidade. O lugar como experiência:

[...] caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Nesta linha de raciocínio, o lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas. (GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 35)

A perspectiva da experiência remete ao conceito de topofilia, no qual os significados de determinado lugar podem ser construídos a partir de visões subjetivas, relacionadas às percepções emocionais dos indivíduos (TUAN, 1975, p. 1015, *apud*, GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 36). Por meio da experiência, o conceito de espaço e lugar

podem se confundir: “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

Nesse sentido, existe uma grande diferença entre as visões acerca de um mesmo lugar para um morador e para um visitante, pois eles focalizam aspectos diferentes do ambiente. Para Tuan, a percepção do visitante “frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua emersão na totalidade de seu meio ambiente” (1980, p. 72, *apud* LIMA e ROSA, 2013, p. 11).

Já sob a perspectiva da singularidade, o lugar deve ser compreendido levando em consideração as características históricas e culturais referentes a seu processo de formação, bem como sua articulação com os traços referentes à mundialidade que estão em constante processo de constituição:

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20 *apud* GIOMETTI *et al.*, 2012, p. 35)

Outra categoria de análise da geografia é a paisagem. Esse termo é utilizado no cotidiano das pessoas e seu sentido pode se apresentar bastante diverso. Para Santos, a palavra paisagem é muitas vezes utilizada em substituição à expressão configuração espacial, que diz respeito ao “conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área” (SANTOS, 2006, p. 67). De forma sucinta, a paisagem é uma porção do espaço que a visão consegue abarcar (*Ibidem*, p. 67).

A paisagem também conjuga temporalidades distintas numa articulação entre presente e passado:

Tudo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons [...] A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas seja quanto ao tamanho, volume, cor ou qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. (SANTOS, 1996, p. 61, *apud* LIMA E ROSA, 2013, p. 8)

Além disso, paisagem apresenta-se de uma “maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação” (CASTRO, 2002). A dimensão real da paisagem diz respeito ao concreto, àquilo que se vê. A paisagem como representação surge do processo cognitivo do sujeito observador que é “mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos” (*Ibidem*, p.).

Por fim, tem-se a categoria território. Segundo Couto (2014, p. 42), diversos teóricos buscaram sistematizar uma definição para essa categoria de análise, sendo que tal conceito, consolidado pela geografia política durante o século XIX, se referia à porção do espaço delimitada pelas “estratégias geopolíticas dos Estados-nações” (*Ibidem*, p. 43). A partir dos anos 60, o conceito de território desenvolvido pela geografia crítica passa a considerar as diversas relações de poder, para além da atuação do Estado, à medida que “diversos atores sociais compõem o espaço com várias territorialidades que se manifestam em práticas culturais simbólicas, políticas e econômicas” (*Ibidem*, p. 43).

Segundo Haesbaert (2005), o território possui tanto um sentido de dominação, quanto de apropriação. O autor utiliza as ideias de apropriação e dominação trabalhadas por Lefebvre (1986, *apud* HAESBAERT, 2005), no qual a primeira diz respeito a processos simbólicos e relativos ao valor de uso, enquanto que a segunda se refere ao seu caráter concreto, funcional e seu valor de troca (HAESBAERT, 2005, p. 2).

Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96 *apud* HAESBAERT, 2005, p. 2)

Todo território é ao mesmo tempo funcional e simbólico, podendo variar o grau de predominância de um sobre o outro, pois “exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para produzir ‘significados’”. Essa distinção entre funcional e simbólico pode ser compreendida a partir dos sujeitos que os constituem ou os controlam, sejam eles grupos sociais, instituições privadas, o Estado, a Igreja, etc. (*Ibidem*, p. 3).

Santos (2000, *apud* HAESBAERT, 2005) faz a distinção entre território como recurso, relativo à ação de “atores hegemônicos”, e território como abrigo, que diz respeito aos “atores hegemonzados”. Haesbaert concorda com a distinção, embora

questione os termos utilizados por Santos, uma vez que, para ele, são duas “formas distintas de produção do território como recurso: os dominantes privilegiando seu caráter funcional e mercantil, os dominados valorizando-o mais enquanto garantia de sua sobrevivência cotidiana”. (HAESBAERT, 2005, p. 4)

Para os “hegemonizados” o território adquire muitas vezes tamanha força que combina com intensidades iguais funcionalidade (“recurso”) e identidade (“símbolo”). Assim, para eles, literalmente, retomando Bonnemaison e Cambrèzy (1996), “perder seu território é desaparecer”. O território, neste caso, “não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser”. É interessante como estas dimensões aparecem geminadas, sem nenhuma lógica a priori para indicar a preponderância de uma sobre a outra: muitas vezes, por exemplo, é entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas as mais radicais de apego às identidades territoriais. (HAESBAERT, 2005, p. 4)

Medeiros (2009, p. 217) considera o território como o “espaço cultural de identificação ou de pertencimento”, utilizado por uma determinada população, e o local de ritos onde valores são expressos.

O território é, pois, esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento. Neste sentido, o território é bem um lugar antes de ser uma fronteira, identificado por uma rede de lugares sagrados cujas fronteiras não são linhas, mas muitas vezes são constituídas por espaços vazios, sem lugares e sem habitantes. A fronteira delimita o território, marca o espaço de sobrevivência, o espaço de força. É este o espaço defendido, negociado, cobiçado, perdido, sonhado cuja força afetiva e simbólica é forte. (MEDEIROS, 2009, p. 218)

2.3 A força do lugar

“A força do lugar” é o título da quarta parte do livro *A Natureza do Espaço* de Milton Santos⁴. Esse texto serviu de mote para a concepção do debate que viria a ser desenvolvido na presente pesquisa, pois acreditava que as reflexões trazidas por Santos se relacionavam perfeitamente com as características do tecnobrega⁵, pelo menos os

⁴ SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

⁵ Inicialmente, o objeto de estudo da presente pesquisa era o Tecnobrega, gênero com o qual tive o primeiro contato por meio do documentário *Brega S/A* e devido ao sucesso da cantora Gabi Amarantos. Após a aproximação com o campo, o objeto de estudo mudou para o universo das festas de aparelhagens

aspectos que eu conhecia naquele momento. Apesar de o texto original ter sido escrito antes de o gênero existir, a sensação que eu tinha era que Milton Santos estava descrevendo o próprio tecnobrega, ou toda a cultura relacionada às aparelhagens, e isso ia ao encontro de um dos objetivos específicos iniciais da pesquisa, que é buscar uma aproximação entre a etnomusicologia e a geografia.

Santos (2006, p. 216) aborda a noção de lugar sob um ponto de vista semelhante da perspectiva da singularidade abordada por Giometti *et al.*, (2012). O autor considera que mesmo as metrópoles, “abertas a todos os ventos do mundo”, não são menos individualizadas, e que o papel da vizinhança é potencializado nos países subdesenvolvidos “graças à enorme gama de situações pessoais de renda, ao tamanho desmesurado das metrópoles e ao menor coeficiente de ‘racionalidade’ na operação da máquina urbana”. Esses aspectos, aliados aos inúmeros deslocamentos internos, fazem da cidade um lugar onde existem mais encontros, proporcionando uma intensificação das relações interpessoais.

Esse intenso intercâmbio entre as pessoas é o que permite o crescimento da densidade social, por meio de “trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam” (SANTOS, 2006, p. 216). O autor chama atenção para as mudanças rápidas e qualitativas das relações sociais do mundo contemporâneo, resultado da “pressão humana” exercida por meio do ajuntamento, cada vez mais crescente, de pessoas em espaços limitados. Toda essa agitação faz com que a cultura popular consiga ampliar seu raio de ação pelos mais variados subespaços das grandes metrópoles dos países subdesenvolvidos:

Este último fenômeno é tanto mais significativo porque em nossos dias a cultura popular deixa de estar cantonada numa geografia restritiva e encontra um palco multitudinário, graças às grandes arenas, como os enormes estádios e as vastas casas de espetáculo e de diversão e graças aos efeitos ubiqüitários trazidos por uma aparelhagem tecnorrônica multiplicadora. Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada. (SANTOS, 2006, p. 217)

É importante salientar que há que se problematizar as noções de cultura popular e cultura de massa, e seus limites e fricções, no contexto contemporâneo. Da mesma maneira, os traços caros à localidade por vezes se confundem com a globalidade.

Santos (SANTOS, 2006, p. 215) suscita a noção de *socialidade*, que se apresenta mais intensa na medida em que as pessoas estão mais próximas. Dessa maneira, destaca o importante papel da *proximidade* na produção da consciência e da identidade coletiva. “A contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão” (*Ibidem*, p.), a intensa inter-relação cotidiana entre elas, a possibilidade e a necessidade de se mover dentro da cidade e os encontros que são proporcionados podem “criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade” (GUIGOÛ, 1995, *apud* SANTOS, 2006, p. 216).

O papel da vizinhança na produção da consciência é mostrado por J. Duvignaud (1977, p. 20), quando identifica na "densidade social" produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, uma "acumulação que provoca uma mudança surpreendente" movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, "holista", do mundo e dos homens. (SANTOS, 2006, p. 216)

Após o exposto, penso que as concepções acerca do lugar trabalhadas por essas duas áreas de conhecimento são complementares. A etnomusicologia nos traz grandes contribuições na medida em que enfoca as relações sociais que se desenvolvem em determinado lugar, reforçando a necessidade de se considerar os contextos e condições locais para a compreensão das práticas musicais. Ou seja, embora com foco na música e, portanto, em tempos sociais e rituais, a etnomusicologia não deixa de considerar os espaços e contextos de produção de sentido musical.

Já a geografia tem uma relação íntima com os aspectos físicos, embora não se esteja limitada a eles. As características históricas e culturais que conferem a singularidade do lugar, a questão da afetividade que molda os olhares, a possibilidade de construção de territórios baseado numa identidade compartilhada e o papel da proximidade na consolidação de identidades são alguns aspectos sensíveis que foram apresentados e que permitem o diálogo proposto.

Além desses pontos de contato elencados acima, talvez o aspecto mais valioso seja a questão da experiência. Entender o lugar como o “resultado de significados construídos pela experiência” (TUAN, 1983, p.10), permite-nos realizar uma conexão direta com as vivências etnográficas que foram apresentadas nos relatos iniciais do presente trabalho e serão aprofundadas no Capítulo 5.

3. O LUGAR E A SINGULARIDADE: A CIDADE DE BELÉM

O presente capítulo tem como objetivo auxiliar na compreensão das principais questões urbanas relacionadas à cidade Belém. Conforme vimos no capítulo anterior, uma das formas de compreender o lugar é a partir da perspectiva da singularidade, que leva em consideração as características históricas e culturais referentes a seu processo de formação (GIOMETTI *et al.*, 2002, p. 35).

Dessa forma, apresento o histórico da ocupação da cidade de Belém, dando especial atenção à região conhecida como “Baixada”, que, atualmente, se confunde com as áreas mais empobrecidas da cidade, onde ocorre grande parte das festas de aparelhagens. Por não se tratar do cerne do meu trabalho, busquei apoio em Moreira (1966), Fernandes (2012), Cardoso (2009) e Trindade Jr (1999) para apresentar essa contextualização histórica.

Além disso, traço um panorama atual da cidade, considerando seus aspectos físicos, como clima, relevo, vegetação, hidrografia e pluviosidade, e aspectos sociais, como densidade populacional, questões de emprego e renda, moradia, mobilidade urbana e segurança pública.

No decorrer dos próximos capítulos, veremos que todas as questões que serão abordadas aqui têm influência direta no dia a dia dos frequentadores de aparelhagem e, assim sendo, são fundamentais para compreender o seu modo de vida.

3.1 Urbanização e formação da periferia de Belém

A cidade de Belém foi fundada em 1616. Na primeira fase de seu crescimento, definida por Moreira (1966, p. 52) como fase “Periférica ou Ribeirinha”, que vai da data da sua fundação até meados do século XVIII, sua malha urbana se desenvolveu às margens dos rios, que eram os principais meios de circulação local até a abertura das rodovias na Amazônia (FERNANDES, 2012, p. 58). Nesse contexto, o rio Guamá desempenhou um papel fundamental. Foi por meio dele que ocorreram as primeiras trocas comerciais com os índios; era a principal via de acesso ao Maranhão e suas margens eram bastante utilizadas para a agricultura. Essa centralidade dos rios fez com que a cidade se desenvolvesse “inicialmente em termos de periferia, só depois é que passou a se expandir em termos de penetração” (MOREIRA, 1966, p. 48).

Não só condições geográficas, como a própria função histórica da cidade lhe impunha esta adstrição ribeirinha. Como praça forte, como boca de sertão e como centro missioneiro ela não podia se distanciar da beira d'água, pois o elemento hídrico era ao mesmo tempo a via, o atrativo e o campo comum de ação do militar, do aventureiro e do missionário. Por isso, enquanto foi pioneira, Belém permaneceu confinada à faixa marginal, o que importa em dizer que esse marginalismo ou periferismo estava em função – em grande parte pelo menos – do papel que a cidade desempenhava em seus primórdios. (MOREIRA, 1996, p. 49)

De meados do século XVIII até meados do séc. XIX, desenrolou-se a fase de “Penetração” (*Ibidem*, p. 52), caracterizada por uma ligeira ocupação no sentido do continente. Esse processo foi incentivado não só pelo crescimento populacional, mas também pela necessidade de utilização das terras centrais que, por serem mais altas, não sofriam com as constantes enchentes, muito comuns na faixa ribeirinha.

Foi a partir de meados do século XIX que, de fato, o vetor de crescimento da cidade se deslocou para o continente – fase de “Continentalização” –, mesmo que de forma desigual e lenta (*Ibidem*, p.51). Os principais fatores que desencadearam esse processo foram a construção das primeiras estradas de rodagem, bem como a Estrada de Ferro de Bragança, e a prosperidade econômica vivenciada pela região em razão do Ciclo da Borracha.

Com o fim do Ciclo da Borracha, em 1912, a região mergulhou numa profunda estagnação econômica, ficando a malha urbana limitada às terras altas, enquanto que áreas mais baixas eram utilizadas para atividades “agropastoris, destinadas ao abastecimento familiar”, apresentando uma baixa densidade demográfica. (FERNANDES, 2012, p. 58)

A partir de 1950, o governo Vargas inicia uma série de políticas desenvolvimentistas⁶ voltadas para a região amazônica. O objetivo era incentivar o povoamento do território, bem como promover uma integração econômica e espacial através da instalação de grandes empresas nacionais e internacionais por meio de concessões de incentivos fiscais (CARDOSO, 2009, p. 38). Esse tipo de política voltada para Amazônia se manteve no governo de JK, com destaque para a construção da rodovia Belém-Brasília: “Esta maior integração físico-territorial foi responsável pela

⁶“A partir desta década, inaugura-se um novo período da economia regional com a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e a transformação, em 1951, do Banco de Crédito da Borracha em Banco de Crédito da Amazônia (hoje Banco da Amazônia) e ainda a criação, em 1952, do Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia (INPA)” (CARDOSO, 2009, p. 38).

transferência de grandes contingentes de migrantes de diferentes regiões do país para o território amazônico.” (CARDOSO, 2009, p. 39)

Foi nesse período que se iniciou a ocupação das áreas de baixadas “por imigrantes, portadores de baixos rendimentos, com dificuldade em comprar lotes em áreas urbanizadas” (FERNANDES, 2012, p. 58). Além disso, essas localidades despertavam um interesse cada vez maior de pessoas que migravam para Belém em razão da sua proximidade com o centro, onde havia uma maior disponibilidade de empregos, diminuindo o custo social com transporte.

Segundo Abelém (1988, p.40) ‘as baixadas são terrenos sem infraestrutura física que com o passar dos anos foram sendo invadidos por pessoas de baixa renda em busca de um lugar para morar’. Elas apresentam características peculiares como: áreas alagadas, população de baixa renda, construções e pontes de madeira, despejos de esgotos industriais e domésticos, ausência de fornecimento de água e coleta de lixo, proliferação de insetos e doenças. Este tipo de ocupação gera elevado grau de degradação. (*Ibidem*, p. 59)

O desenvolvimento e integração da Amazônia brasileira se mantiveram no foco da administração federal após a tomada do poder pelos militares, a partir de 1964. A estratégia principal era priorizar os grandes projetos como a abertura de estradas, a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, exploração mineral (Carajás) e madeireira, entre outros (*Ibidem*, p. 64). Tais ações geraram uma atração de grande contingente populacional, além da expulsão de comunidades tradicionais que acabaram por se instalar na periferia de Belém. Além disso, tensões no meio rural e especulação imobiliária nas propriedades limítrofes à cidade, impactaram a malha urbana, gerando um processo de favelização e o crescimento da informalidade (CARDOSO, 2009, p. 38).

No rastro destes ‘grandes projetos’ o que prevaleceu foi a ocupação do território por grandes empresas nacionais e multinacionais e, sobretudo, a migração de contingentes de desempregados de diferentes regiões do país, dado, por exemplo, os impactos da seca na região Nordeste, e deslocamentos internos do campo para a cidade, movimentos provocados pela busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Este movimento migratório vai causar, de forma abrupta, o adensamento dos núcleos urbanos desprovidos de serviços e equipamentos coletivos para atender necessidades básicas, de educação, saúde, saneamento, habitação e trabalho para os que neles habitam. (*Ibidem*, p. 39)

Esse intenso movimento migratório fez com que as áreas de baixada se tornassem cada vez mais populosas. Segundo Abramo (2007, *apud* CARDOSO, 2009, p. 63), o crescimento populacional na periferia de Belém foi facilitado pela ação de um “submercado de loteamentos clandestinos e irregulares” que teve como resultado a intensificação de assentamentos precários e informais. Dessa forma, aspectos da informalidade acabaram por delimitar a paisagem urbana de Belém.

A partir do fim da década de 60 inicia-se a fase da “metropolização” (TRINDADE JR, 1999, p. 3), em que cidades e vilas são incorporadas pela malha urbana da Belém. Esse período é marcado por transformações significativas na configuração espacial da região amazônica em função da sua integração econômica com as regiões Nordeste e Centro-Sul, propiciada em grande medida devido à inauguração da rodovia Belém-Brasília (*Ibidem*).

Dentre os impactos acarretados pela rodovia Belém-Brasília, Cardoso (2009, p. 41) aponta o aumento das desigualdades regionais, a fragilização da indústria local devido à facilidade de acesso aos produtos de outras regiões, o surgimento de novos núcleos urbanos e o acentuado crescimento demográfico da Região Metropolitana de Belém. Segundo Trindade Jr., (1999, p. 3), essa fase do desenvolvimento urbano de Belém foi marcada pela ambiguidade:

De um lado temos, mais do que nunca, a consolidação de um modo de vida extremamente moderno, sofisticado e artificializado. De outro, temos o crescimento do baixo terciário, o déficit habitacional, a favelização acentuada, a insuficiência dos serviços e equipamentos urbanos, etc. (*Ibidem*, p. 3)

Durante a década de 1980, o fraco crescimento econômico comprometeu o projeto desenvolvimentista do regime militar. Dessa forma, não foi possível minimizar os problemas gerados pelo desemprego, tampouco suprir a necessidade de investimento em infraestrutura demandada pela intensa expansão urbana da Região Metropolitana de Belém. Para agravar ainda mais o problema, a cidade de Belém se manteve “atraindo populações carentes em busca de melhores condições de vida” devido à sua disponibilidade de “serviços médicos, educacionais, que não existiam nas cidades do interior e nas capitais de alguns estados vizinhos” (FERNANDES, 2012, p. 65).

Segundo Cardoso (2007, *apud* FERNANDES, 2012, p. 65), a cidade de Belém viu sua periferia crescer 11% por ano durante a década de 1980. Ainda segundo o autor,

a Região Metropolitana de Belém apresentou um crescimento anual de 3,68 %, que corresponde ao dobro do crescimento nacional no mesmo período.

O crescimento da periferia metropolitana foi fortemente influenciado por dois grandes vetores de ocupação territorial: os conjuntos habitacionais do SFH e os assentamentos precários, que se desenvolveram ao longo de dois eixos viários e suas áreas lindeiras: rodovia BR-316 e Av. Augusto Montenegro (Figura 13⁷). Até então, a periferia metropolitana era composta por núcleos urbanos pouco populosos, como as sedes municipais de Ananindeua, Marituba e Benevides. (FERNANDES, 2012, p. 65)

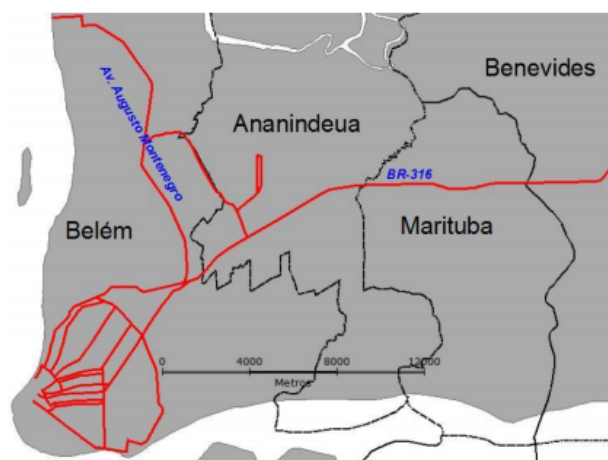


Figura 1. Eixos de expansão urbana da RMB
Fonte: FERNANDES, 2012

3.2 Caracterização da cidade

Belém é a capital do estado do Pará localizado na região norte do Brasil. A cidade possui uma população estimada de 1.452.275 pessoas, predominantemente urbana, distribuídas em uma área de 1.059,458 km², o que confere à cidade uma densidade demográfica de 1.315,26 hab/km² (IBGE⁸). A cidade é dividida em distritos administrativos, sendo o Distrito Administrativo Guamá (DAGUA)⁹ o que apresenta um

⁷ A Figura 13 da citação de FERNANDES corresponde à Figura 1 do presente trabalho.

⁸ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/1501402/>>. Acesso em: 07 mar. 2017

⁹ O DAGUA é formado pelos bairros Montese (Terra Firme), Condor e parte dos bairros do Jurunas, Batista Campos, Cidade Velha, Cremação, Guamá, Canudos, São Brás, Marco e Curió-Utinga.

maior contingente populacional (342.742 habitantes) (BELÉM, 2012). A incidência de pobreza no município de Belém era de 40,6% em 2003 (IBGE¹⁰).

A cidade apresenta um clima quente e úmido, com ausência de estação fria e temperatura média em 2009 de 26,9° C (BELÉM, 2012). As chuvas são constantes durante todo o ano, apresentando uma maior precipitação pluviométrica entre os meses de janeiro a maio e média anual de 2.834 mm.

Belém apresenta uma topografia baixa e pouco variável. A altitude máxima é de 25 m, registrada na ilha de Mosqueiro, sendo que grandes áreas da malha urbana se encontram abaixo dos 4 m de altura (“Baixadas de Belém”), o que dificulta o escoamento das águas da chuva e faz com que a cidade sofra bastante influência das marés altas (BELÉM, 2012). Em razão disso, enchentes e inundações são bastante comuns na cidade.

A rede hidrográfica de Belém apresenta características que são centrais para a cidade. Como vimos anteriormente, Belém se desenvolveu historicamente em função dos seus cursos d’água que foram fundamentais para a economia local, bem como para a definição dos limites da malha urbana. Os principais acidentes hidrográficos são as Baías do Marajó, ao norte, e do Guajará, a oeste, e o Rio Guamá, ao sul. Além desses rios, existem diversos igarapés ao longo da cidade, como Bacuri, Val-de-Cans, Uno e Maguaria, que demarcam a paisagem urbana. Outra característica marcante da cidade é a existência de diversas ilhas – ao todo 42, segundo o Anuário Estatístico do Município de Belém de 2011 –, com destaque para Mosqueiro, Combu, Cotijuba e Caratateua (Outeiro) (BELÉM, 2012).

Apesar de Belém estar localizada na região amazônica, sua vegetação encontra-se em estágio avançado de degradação devido à “velocidade do desmatamento, a crescente ocupação urbana e a dilapidação das florestas remanescentes, restando florestas pobres, com funções e estruturas alteradas” (*Ibidem*). A cobertura vegetal do município é composta por florestas secundárias e capoeiras, ficando as florestas densas restritas a pequenas faixas principalmente nas ilhas de Mosqueiro e Caratateua.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/1501402/pesquisa/36/2003>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

3.2.1 Características econômicas e do mercado de trabalho

A economia de Belém, assim como da região amazônica como um todo, se desenvolveu tendo como base as trocas comerciais que ocorriam ao longo dos cursos d'água. Mesmo todas as alterações estruturais que ocorreram ao longo do tempo, como os investimentos federais na Amazônia e a criação de grandes estradas, não foram suficientes para alterar essa vocação mercantil. Ainda hoje é possível perceber características que remetem a esse momento histórico, como a venda de produtos agroextrativistas (frutos, farinhas, ervas, peixes etc.) nas feiras e mercados da cidade.

A cidade de Belém apresenta uma estrutura econômica cujo PIB é pautado predominantemente pelo setor de comércio e serviço. Segundo o IBGE¹¹, esse setor é responsável por quase 70% do PIB do município. Em 2010, 92,6% das empresas da Região Metropolitana de Belém estavam ligadas ao setor de comércio e serviços, restando 6,7% para a indústria e apenas 0,8% à agropecuária (CEMPRE-IBGE, 2010, *apud* FERNANDES; SOUSA; RODRIGUES, 2015, p. 101). Dentre as atividades de serviço se destacam atividades administrativas e serviços complementares (18,2%), atividades profissionais, científicas e técnicas (11,1%), alojamento e alimentação (9,4%) e transporte, armazenagem e correios (9,4%). Em relação ao comércio, as principais atividades são o comércio varejista (74,6%) e comércio atacadista (15,8%) (*Ibidem*).

Para além dos dados do mercado formal, Belém se caracteriza por apresentar um amplo mercado informal:

Nesse ponto, o que poderíamos acrescentar de maneira peculiar no caso da RMB¹², seria a relação de informalidade que deriva, e também se explica, de um perfil demográfico específico e das características históricas de formação da RMB decorrentes da informalidade já tradicionalmente existente no comércio praticado nas cidades ribeirinhas sob influência da RMB. Este comércio seria o elo central de uma rede de cidades que se alimenta do fluxo diário de milhares de pequenos produtores e comerciantes das ilhas e localidades ribeirinhas que abastecem os mercados e feiras do centro metropolitano. (*Ibidem*, p. 96)

¹¹ IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/1501402/pesquisa/38/2014>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

¹² RMB – Região Metropolitana de Belém.

Em 2011, a RMB possuía uma População Economicamente Ativa de 1.07 milhões de pessoas, das quais 89,1% (953 mil pessoas) encontravam-se ocupadas e 10,9% (117 mil pessoas) desempregadas (PNAD-IBGE, 2011, *apud* FERNANDES; SOUSA; RODRIGUES, 2015, p. 107). Dentre a população ocupada, 44,1% era de trabalhadores informais, o que representa um número bastante expressivo.

Outro ponto a se considerar é que a remuneração média mensal dos trabalhadores informais é bastante inferior à dos trabalhadores formais – R\$ 532,30 dos trabalhadores informais contra R\$ 930,90 dos trabalhadores formais (FERNANDES; SOUSA; RODRIGUES, 2015). “A força de trabalho à margem do núcleo capitalista acaba viabilizando sua reprodução através do trabalho por conta própria, do subemprego ou na ajuda a membros da família” (*Ibidem*, p. 114). É importante destacar ainda que o serviço público é responsável por 50,3% dos trabalhadores formais no setor de Serviços.

3.2.2 Mobilidade Urbana

Os investimentos em mobilidade urbana são fundamentais para permitir ou não o acesso da população às várias localidades de uma cidade. Não raro, esses investimentos se dão de forma desigual e segregacionista, priorizando áreas em que já houve investimento anterior e que apresentam condições melhores devido à localização privilegiada. Dessa forma, aprofunda-se o abismo de qualidade do solo urbano entre áreas nobres e periféricas (VASCONCELOS, 1995, *apud* PONTE e RODRIGUES, 2015, p. 231).

Segundo Ponte e Rodrigues (2015, p. 233), a Região Metropolitana de Belém apresenta uma mobilidade urbana bastante crítica. Dentre as razões para esse fato está o crescimento expressivo da frota de veículos. Em 2013, a RMB apresentava quase o dobro de veículos existentes em todo o restante do estado do Pará em 2010. Entre 2006 e 2013, houve um incremento de 115,5% na frota veicular. Além disso, ocorre um fato bastante curioso. A frota de veículos cresceu cerca de nove vezes mais que o próprio crescimento populacional entre 2010 e 2013 (DENATRAN, *apud* PONTE e RODRIGUES, 2015, p. 234).

Outro fator que agrava a questão da mobilidade urbana na Região Metropolitana de Belém é a expansão metropolitana. O número de residências na RMB cresceu de 316 mil em 1991 para 601 mil em 2010, enquanto que a média de moradores por residência

caiu de 4,88 para 3,79 (IBGE, *apud* RODRIGUES e PONTE, 2015, p. 235). Essa expansão metropolitana, ocorrendo a partir da periferia, gera maiores distâncias de deslocamento, bem como novos locais de moradia, frequentemente precária, que não são atendidos pelos serviços públicos de transporte (RODRIGUES e PONTE, 2015, p. 235).

Em termos da questão da moradia, por exemplo, a redução do número de moradores por domicílio impacta, caso seja mantida a tendência no longo prazo, em uma alteração na composição do déficit habitacional (alterando o peso da coabitação familiar, historicamente crônica na RMB), bem como uma tendência de agravamento relativo da mobilidade em função da própria expansão do parque imobiliário, constituindo novas periferias com precariedade de infraestrutura – e não o adensamento e melhor aproveitamento de infraestruturas existentes, como seria social e tecnicamente desejável na expansão metropolitana. (*Ibidem*, p. 235).

A questão do tempo gasto com os deslocamentos é outro fator determinante para a precariedade da mobilidade urbana da RMB. Em 2010, 10,3% da população de Belém gastava mais de uma hora no deslocamento residência/trabalho (IBGE, 2010, *apud* RODRIGUES e PONTE, 2015, p. 240). O tempo de deslocamento é maior entre as populações mais pobres e habitantes de áreas periféricas, graças às “deficiências dos sistemas de transporte público da RMB e à sua falta de integração funcional e tarifária” (RODRIGUES e PONTE, 2015, p. 240). Há de se pontuar, ainda, que a disponibilidade de veículo particular é um fator evidente de aumento de mobilidade.

3.2.3 Moradia e saneamento básico

A cidade de Belém apresenta sérios problemas relacionados às questões de moradia, uma vez que 50,2% da população da Região Metropolitana de Belém reside em áreas de assentamentos subnormais¹³. O déficit habitacional¹⁴ na cidade é de 50,14%, segundo o Ministério Público do Pará (MPPA)¹⁵.

¹³ Segundo o IBGE (2013, p.18), aglomerado subnormal “é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa”. São características para a definição de um aglomerado subnormal a ocupação ilegal da terra, urbanização fora dos padrões e precariedade dos serviços públicos.

¹⁴ “O conceito de déficit habitacional utilizado está ligado diretamente às deficiências do estoque de moradias. Engloba aquelas sem condições de ser habitadas devido à precariedade das construções ou em

Em relação ao saneamento básico, 73,76% dos domicílios são abastecidos pela rede geral de água, enquanto que 22,52% utilizam poços ou nascentes. A rede geral de esgotamento sanitário contempla apenas 25,99% dos domicílios. 49,83% utilizam fossa séptica e 10,06% fossa rudimentar. A coleta pública de lixo atende 95,39% da população (*Idem*) e apenas 36,1% das vias públicas são urbanizadas¹⁶.

Segundo Couto (2014, p. 19), o espaço das grandes cidades é “reflexo e condição para a reprodução de relações sociais capitalistas”. Dessa forma, é possível perceber as desigualdades sintetizadas no espaço urbano e todo um conjunto de relações que acabam por beneficiar uma parcela restrita da população, ao passo que exclui o acesso a serviços básicos para a maioria. O autor ainda complementa que a precária infraestrutura é agravada pela pouca atenção dada pelas políticas de planejamento urbano nas áreas periféricas.

Na cidade de Belém, o espaço urbano aparece assim fragmentado, onde os espaços habitados pela elite identificam-se pelo consumo de bens e serviços, assim como uma infraestrutura de alta qualidade, com grande densidade técnica, que, muitas vezes, é financiada pelos governos. Porém, nos espaços periféricos, como os bairros do Guamá e da Terra Firme, predomina uma dinâmica de necessidades e, junto a ela, um sem número de alternativas econômicas criadas no cotidiano que têm como fim, a sobrevivência. Ao lado das alternativas econômicas, torna-se imperativa a criação de alternativas habitacionais, uma vez que “sem” opções no mercado imobiliário formal, com pouco ou nenhum financiamento público ou privado, os atores das periferias são forçados a se sujeitar a formas de habitação altamente degradadas, num entorno social sem emprego, saúde e educação de qualidade. (*Ibidem*, p. 20)

virtude de desgaste da estrutura física. Elas devem ser repostas. Inclui ainda a necessidade de incremento do estoque, devido à coabitação familiar forçada (famílias que pretendem constituir um domicílio unifamiliar), aos moradores de baixa renda sem condições de suportar o pagamento de aluguel e aos que vivem em casas e apartamentos alugados com grande densidade de pessoas. Inclui-se ainda nessa rubrica a moradia em imóveis e locais com fins não residenciais” (BRASIL, Ministério das Cidades, 2009, p. 16)

¹⁵ Disponível em: <[https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Belem\(3\).pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Belem(3).pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2017.

¹⁶ Urbanização de vias públicas: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>>. Acesso em: 09 out. 2017

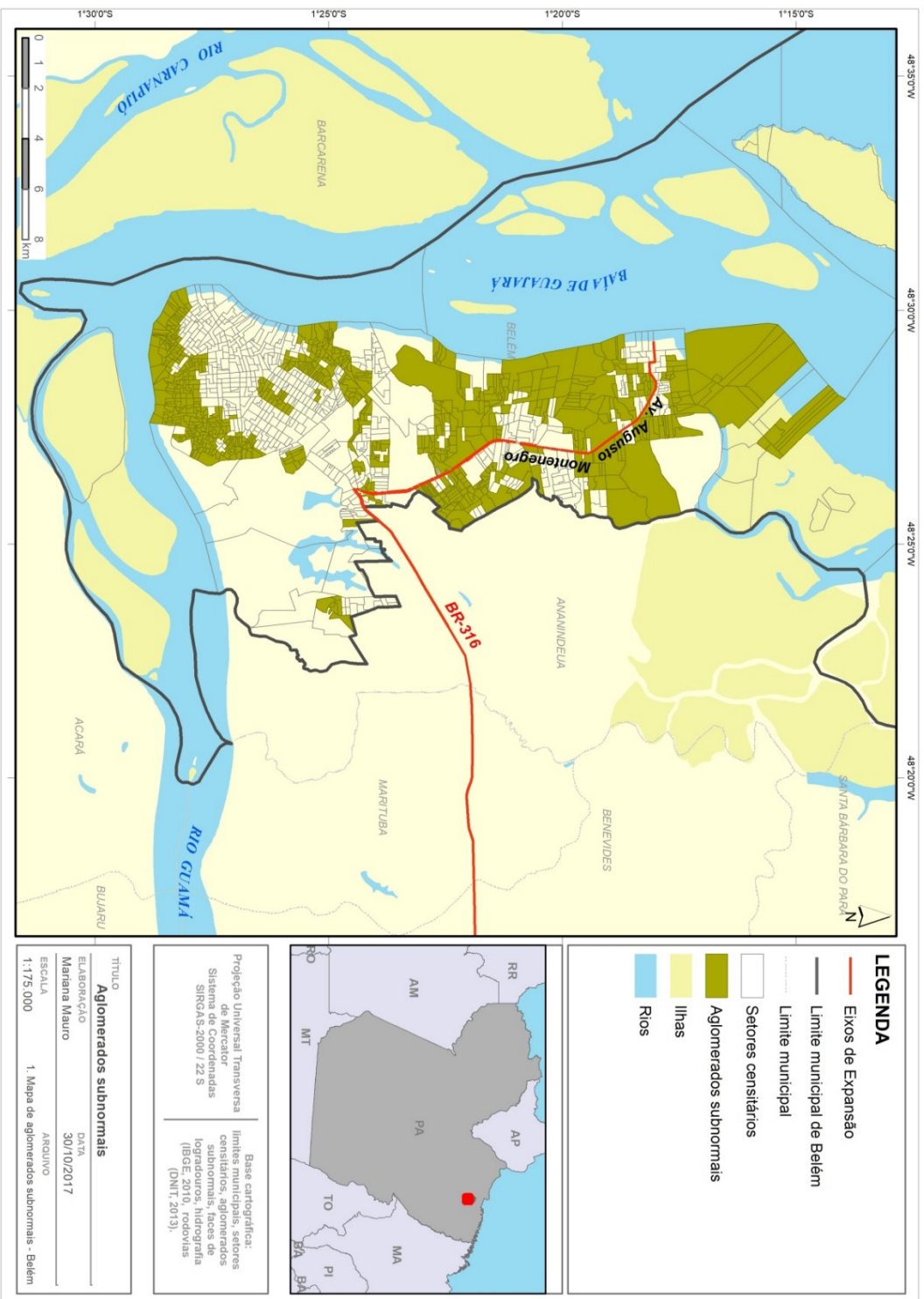


Figura 2. Mapa de aglomerados subnormais em Belém/PA¹⁷

¹⁷ Os mapas das figuras 2, 3, 4 e 5 foram gentilmente confeccionados por Mariana Fonseca Mauro. Esses mapas demonstram que os locais onde ocorrem as festas de aparelhagem coincidem com as áreas de maior concentração de aglomerados subnormais e de maior densidade populacional.

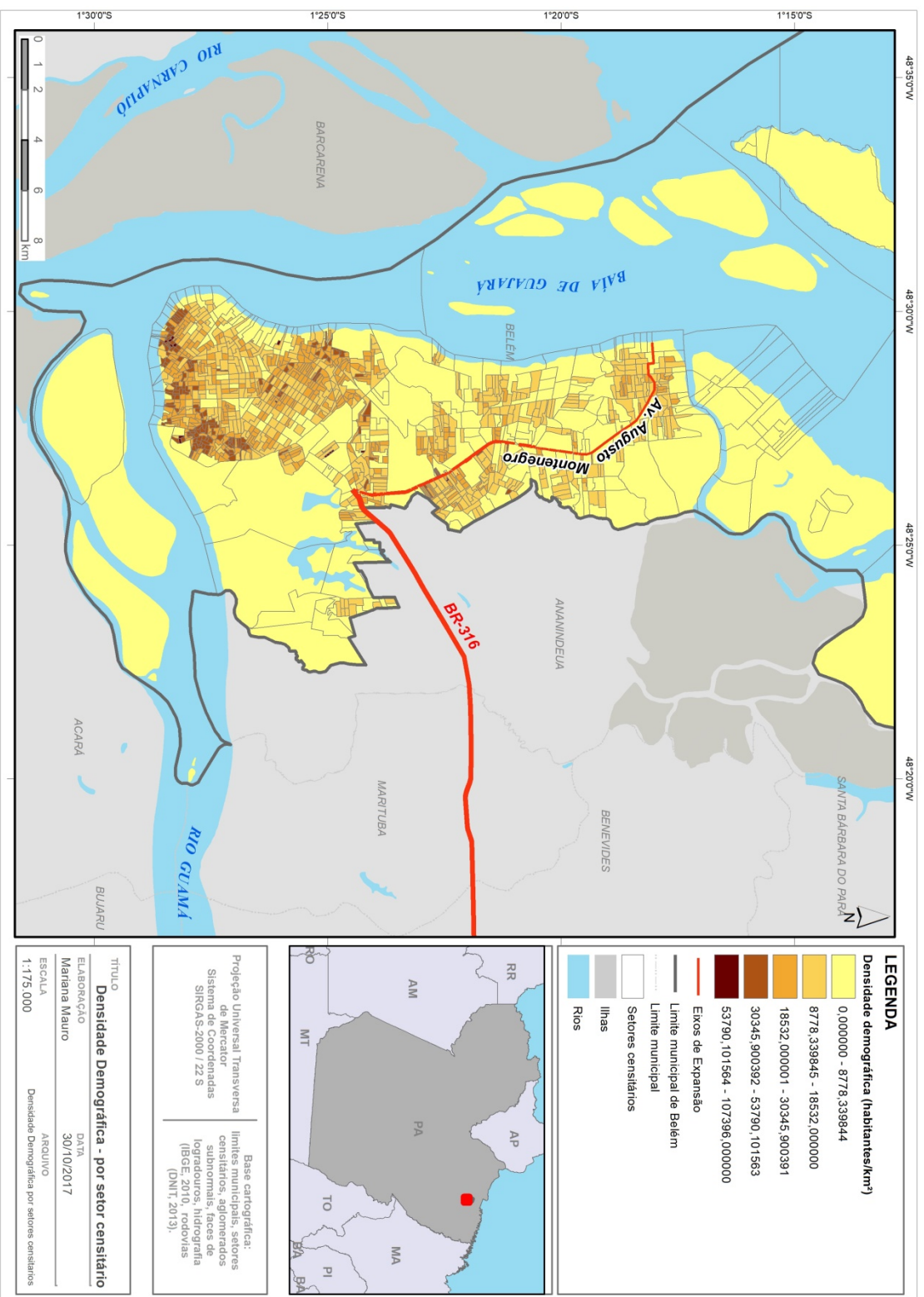


Figura 3. Mapa de densidade demográfica em Belém/PA

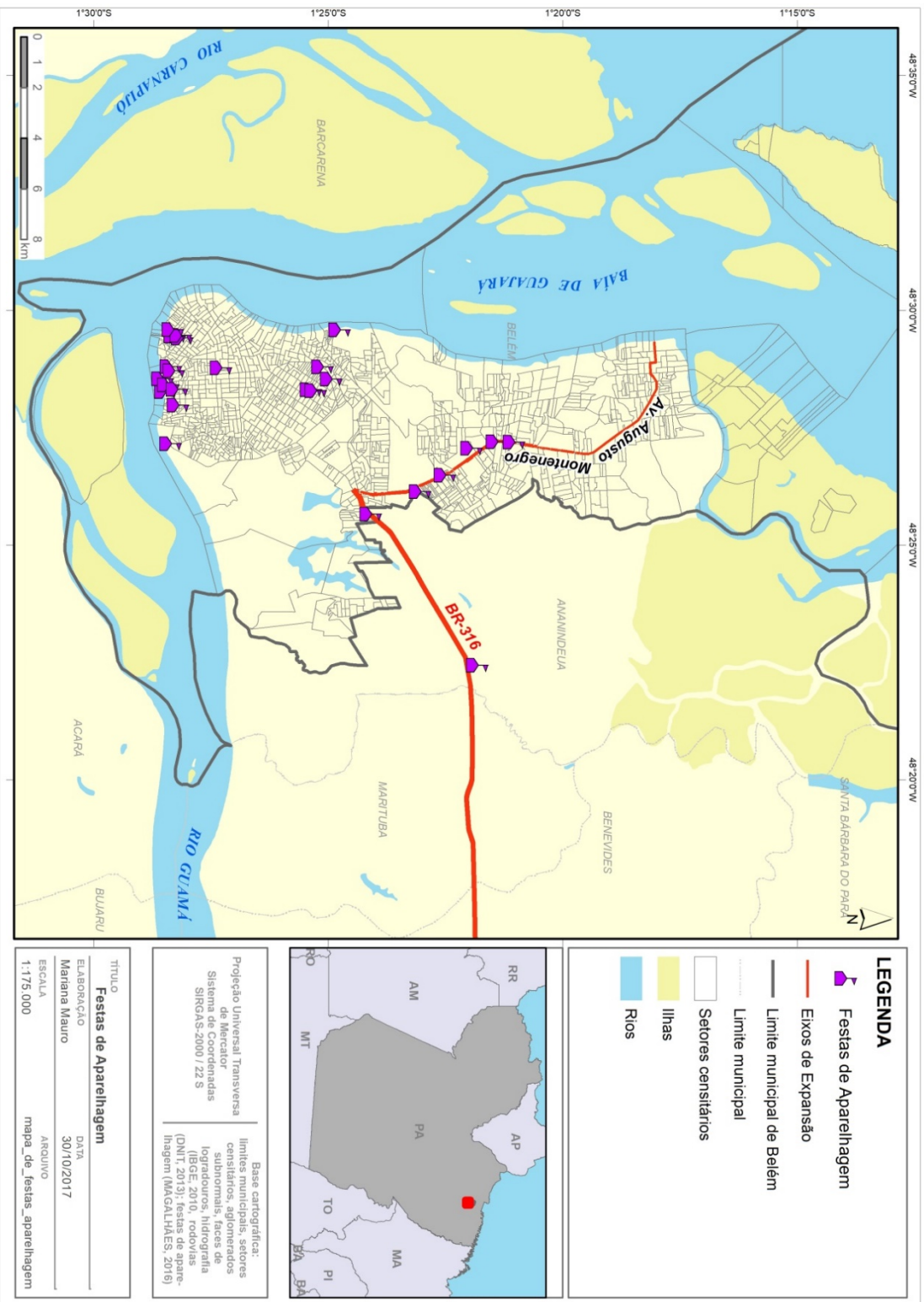


Figura 4. Mapa de festas de aparelhagem em Belém/PA

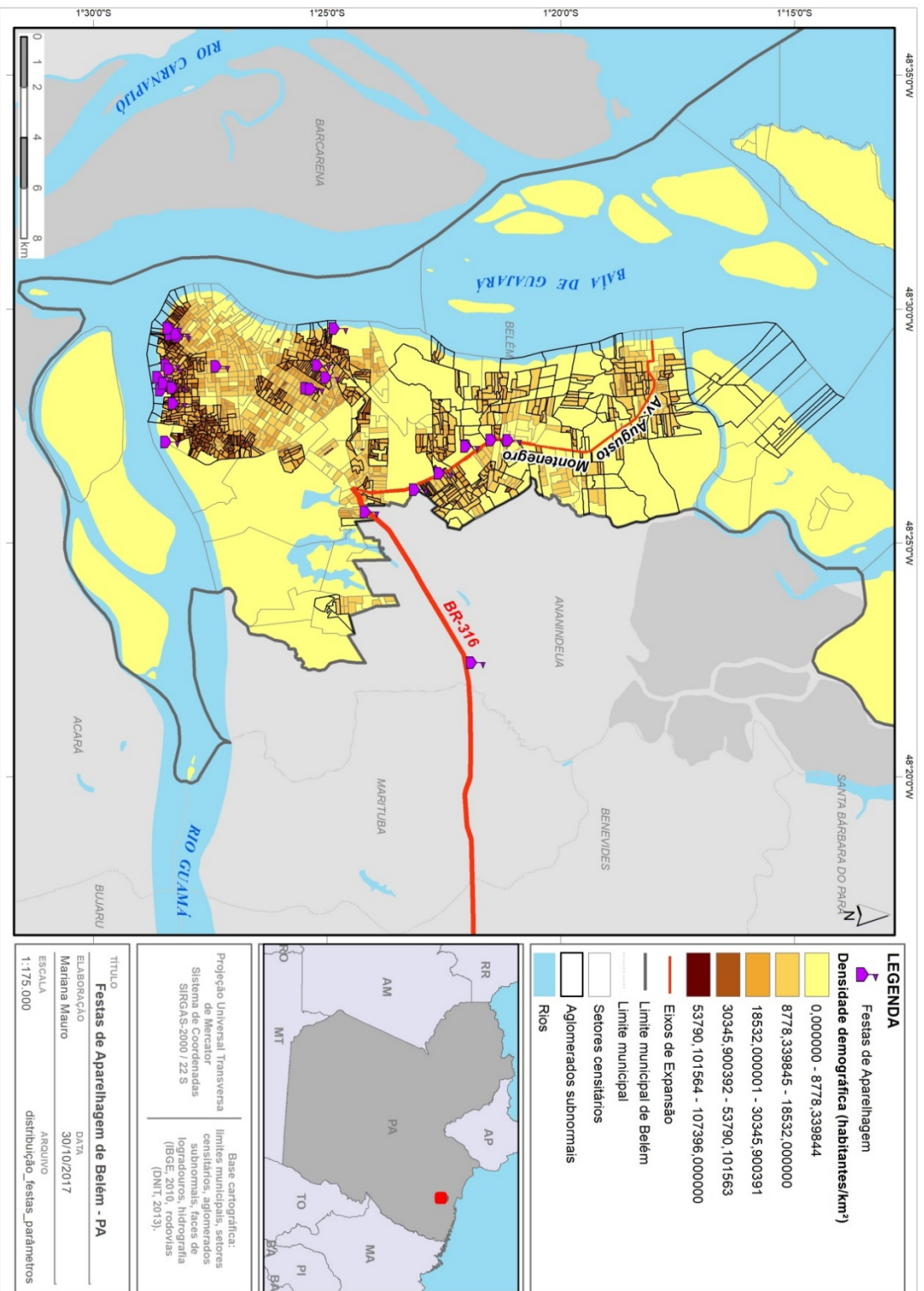


Figura 5. Mapa síntese

3.2.4 Segurança Pública

A Região Metropolitana de Belém apresenta elevadas taxas de criminalidade. Entre os anos de 2000 e 2010, foi a segunda região metropolitana do Brasil com maior aumento do número de homicídios (CHAGAS, 2014, p. 193). Chagas defende que a criminalidade da cidade não se distribui de forma homogênea, sendo que as maiores taxas de criminalidade de Belém coincidem com “áreas de intensa periferização, composto na sua maior parte de aglomerados subnormais” (*Ibidem*, p.). Em 2012, os bairros com maior incidência de criminalidade foram respectivamente Guamá, Pedreira e Jurunas (BELÉM, 2012), sendo que, em 2010, as principais ocorrências registradas foram relativas a roubo (26.209 ocorrências), homicídio (845 ocorrências) e estupro (511 ocorrências), segundo o Ministério Público do Pará. Tais bairros são os mais populosos da cidade e apresentam precários indicadores socioeconômicos.

A existência de pontos críticos de serviços e infraestrutura urbana possibilita a instalação de práticas ilícitas nas periferias das grandes cidades, uma vez que os problemas estruturais são de grande importância para a eficácia da criminalidade, especialmente no que diz respeito ao tráfico de drogas, que ganha terreno “em locais de extrema insegurança e instabilidade, nos quais a miséria e a pobreza imperam” (COUTO, 2014, p. 13).

[...] a exclusão social, a precária atuação do Estado, o desemprego crescente e a fragmentação do tecido socioespacial da metrópole são processos que levam à expansão da atuação das redes ilegais do tráfico de drogas, pois essa atividade se apresenta como uma oportunidade de inclusão na sociedade de consumo. (*Ibidem*, p.12)

Conforme vimos, Belém apresenta amplas áreas segregadas, com infraestrutura precária e pouca atenção do Estado, além de grande parte do contingente populacional em situação de desemprego ou informalidade. Especialmente nos bairros localizados nas baixadas de Belém, o narcotráfico é impulsionado pela proximidade com os rios e a facilidade de transporte de drogas por meio de embarcações que ancoram sem fiscalização. Além disso, a geografia urbana, caracterizada por becos e vielas, é utilizada como esconderijo para a atuação dos traficantes (COUTO, 2014, p. 16). Dessa forma, o tráfico de drogas contribui para o crescimento das estatísticas de homicídios na

RMB e acaba por gerar uma sensação de medo e insegurança em toda população (*Ibidem*, p. 24).

O narcotráfico atua de forma estratégica na configuração de sua teia de relações, pois os locais são escolhidos de acordo com as possibilidades de reprodução do sistema e, por isso, quanto maior forem as desigualdades sociais, exclusão e segregação, maiores serão as possibilidades de fixação, principalmente nas grandes metrópoles, que são lócus de pobreza e riqueza, na qual Belém está inserida. (COUTO, 2014, p. 19)

Para além das questões específicas de Belém, a região Amazônica se destaca como uma área de intenso trânsito e consumo de drogas. As características geográficas da região – extensas áreas de floresta, dificuldade de controle das fronteiras e proximidade com os principais países produtores de cocaína – facilitam a inserção de empreendimentos ligados ao narcotráfico e ao contrabando de mercadorias (*Ibidem*, p. 14).

4. DO ESPAÇO INDIFERENCIADO AO LUGAR: O UNIVERSO DAS FESTAS DE APARELHAGEM

Após conhecer o histórico de formação e os principais desafios sociais e econômicos da cidade de Belém, chegamos especificamente ao lugar onde ocorrem as relações sociais que são o objeto principal da presente pesquisa: o universo das festas de aparelhagem. À medida que reduzimos a escala de análise e passamos a conhecer melhor o *locus* objeto do estudo, o espaço indiferenciado vai tomando feições de lugar (TUAN, 1983, p. 6), tornando-se possível uma melhor compreensão acerca desse universo.

O presente capítulo é pautado na bibliografia disponível sobre as festas de aparelhagem e o tecnobrega¹⁸, acrescido de algumas contribuições pessoais, desenvolvidas a partir da observação em campo. Os autores consultados dedicam seus trabalhos ao gênero tecnobrega e não às festas de aparelhagem propriamente dita. Isso se explica pelo fato de que foi após o surgimento do tecnobrega que a cultura de aparelhagem se tornou conhecida para além do estado do Pará.

Conforme veremos, o tecnobrega está presente em praticamente todas as festas, mesmo não sendo o gênero predominante em um dos ‘segmentos’ que serão apresentados. Dessa forma, cabe ressaltar que muito do que foi encontrado na literatura sobre o tecnobrega se aplica a todo o universo das festas de aparelhagem.

No presente capítulo serão tratados assuntos referentes à origem das festas de aparelhagem, do brega e do tecnobrega, os ‘segmentos’ de aparelhagem existentes na atualidade, o modelo de negócio relacionado a esse universo, o estigma vinculado ao brega e as tentativas de sua superação, a importância da tecnologia, os efeitos nos frequentadores, entre outros.

4.1 Surgimento das aparelhagens, do brega e do tecnobrega

O primeiro aspecto que nos ajuda a compreender o surgimento do brega paraense, bem como de todo esse universo relacionado às festas de aparelhagem, diz respeito ao que Barros (2015, p. 136) chama de “musicalidade de fronteira”. Devido à

¹⁸ Dentre os textos consultados, destaco Barros (2009, 2015), Bahia (2015), Lemos e Castro (2008) e Guerreiro do Amaral (2009) que apresentaram maior relevância em relação aos temas trabalhados neste capítulo.

sua posição geográfica, Belém sempre teve uma grande influência dos ritmos caribenhos, fazendo com que as rádios locais tocassem esse repertório antes mesmo dos sucessos populares nacionais (BARROS, 2015, p. 136).

Um indicador dessa forte influência é demonstrado no programa Central da Periferia¹⁹ exibido em 2006 pela rede Globo. O proprietário da aparelhagem Brasilândia, cuja origem remonta a 1945, ao apresentar sua coleção de discos de vinil, destaca discos internacionais como um de lambada da Guiana Francesa, um de cumbia do México e um de merengue (não cita o país de origem). Ele ainda ressaltava que foi a partir dessas influências que surgiu a lambada paraense e que, se não toca esse repertório nos Bailes da Saudade²⁰, o público não “fica satisfeito”.

Talvez seja em razão dessa familiaridade com as referências musicais externas, que “o pop do mundo tenha lugar cativo, ao lado das tradições musicais de raiz (as guitarradas são um clássico) e do cancionário romântico popular, sempre bem acolhido pelos moradores da periferia paraense” (BARROS, 2015, p. 136).

Do ponto de vista da estética musical, Bahia (2015, p. 37) apresenta a categorização taxonômica do gênero brega, proposta por Samuel Araújo²¹ (1988), na qual o brega produzido na região amazônica é colocado na mesma categoria daquele criado no nordeste do Brasil. Segundo Bahia (2015), seria justificável a criação do subgênero brega paraense em função de suas características únicas: misto de elementos da Jovem Guarda, do brega nordestino, de gêneros populares do norte do país, como a lambada e a guitarrada, e dos ritmos caribenhos, como o merengue e o calypso.

A partir da década de 1970, o brega paraense ganhou um forte apelo popular em todo o estado, especialmente nas camadas mais empobrecidas da sociedade. De produção modesta, em função da falta de recursos, o gênero se destacou por abordar temas do cotidiano e desilusões amorosas. Os principais artistas do gênero foram Alípio Martins, Juca Medalha, Luiz Guilherme, Teddy Max, Frankito Lopes²², Míriam Cunha,

¹⁹ CENTRAL DA PERIFERIA. Rio de Janeiro: Rede Globo, 3 de junho de 2006. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PP9nWGgyHqc&t=2314s>>. Acesso em: 05 out. 2017.

²⁰ Bailes da Saudade são festas de aparelhagem em que se tocam músicas antigas. Adiante o assunto será mais bem desenvolvido.

²¹ ARAUJO (1988) propõe 5 subgêneros para o brega, a saber: *Brega Rock*, *Simply Brega* (que compreende o brega do norte e do nordeste), *Deluxe Brega*, *Samba Romântico* e *Brega Sertanejo*.

²² O videoclipe da música “Eu te amo meu amor”, do cantor Frankito Lopes é um exemplo da estética do brega paraense. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DpjJdXyPNR0>>. Acesso em: 05 out. 2017.

Carlos Santos, Ari Santos, Os Panteras, Waldo César, Solano e seu conjunto, Vieira e Banda, Fernando Belém, Beto Barbosa, entre outros (NEVES, 2005).

As aparelhagens tiveram um importante papel na popularização e evolução do brega paraense. As primeiras aparelhagens surgiram na década de 1940 e, inicialmente, se chamavam *sonoros*. Segundo o DJ Zenildo, da aparelhagem Brasilândia, seus pais montaram um pequeno equipamento de som para animar a loja de móveis de propriedade deles. Na década de 1950, surgem os bailes nas periferias de Belém, que eram animados pelos *sonoros* (CENTRAL DA PERIFERIA, 2006²³).

A partir da década de 1970, os *sonoros* passam a se chamar *aparelhagens*, que eram, à época, sistemas simples de som que “viajavam de lugar a lugar, de uma cidade a outra, tocando²⁴ brega em espaços abertos conhecidos como *bregões* ou em clubes chamados de *sedes sociais*”²⁵ (BAHIA, 2015, p. 37). Os moradores das áreas mais pobres da cidade passaram a frequentar tais festas durante os fins de semana, fazendo do brega um dos ritmos mais populares nessas áreas a partir da década de 1980. “Uma pessoa podia ouvir músicas de sucesso do brega em festas privadas, em clubes (*bregões*), em alto falantes nas ruas, do vizinho ao lado, e, sobretudo, existia a festa de aparelhagem” (*Ibidem*, p. 38).

No fim dos anos 1990 e começo dos anos 2000²⁶, surge o tecnobrega, que, de forma sintética, se apresenta como a versão eletrônica do brega paraense. O tecnobrega ganha destaque nacional e passa, inclusive, a ser objeto de pesquisas acadêmicas por apresentar uma cena bastante inovadora no que diz respeito à produção, à distribuição e ao consumo de música.

Do ponto de vista estético, o tecnobrega se apresenta como uma música dançante, que lança mão de artifícios computacionais para a manipulação dos sons (utilização de instrumentos virtuais, *remixes*, alterações nos timbres de voz, entre outros) e exploração de canções de gêneros musicais variados – funk carioca e sertanejo, por exemplo – que são de conhecimento prévio de grande parte do público que frequenta as festas de aparelhagem (GUERREIRO DO AMARAL, 2009, p. 29).

²³ *Central da Periferia* era um programa que surgiu da parceria do antropólogo Hermano Vianna com a apresentadora Regina Casé e tinha como objetivo empoderar as iniciativas culturais de segmentos empobrecidos da sociedade brasileira, que se desenvolvem de forma independente da indústria cultural formal.

²⁴ O “tocar”, neste caso, refere-se à reprodução de gravações e não a tocar instrumentos.

²⁵ “The aparelhagens were simply sound systems that traveled from place to place, from one city to another, playing brega songs in open spaces known as *bregões* or in clubs called *sedes sociais*.” (BAHIA, 2015, p. 37). Todas as referências a esse trabalho foram traduzidos por mim.

²⁶ Segundo Lemos e Castro (2008).

Apesar de lançar mão de instrumentos musicais como guitarra elétrica, teclado e baixo (particularmente em performances de bandas), o *tecnobrega* está conectado em primeira instância ao trabalho de estúdio, onde produtores utilizam computadores, internet rápida e softwares gratuitamente baixados da Web em atividades de manipulação sonora como o mixing (superposição de sons), o sampling (apropriação digital de amostras sonoras) e o looping (repetição de excertos musicais) (GUERREIRO DO AMARAL, 2009, p. 30).

A história do *tecnobrega* decorre da crise no mercado fonográfico, no início da década de 1990. Em decorrência do desenvolvimento de novas tecnologias, tais como a popularização da internet, o surgimento do formato *MP3* e novas plataformas para compartilhamento da música, crescimento da “pirataria” física e digital²⁷, entre outros, ocorreram uma série de transformações na relação produtor e consumidor, entre artista e público, mudando substancialmente o cenário artístico. Isso gerou um encolhimento do mercado da indústria fonográfica e, conseqüentemente, a queda do investimento nos artistas.

Para a indústria de cultura e informação brasileira, as mudanças representaram o acirramento da concentração de mercado, em especial no eixo Rio-São Paulo, constituindo um polo de produção e distribuição de cultura nessa região, com a redução de investimentos em outras regiões e mercados locais. (LEMOS e CASTRO, 2008, p. 19)

Por outro lado, o surgimento dessas novas tecnologias propiciou um maior acesso a recursos de gravação e produção musical, o que incentivou um processo de circulação paralelo ao *mainstream*. Distante do investimento da grande indústria cultural nacional, bem como dos meios de comunicação de massa, o *tecnobrega* lançou mão desses novos recursos disponíveis, aliado a uma grande capacidade criativa e de improviso, para mover esse novo ciclo produtivo, como demonstra Lemos e Castro (2008):

²⁷ Segundo LANNES (2009).

Simplificadamente, podemos dizer que o mercado do tecnobrega funciona de acordo com o seguinte ciclo: 1) os artistas gravam em estúdios – próprios ou de terceiros; 2) as melhores produções são levadas a reprodutores de larga escala e camelôs; 3) ambulantes vendem os CDs a preços compatíveis com a realidade local e os divulgam; 4) DJs tocam nas festas; 5) artistas são contratados para shows; 6) nos shows, CDs e DVDs são gravados e vendidos; 7) bandas, músicas e aparelhagens fazem sucesso e realimentam o ciclo²⁸. (LEMOS e CASTRO, 2008, p. 22)

Segundo Guerreiro do Amaral (2009, p. 16), o fato de o tecnobrega ter sido criado pelas classes populares, especialmente das periferias de Belém, e elas mesmas serem consumidoras, está ligado a um modelo de negócio muito particular. Esse modelo funciona à margem dos princípios que regem a indústria fonográfica convencional. Um artista consegue produzir e difundir sua música sem que, para isso, seja preciso a mediação de uma grande gravadora. Além disso, a venda de discos ocorre nos shows, pelos próprios artistas, e por meio do trabalho de vendedores ambulantes nas feiras populares.

A relação da produção do tecnobrega com os direitos autorais é mais uma característica desse modelo de negócio alternativo. Em geral, os artistas do tecnobrega priorizam a livre circulação e divulgação de seu trabalho, não se importando com os ganhos oriundos de direitos autorais. Inclusive, a “pirataria”, modelo de distribuição não autorizada pelos detentores dos direitos das obras no contexto da indústria cultural formal, é tolerada e, em muitos casos, incentivada. “Para os artistas do tecnobrega, quanto mais sua música for livremente divulgada, maiores são suas chances de se consolidarem no mercado” (LEMOS E CASTRO, 2008, p. 149). Com isso, foi possível a construção de um mercado bem mais dinâmico do que o da indústria cultural formal, disseminando o gênero por Belém, pelo interior do Pará e por outras cidades do norte e nordeste do Brasil, em especial Macapá e região metropolitana de Recife.

Dessa forma, a venda de discos no mercado informal é peça chave para o negócio. A lógica de divulgar amplamente o seu trabalho faz com que os artistas vendam seus discos nos shows a preços acessíveis. Os artistas da cena tecnobrega entendem que a fonte principal de renda está nos shows. O preço dos produtos relacionados ao universo em torno das aparelhagens – discos e DVDs baratos, entradas

²⁸ As aparelhagens também lançam mão da gravação das performances das festas e os discos com essas gravações são vendidos imediatamente para os frequentadores das festas. Além disso, muitas dessas gravações se encontram disponíveis no *Youtube*, servindo como divulgação para as aparelhagens.

gratuitas às festas e promoções de bebidas alcoólicas – propicia o acesso ao consumo por grande parcela da população das periferias, inclusive aquelas de baixíssima renda.

É interessante ressaltar que essa liberdade em relação aos direitos autorais tem implicações diretas no resultado estético das produções. Em geral, os discos de brega e tecnobrega vendidos nas feiras populares são coletâneas com músicas de diversos artistas diferentes. Essas coletâneas têm encartes bastante simples, em função da necessidade de se ter um baixo custo de produção, e, muitas vezes, não trazem sequer o nome dos artistas e das músicas. Com isso, é muito comum a utilização de vinhetas no meio das músicas de modo a identificar o nome do artista, do grupo ou aparelhagem responsável por aquela música. Além disso, segundo Lemos e Castro:

A interação dos DJs com a tecnologia modifica a forma de produção musical, abrindo a possibilidade de improviso, no momento da festa, e de criação de obras com remix executadas uma única vez. O DJ subverte então a noção de autoria no processo artístico, ao recriar, de forma original e única, músicas compostas por outros autores. (LEMOS e CASTRO, 2008, p. 151)

No contexto das festas de aparelhagem, o DJ é a estrela principal. Ele tem a função de escolher o repertório e a sequência das músicas que serão executadas, é o responsável pelas mixagens²⁹ e pela interação e animação do público. Na gíria dos frequentadores, o DJ é o “considerado”, termo “que designa uma pessoa prestigiada, querida e respeitada pelos outros, o que confere a ela um *status* de celebridade” (VILHENA, 2012, p. 29). Antigamente, os DJs discotecavam de costas para o público, enquanto que outra pessoa era responsável por interagir com o público. Atualmente, os DJs se apresentam de frente para a plateia, em uma posição privilegiada, e desempenham essa dupla função de executar o repertório e animar os frequentadores.

²⁹ No decorrer das performances dos DJs, a mixagem consiste em equalizar o som, disparar vinhetas durante as músicas e executar a transição entre elas. O link a seguir inicia-se com dois exemplos dessas vinhetas: um dizendo de forma eloquente “Tupinambá Saudade” e a outra é uma tentativa de simular uma espécie de vocalização indígena. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ocvnd7IxRY>>. Acesso em: 08 set. 2017



Figura 6. Exemplos de aparelhagens antigas³⁰
 Fonte: Grupo Aparelhagem das antigas³¹

O tecnobrega apresenta forte diálogo com a música eletrônica e com a música pop internacional. Como exemplo de tal influência, pode-se citar o fato de que Gaby Amarantos, talvez a mais conhecida representante do tecnobrega, em nível nacional, é considerada a "Beyoncé do Pará"³², em referência à cantora pop norte-americana. Para Guerreiro do Amaral (2014), a utilização de recursos computacionais nas produções do gênero é um indicativo de que o tecnobrega consegue se relacionar com as tecnologias disponíveis no mercado mundial, e que os produtores e diversos atores dessa cena artística transparecem o desejo de se manter atualizados e conectados com as “línguas contemporâneas e universais presentes na música massiva global” (GUERREIRO DO AMARAL, 2014, p. 17).

Apesar disso, as características rítmicas, harmônicas e melódicas herdadas do brega paraense, bem como o discurso e alguns aspectos literários das canções, conferem ao gênero uma identificação regional muito forte. É pop, mas é, sobretudo, paraense.

As relações sociais entre os atores da cena das festas de aparelhagem apresentam características que diferem daquelas dos mercados tradicionais. Segundo Lemos e Castro (2008), esse universo é baseado em relações familiares e de amizades e, por isso, os acordos firmados nem sempre visam exclusivamente a obtenção de lucro. Baseados em valores de confiança que são gerados pela proximidade e pela manutenção futura

³⁰ À esquerda, o DJ da aparelhagem “O Poderoso Rubi”, discotecando de costas para o público e, à direita, estão o DJ e o Mestre de Cerimônias do “Sideral do Guamá, o estéreo da Amazônia”.

³¹ Disponível em: <<https://www.Facebook.com/groups/503461556407262/>>. Acesso em: 09 out. 2017.

³² Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/musica/gaby-amarantos-comenta-o-rotulo-de-beyonce-do-para#.VTGHftzF-So>> Acesso em: 17 abr. 2015.

dos negócios, conflitos tendem a ser solucionados de forma amigável, proporcionando relações comerciais em “que lucros e prejuízos sejam distribuídos de forma mais equilibrada e menos arriscada para ambas as partes” (GUERREIRO DO AMARAL, 2014, p. 47). Dessa forma, é possível diminuir os riscos que a informalidade geralmente traz para os negócios.

4.2 ‘Segmentos’ de aparelhagem³³

Conforme já vimos anteriormente, no universo das festas de aparelhagem atual, existem três ‘segmentos’ distintos: ‘saudade’, ‘marcantes’ e ‘toca tudo’³⁴. O que define os ‘segmentos’ são os gêneros musicais prioritariamente executados, o que determina, também, as formas de recepção e fruição desses gêneros em cada contexto, configurando práticas sociais particulares³⁵, vinculadas a cada gênero. É possível que se apresentem aparelhagens de ‘segmentos’ distintos numa mesma festa – conforme o exemplo da figura 7. São mais comuns, entretanto, as festas dedicadas a apenas um segmento.



Figura 7. Exemplo de festa com aparelhagens dos ‘segmentos’ ‘saudade’ e ‘marcantes’.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PCLDEUZUpQk>. Acesso em: 09 out. 2017.

³³. O presente capítulo é predominantemente baseado na literatura disponível sobre as festas de aparelhagem. Como não encontrei nenhuma menção a esses segmentos de aparelhagem na bibliografia consultada, considerei oportuno introduzir esse assunto na presente seção, por uma questão de organização temática e compreensão de alguns tópicos que estão sendo abordados. O detalhamento metodológico acerca da pesquisa de campo será apresentado no capítulo 4.

³⁴ É importante ressaltar que ‘saudade’, ‘marcantes’ e ‘toca tudo’ são denominações nativas, assim como o termo ‘segmentos’.

³⁵ No momento, será abordada apenas a questão da estética musical predominante em cada um desses segmentos. As análises acerca das relações sociais que ocorrem em cada tipo de festa serão abordadas no capítulo 4.

As aparelhagens do segmento ‘saudade’ surgem da vontade de se reviver os bailes que ocorriam no começo da história das aparelhagens³⁶. Inclusive, alguns DJs de aparelhagens desse segmento lançam mão de discos de vinil em suas performances. Esse tipo de aparelhagem apresenta um repertório pautado nos bregas *antigos* e, em menor medida, em gêneros de outros países da América Latina, como merengues e cumbias. As músicas desses gêneros são executadas em suas versões originais, ou seja, não existem batidas eletrônicas nem manipulações sonoras por parte do DJ³⁷.

Utilizei a denominação brega *antigo*, pois a discotecagem desse segmento não se limita aos bregas paraenses. Conforme vimos nos relatos iniciais do presente trabalho, a canção “Linda Juventude”, do grupo mineiro 14 Bis, foi executada em uma festa desse segmento, sendo que, para muitos, ela nem seria considerada brega. Isso demonstra que a noção de brega, nesse contexto, é bastante flexível.

Além desse repertório, não é raro ouvir alguns tecnobregas ‘marcantes’ – ver adiante – e os atuais “arrochas”, porém de forma bastante pontual, em momentos específicos da festa.

Já as aparelhagens de ‘marcantes’ apresentam, predominantemente, o repertório do subgênero *melody*, com ênfase nas músicas que fizeram sucesso no início do Tecnobrega, a partir do fim dos anos 90. São músicas que marcaram época, por isso o nome. As principais características do *melody* são a batida eletrônica baseada numa célula rítmica constante, utilização de samplers, instrumentos virtuais e sonoridades sintéticas, andamento acelerado e letras românticas³⁸.

Olha, tipo assim, *melody* é tido como brega de letra. Como assim, um brega de letra? Aquela música mais romântica, entendeu? Conta uma história, uma situação, né? Já o tecno, *tecnomelody*³⁹, né, é mais o batuque, o ritmo, né? Às vezes, é uma frase que fica repetindo, entendeu? Às vezes, é uma coisa sem nexos, assim, que é pra entrar na cabeça da pessoa e fazer o sucesso, né? É mais ou menos assim. Tem o marcante, que são as músicas, como é que eu vou te falar? Mais antigas. Os *melodys* antigos, de letra também. As que marcaram, no

³⁶ Conforme veremos, as aparelhagens são anteriores à existência do tecnobrega.

³⁷ Para ouvir um exemplo de aparelhagem de ‘saudade’, ouvir a performance da aparelhagem Rubi A Nave do Som. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CKOyYAO0Pvo&t=314s>>. Acesso em: 09 out. 2017.

³⁸ Muitos entrevistados definiram as músicas *melody* como ‘bregas de letra’, no sentido de que possuem letras mais elaboradas se comparados com os atuais Tecnobregas cujo foco está na batida, tendo letras curtas e repetitivas.

³⁹ É importante ressaltar que não existe uma forma padronizada de se referir a cada subgênero do Tecnobrega. Vários entrevistados referiam-se aos gêneros de modo bastante particular.

caso, né? As músicas do *melody* que marcaram. As que fizeram sucesso. (DJ MAURO, Comunicação pessoal⁴⁰, 2016)

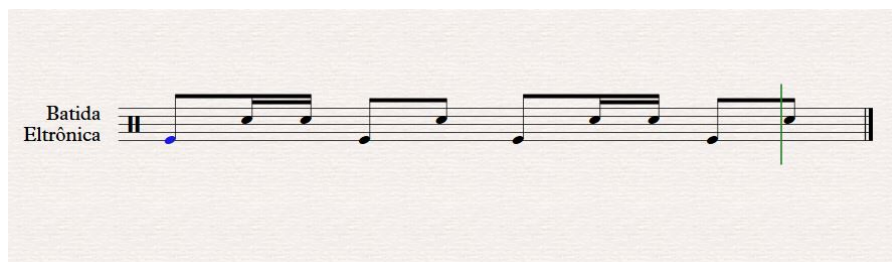


Figura 8 - Base rítmica característica do tecnobrega⁴¹

Existem *melodys* atuais que apresentam as mesmas características estéticas descritas acima e também são executadas por esse segmento⁴². Nas aparelhagens de ‘marcantes’ são comuns, também, versões de músicas que são adaptadas para o ritmo de tecnobrega por meio de softwares de edição sonora. Essas versões contemplam os mais variados gêneros musicais, nacionais e internacionais – rock, pop, funk, música popular paraense, sertanejo, reggae, entre outros⁴³. Canções dos gêneros arrocha e sertanejo também são executadas por essas aparelhagens, tanto em suas versões originais quanto na batida do tecnobrega.

Por fim, as aparelhagens de ‘toca tudo’, como o próprio nome diz, têm a possibilidade de tocar um repertório bastante variado. Entre os integrantes do tecnobrega é possível observar um predomínio de músicas que estão fazendo sucesso, no momento, incluindo composições dos próprios produtores locais, músicas de equipes⁴⁴, e também remixes, em ritmo de tecnobrega, de músicas de sucesso de gêneros como sertanejo, arrocha, funk, pop internacional, entre outros.

Em geral, as músicas locais que predominam nas aparelhagens de ‘toca tudo’ apresentam letras curtas e repetitivas, que têm o objetivo de animar o público presente. Os DJ atuam intensamente nas mixagens, passando constantemente de uma música para

⁴⁰ Utilizo a denominação “comunicação pessoal” para as citações diretas relativas às entrevistas realizadas por mim, que foram transcritas.

⁴¹ Na base rítmica transcrita, as notas graves representam timbres eletrônicos semelhantes ao bumbo de uma bateria, enquanto que as notas agudas se assemelham ao timbre de uma caixa, também da bateria. Essa base rítmica está presente em todos os tecnobregas ouvidos, incluindo a variação *melody*.

⁴² Para um exemplo de aparelhagem de ‘marcantes’, ouvir a performance da aparelhagem O Arrasta Povo Pop Som O Águia da Amazônia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aFcHc6ME-LM>>. Acesso em: 09 out. 2017.

⁴³ Para exemplificar essa diversidade, cito alguns artistas que tiveram músicas adaptadas para o Tecnobrega nas festas visitadas: Bob Marley, Leonard Cohen, Justin Bieber, Dona Onete, Beyoncé, Dire Straits, entre outros.

⁴⁴ As equipes são espécies de fã-clubes criados pelos frequentadores. Esse assunto será aprofundado no capítulo 4.

outra, quase sempre mantendo a mesma base rítmica característica do tecnobrega e os mesmos andamentos, sempre bastante acelerados. Os atores locais costumam se referir a essas aparelhagens utilizando os termos ‘pressão’ ou ‘batidão’, ou aparelhagens de ‘tecno’.

É muito comum, em algum momento da festa, os DJs de ‘toca-tudo’ executarem alguns *melodys* ‘marcantes’ e as versões originais dos sucessos dos supracitados gêneros sertanejo, arrocha e funk.

Conforme será exposto no capítulo seguinte, existe uma relação direta entre o repertório executado, as performances dos DJs, as reações do público, a paisagem da festa, a faixa etária predominante dos frequentadores, entre outros aspectos.

4.3 Estigma do brega

Apesar de toda popularidade, o gênero brega sempre teve muita dificuldade de se estabelecer para além dos setores populares da sociedade brasileira. Diversos autores apontaram algumas razões que explicam esse fato. Barros (2009) cita o trabalho de Paulo Sérgio Araújo (2005) que trata do apagamento na historiografia da produção musical popular brasileira de gêneros que não se aliam à ideia de tradição – relacionada às “músicas autênticas” ou de raiz – ou à modernidade – que diz respeito à “evolução da canção popular”, em conformidade com os modelos idealizados pelas vanguardas artísticas e intelectuais modernas. Dessa forma, o brega figura numa espécie de “memória coletiva subterrânea” e acaba por assumir o “estigma de música ‘degradada’, permanecendo invisível tanto na literatura oficial da música brasileira quanto da produção fonográfica oficial” (VIANNA, 2003 *apud* BARROS, 2009).

Barros aponta como fatores para o estigma relacionado à música brega: a baixa qualidade técnica das gravações e o emprego de letras de duplo sentido que apelava para “baixarias”. A autora ressalta, sobretudo, que o processo de construção de valor da música popular brasileira ocorre “em função de usos e motivações dos chamados grupos de status” e que é “marcado historicamente por disputas de poder” (BARROS, 2009, p.).

Em relação à qualidade técnica das gravações, no caso específico da produção do tecnobrega, é preciso ressaltar que a maior parte da produção artística do gênero é concebida em estúdios caseiros improvisados, bastando para tal “um computador ligado à internet, uma mesa de áudio (*mixer*), microfones (para a captação dos vocais), fones

de ouvido e caixas de som” (GUERREIRO DO AMARAL, 2009, p. 104). Para lidar com a limitação de recursos, os produtores lançam mão de instrumentos virtuais e softwares baixados na internet.

Segundo o DJ Waldo Squash (Comunicação pessoal, 2017), de fato, a qualidade técnica das músicas no início do tecnobrega não era tão boa, pois as placas de som dos computadores utilizados nas gravações eram bastante precárias. Uma alternativa para isso seria a utilização de placas de som externas, mas os preços das mesmas eram muito elevados, de modo que poucos produtores conseguiam comprá-las.

Atualmente o cenário encontrado é outro. Os computadores mais novos apresentam placas de som melhores, menos ruidosas, a preços mais acessíveis. Além disso, Waldo destaca que os próprios produtores passaram a se capacitar através de tutoriais na internet, sendo possível alcançar ótimos resultados, em termos de mixagem e masterização, em estúdios modestos.

Guerreiro do Amaral (2009, p. 16) destaca que o “‘mau gosto’ atribuído ao tecnobrega reside em suas conexões socioculturais/históricas”. Por se tratar, como o próprio nome sugere, de uma espécie de versão tecno/eletrônica do chamado brega, acaba por herdar deste o mesmo estigma de música de “má qualidade que está relacionado ao gosto estético e ao modo de vida de classes populares de periferias urbanas” (*Ibidem*, p. 16).

Seguindo uma linha de pensamento semelhante, destaco o relato de Bahia (2015). Por se tratar de um texto em inglês, o autor tenta traduzir o sentido associado às palavras brega (*tacky*) e *cafona* (*cheesy*) e descreve o gênero como algo considerado “fora de moda e associado ao mau gosto e à qualidade pobre, basicamente consumido por populações desprivilegiadas, pessoas com baixa escolaridade, e que vivem em favelas urbanas ou áreas rurais carentes”.

Nascido em Belém, Bahia diz ter sido criado com valores que contribuem para a “exclusão cultural” do brega, manifestada por sua invisibilidade para além dos contextos periféricos. “Nós fomos ensinados que ouvir brega era vergonhoso, e que pessoas ‘boas, decentes’ não deveriam ouvir isso” (*Ibidem*, p. 35). É interessante como o relato de Bahia se relaciona diretamente com o contato que tive com muitos moradores da classe média de Belém que consideram o repertório das festas de aparelhagem como músicas de “pobre, favelado e bandido”.

4.4 Modelo de negócio

Mesmo com a dificuldade de se legitimar, a popularização do brega permitiu que o gênero começasse a ter uma relevância econômica para os atores envolvidos. Donos de aparelhagens e cantores de brega começam a ter remunerações consideráveis, por meio das apresentações ao vivo, e os camelôs, com a venda das fitas cassetes e, posteriormente, os CDs. A lógica de divulgação e circulação que é observada atualmente surge antes mesmo da existência do tecnobrega. As aparelhagens e rádios de rua⁴⁵ já funcionavam como meio de difusão e circulação das produções bregas e os mercados populares eram responsáveis pela distribuição (BAHIA, 2015).

Barros ressalta a importância do circuito brega local anterior ao tecnobrega, bem como “os mecanismos de diferenciação decorrentes da coexistência de várias práticas musicais” e a “relação dessas práticas musicais com a cultura musical internacional” (BARROS, 2015, p. 136). Entretanto, é a partir de meados dos anos 2000 que esse ciclo produtivo é intensificado por meio da introdução de “novos elementos à dinâmica de produção, circulação e valorização” (*Ibidem*, p. 136) de toda essa produção musical.

Para a autora, essa cena se apresenta como inovadora em dois sentidos: a inventividade no ciclo de produção e circulação, com a presença de uma informalidade e autonomia em relação à indústria fonográfica, utilizando a tecnologia como ferramenta principal; e a utilização de temas autorreferentes que remetem às festas, DJs e artistas, que ampliou o seu canal de comunicação.

Segundo Lemos e Castro (2008, p. 23), o ciclo desenvolvido pela cadeia produtiva ao redor das aparelhagens é referência mundial de produção de bens culturais, na medida em que permite a formação de mercados culturais mais inclusivos, através do “amplo acesso à produção”, apropriando-se de tecnologias de baixo custo e da flexibilização dos direitos de propriedade.

Na virada do século, enquanto o mundo tentava lidar com questões relacionadas aos direitos de propriedade, pirataria, e download ilegal,

⁴⁵ As rádios de rua conhecidas como publicidades são alto falantes colocados nos postes da cidade pelos comerciantes locais para utilizar como propaganda de seus estabelecimentos. No intervalo de uma propaganda e outra eram executadas músicas bregas.

a indústria do brega em Belém prosperava ignorando as leis de propriedade intelectual da indústria formal, e adotando tecnologias emergentes que permitiram regiões periféricas e grupos subalternos criarem seus próprios mecanismos de produção, distribuição e circulação cultural (BAHIA, 2015, p. 39).

Outra característica que chama atenção nesse modelo de negócio é que se opera uma inversão em relação à indústria fonográfica formal. O caminho mais comum no universo do tecnobrega é o artista se tornar conhecido a partir de um hit de sucesso inserido nas coletâneas dos DJs, vendidas nos mercados populares. Quando o artista grava um disco, geralmente ele já atingiu certa fama no circuito.

4.5 O tecnobrega⁴⁶ em números

A grande popularidade alcançada pelo tecnobrega fez com que toda a cadeia produtiva relacionada ao gênero se tornasse bastante relevante no contexto econômico da cidade de Belém. Nesse sentido, destaca-se o trabalho de Lemos e Castro (2008), que apresenta um panorama bastante impressionante. Em 2006, o tecnobrega era responsável pela geração de 6.552 postos de trabalho, sendo as bandas responsáveis por 1.639 empregados, as aparelhagens por 4.053 e 860 empregos no comércio informal. Segundo Lemos e Castro (*Ibidem*, p.160), esse número deve ser ainda maior, já que, nesse cálculo, não se levou em conta os vendedores de cerveja e de ingressos, seguranças, pessoal de limpeza e outros serviços.

Ainda em 2006, eram realizados, por mês, quase 1.700 shows de bandas de tecnobrega e quase 4.300 festas de aparelhagem, em Belém e no interior (*Ibidem*, p. 162). No mesmo ano, o faturamento médio mensal das bandas com as apresentações foi de R\$ 3.283.412,89. Já as aparelhagens faturaram R\$ 2.980.478,83 com as festas e esse rendimento se apresentava bastante concentrado nas mãos das poucas aparelhagens consideradas grandes. “A grande maioria [das aparelhagens] faz pequenas festas, para públicos reduzidos, e cobra cachês irrisórios, enquanto o mercado de bandas se mostra mais equilibrado e horizontal” (*Ibidem*, p. 166).

O mercado de venda de CDs e DVDs apresenta números relevantes, tanto para os artistas, quanto para o comércio informal. Segundo Lemos e Castro (2008, p. 166) as

⁴⁶ Optei por manter o termo tecnobrega por ter sido utilizado pela bibliografia consultada. Cabe ressaltar, mais uma vez, que, nesse caso, as estatísticas apresentadas incluem as aparelhagens de ‘saude’, cujo repertório não é predominantemente baseado no tecnobrega.

bandas faturaram, em média, R\$ 7.467,00 por mês com venda de CDs e R\$ 6.890,00 com DVDs, rendendo um faturamento mensal total de aproximadamente 2 milhões de reais, sendo R\$ 1.045.444,40 com a venda de CDs e R\$ 964.600,00 com a venda de DVDs. As bandas venderam, em média, 77 CDs e 53 DVDs por show, a um preço médio de R\$ 7,46 por CD e R\$ 10,00 por DVD (*Ibidem*, p. 166). Segundo os autores, a expressividade dos números relativos à venda de mídias pelas bandas nos shows desmente a tese de que a atuação dos camelôs na venda de discos faz com que os ganhos das bandas fiquem restritos aos cachês das apresentações ao vivo.

Como vimos anteriormente, os vendedores de rua têm um papel fundamental na distribuição da produção do tecnobrega. No sentido inverso da relação, as vendas relacionadas a essa produção também apresentam bastante relevância no faturamento dos camelôs. Estima-se que eram vendidos 286.208 CDs e 178.708 DVDs por mês nos camelôs de Belém, em 2006. A estimativa de faturamento médio mensal com a venda de CDs e DVDs pelos vendedores de rua é de R\$ 1.758.390,00 (1.013.174,00 CDs e 745.215,00 DVDs). Cada ambulante vendia, em média, 332 CDs e 207 DVDs a um valor unitário médio de R\$ 3,50 o CD e de R\$4,50 o DVD. Isso gerava um faturamento médio mensal de R\$ 2.044,64 por ambulante, sendo em média R\$1.178,11 com a venda de CDs e R\$ 866,53 com a venda de DVDs (*Ibidem*, p. 169)

4.6 Novas tecnologias

A utilização de novas tecnologias surge, inicialmente, com o intuito de superar a escassez de recursos e a falta de investimento nos artistas paraenses. Ao lançar mão de softwares, sons sampleados, batidas eletrônicas e instrumentos virtuais, baixados gratuitamente na internet, foi possível baratear os custos das produções, uma vez que se economizava com os cachês dos músicos e demandava-se uma estrutura de gravação muito mais simples. Dessa forma, surgiram diversos estúdios improvisados em cômodos das casas dos produtores nas periferias de Belém, conforme destacado anteriormente.

À medida que a cena do tecnobrega foi se desenvolvendo, o chamado eletro-ritmo passou a se apresentar como uma promessa de modernização da sonoridade brega. Para Barros (2015, p. 137), o “tecnobrega se afirma como tradução atualizada da música pop mundial recente, a qual atua simultaneamente como barreira à circulação do pop em

suas formas originais e agente de sua propagação, com base em recriações e apropriações”.

As aparelhagens se tornaram ainda mais centrais para o crescimento do gênero devido à adoção cada vez maior de aparatos tecnológicos, tais como enormes estruturas de som, luzes, painéis de LED, maquinário cenográfico, lasers e afins. Se, na década de 1970 e 1980, as aparelhagens tinham a função de promover as músicas brega, a partir dos anos 2000 elas passaram a ser a razão principal de atração de milhares de pessoas para as festas.

Em decorrência dessa centralidade, houve um aumento da competitividade entre as grandes aparelhagens, o que gerou uma “verdadeira corrida armamentista tecnológica” (BAHIA, 2015, tradução nossa). “A qualidade de uma aparelhagem começou a ser mensurada pela sua capacidade de oferecer a melhor experiência em termos de luz, som e espetáculo midiático” (BAHIA, 2015, p. 40) e as preferências dos frequentadores das festas se alteram em função das novidades tecnológicas apresentadas (BARROS, 2015, p. 137).

A circulação e distribuição das produções também são fortemente marcadas pela utilização da tecnologia. Ao adotar o formato *MP3*, foi possível que os artistas e produtores disponibilizassem as músicas para download gratuito na internet. Além disso, o processo de distribuição das produções nos mercados informais ganhou em agilidade e facilidade. A música pode ser gravada em um determinado dia, o arquivo em *MP3* é prontamente enviado pela internet, os discos são gravados de forma improvisada e disponibilizados nos camelôs de todo o estado do Pará no dia seguinte.

4.7 Superação do estigma

Desde o surgimento do tecnobrega, em meados dos anos 2000, os artistas, produtores e fãs do gênero têm adotado estratégias visando à sua legitimação no contexto local. A utilização da tecnologia se apresenta como um dos principais responsáveis pela superação desse estigma. Bahia (2015) chama esse fenômeno de “virada tecnológica” (*technological turn*) e defende que a existência de estruturas tão grandiosas são consideradas “fonte de orgulho” das comunidades periféricas. Além disso, a tecnologia é utilizada como uma “arma discursiva contra o estigma cultural” pelos atores envolvidos no universo das aparelhagens (BAHIA, 2015, p. 40).

O autor ainda descreve de que maneira essa tradição musical estigmatizada conseguiu chamar atenção dos “centros culturais”:

Para enfrentar isso [o estigma], novas gerações de entusiastas do tecnobrega começaram a se organizar em fã-clubes para orgulhosamente seguir suas aparelhagens favoritas. Os Djs de aparelhagem se tornaram astros e porta-vozes do movimento. Em seus esforços contra o preconceito cultural, fãs e Djs começaram a exaltar o uso de novas tecnologias nas festas. As grandes festas de aparelhagem começaram a utilizar cada vez mais o ‘estado da arte’ da tecnologia para obter milhares de fãs, que transformaram a indústria do tecnobrega em um mercado multimilionário. A indústria do tecnobrega tinha se tornado muito grande para ser ignorada pelos centros culturais. (BAHIA, 2015, p. 40)

Decidi destacar a palavra *centro*, pois seu sentido está ligado às relações centro/perifeira do mercado cultural, sendo o centro tradicionalmente ligado à indústria formal e a perifeira remetendo às tradições culturais ignoradas pelo *mainstream*. Na citação anterior, o autor considera que o tecnobrega ganha destaque na mídia nacional, rompendo com sua invisibilidade para além da periferia, quando se torna tema de um episódio do programa *Central da Periferia*. Esse programa foi bastante aguardado em Belém, pois colocou a cidade e a cultura das aparelhagens no horário nobre da principal emissora de TV do país (BAHIA, 2015). Bahia ainda ressalta que o destaque dado ao universo das aparelhagens em rede nacional gerou orgulho em alguns moradores de Belém e vergonha em outros.

Outra estratégia de legitimação dos atores envolvidos nas festas de aparelhagem é se comparar com artistas consagrados da indústria formal. Para citar alguns exemplos: em entrevista à TV Liberal em 2007, o DJ Dinho diz que sua aparelhagem, a Tupinambá, usaria o mesmo telão utilizado nos shows do U2 e de Ivete Sangalo; Gaby Amarantos passou a ser conhecida como Beyoncé do Pará ao fazer uma versão da música *Single Ladies*, da cantora pop Beyoncé; Keyla Gentil, da banda Gangue do Eletro, é conhecida como Lady Gaga da Amazônia, entre outros.

Bahia ressalta que essa estratégia tem um forte viés comercial, uma vez que visa atribuir aos atores do tecnobrega o mesmo prestígio dos artistas citados. Entretanto, é clara uma dimensão sociocultural que “vai além dos propósitos comerciais; isso é, pode ser usada para criar um discurso de legitimação cultural” (BAHIA, 2015, p. 46).

Para Barros, o discurso de legitimação do tecnobrega demonstra uma mudança nos regimes de reconhecimento, uma vez que o fator central passa a ser a lógica de

funcionamento do gênero, em detrimento da estética musical. A autora defende que a validação do tecnobrega passa pelo interesse “pelos novos nichos de mercado abertos com a difusão de novas tecnologias e a preocupação com o impacto dessas mudanças nas indústrias culturais formais” (BARROS, 2015, p. 140). Além disso, a popularização do tecnobrega opera uma “mudança do referente de construção de valor da música brega”, historicamente associado ao vulgar e ao mau gosto, e esse “novo paradigma de valorização musical” sendo introduzido pela “aceleração da circulação global das mercadorias musicais”.

4.8 Papel da pirataria

A pirataria é considerada pela bibliografia como um dos fatores de sucesso do tecnobrega. Na realidade, pirataria talvez não seja o termo mais adequado para explicar a maneira como os atores do universo do brega lidam com a questão dos direitos de propriedade. Bahia usa “pirata” entre aspas ao falar das fitas cassete de brega vendidas nos camelôs, pois entende que para que uma mídia seja considerada “pirata” é necessário que exista uma equivalente “oficial”, o que dificilmente ocorria no gênero. “Os hits brega produzidos na região, com algumas notáveis exceções, não podiam ser encontradas nas lojas regulares de música. Essas canções só podiam ser compradas nas tendas dos camelôs” (BAHIA, 2015, p. 38).

Portanto, o circuito brega de Belém diferencia-se de outros mercados musicais ao desconsiderar os direitos autorais como fonte de renda para os artistas, que não possuem exclusividade sobre as obras, e ao incorporar o mercado informal como instrumento de divulgação e propagação das produções. Nesse sentido, a venda no mercado informal funciona de forma integrada ao trabalho das aparelhagens na medida em que influencia nas músicas que serão executadas pelos DJs e disponibiliza ao público de forma imediata os *setlist* das festas (BARROS, 2009).

A venda nos mercados informais fez com que artistas e DJs do tecnobrega se tornassem populares em locais em que eles nunca sequer se apresentaram, especialmente em cidades do interior do Pará e nos estados vizinhos. Foi por meio dessa forte rede de distribuição que o modelo de festa de aparelhagem foi “exportado”:

Para se ter uma ideia, as aparelhagens realizadas em Macapá seguem a mesma lógica das paraenses, embora com menos tecnologia; no Maranhão, as aparelhagens (chamadas “radiolas”) tocam reggae e são produzidas com tecnologia paraense (os equipamentos confeccionados

por carpinteiros de Belém). É a pirataria, ainda, que hoje viabiliza um nicho de mercado emergente, os DVDs, cuja produção vem abrindo novos postos de trabalho e garantindo um novo fôlego à cena, quando muitos já a julgavam saturada” (BARROS, 2009, p. 67).

A inserção do tecnobrega nos meios de comunicação de massa de Belém se deu em função do mercado informal. Em entrevista a Barros (2009), o DJ Beto Metralha relata que a mídia da cidade ignorava o gênero e esse cenário foi alterado graças à ajuda dos “pirateiros” na propagação das produções.

4.9 Tecnobrega como uma expressão cultural de resistência?

A discussão sobre em que medida o tecnobrega pode ser considerado uma expressão cultural de resistência sempre foi algo que me chamou bastante atenção. Uma grande inspiração para a presente pesquisa foi o texto de Milton Santos⁴⁷, citado no Capítulo 2. No meu entendimento, o que Milton Santos chama de “revanche da cultura popular sobre a cultura de massa” talvez seja exatamente essas iniciativas populares, à margem do investimento da indústria formal, que conseguem se impor com base na inventividade, não se limitando às regras estabelecidas nos centros de tomada de decisão, e que podem gerar impactos na lógica de mercado formal.

Bahia (2015) destaca que a autonomia criativa alcançada pelas comunidades periféricas no universo do tecnobrega, por meio da apropriação da tecnologia, desempenhou um papel fundamental na construção de uma identidade coletiva em torno do gênero, na criação de um discurso de legitimação cultural e numa melhora da autoestima dessas populações - orgulho pela criação de algo tão grandioso, apesar de sua condição periférica e estigmatizada.

É a periferia mostrando às classes “superiores” que é capaz de desenvolver um modelo inovador de negócio e promover um espetáculo de “primeira classe”⁴⁸. Nesse sentido, há “uma subversão do papel passivo usualmente atribuído aos grupos desprivilegiados no que diz respeito à recepção dos produtos de entretenimento de

⁴⁷ SANTOS, M. A força do lugar. In: SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

⁴⁸ Coloco a expressão “primeira classe” em referência à fala do DJ Juninho para o programa Central da Periferia: “A maioria do público que gosta é da classe C, é a perifeira que gosta da aparelhagem, a periferia que levantou a aparelhagem e que mostrou para a classe média e para a classe alta o que são as aparelhagens. O público paraense tem prazer de ver nas aparelhagens laser, luz, fogos indoor, fogos que não queimam a galera com alta segurança. É um *show* altamente de primeira classe. Viva a periferia tecnológica!” (Transcrição contida em BAHIA, 2015)

massa” (BAHIA, 2015, p. 47). Apesar disso, o autor ressalta que essa mudança trazida pelo tecnobrega é limitada a um aspecto simbólico específico e não se traduz em uma mudança estrutural profunda:

Há ainda a questão da luta de classe, há ainda a noção de que existem mecanismos de opressão simbólica dos grupos desprivilegiados; mas agora, o objetivo não é combater macroestruturas socioeconômicas num estilo neo-marxista. No campo de batalha particular das hierarquias socioculturais na indústria do tecnobrega, o foco da luta foi significativamente alterado. Existe uma batalha microsocial que desencadeia uma discussão mais palpável, urgente e contemporânea, ou seja, o desafio acerca do *status quo* sociocultural através da apropriação industrial, estética e discursiva de novas tecnologias pelas massas.” (BAHIA, 2015, p. 48, tradução nossa)⁴⁹

O autor destaca o trecho do programa *Central da Periferia*, em que Regina Casé agradece a população periférica de Belém pela criação de uma cadeia produtiva vigorosa. Para ele, isso representou uma inversão das relações de poder entre a região amazônica e o eixo Rio/São Paulo. Por fim, Bahia questiona se é possível que os estudos pós-coloniais rompam com o paradigma que sempre coloca as populações desprivilegiadas numa situação passiva e controlada.

Já Barros (2015 e 2009) considera o tecnobrega como uma expressão de resistência na medida em que consegue se inserir e causar impactos nos meios de comunicação de massa (fim do jabá e discussões acerca da lógica de direitos autorais) de forma autônoma e independente da indústria cultural formal.

Além disso, criou-se um mercado cultural inclusivo, tão ou mais viável que o modelo tradicional por meio da “apropriação de tecnologias de produção musical de baixo custo, aliada à flexibilização dos direitos de propriedade intelectual” (BARROS, 2015, p. 138). A autora fala ainda que o tecnobrega consegue desestabilizar as hierarquias culturais ao democratizar e ampliar a publicização dessas expressões culturais à margem do discurso hegemônico.

O processo de validação e legitimação do tecnobrega fez com que setores da elite cultural passassem a reconhecer como importante os modelos de negócio oriundos das periferias, colocando em xeque a noção de inclusão. Vianna (2006 *apud* BARROS) propõe repensar a dicotomia centro-periferia:

⁴⁹ “There is still the issue of class struggle, there is still the notion that there are mechanisms of symbolic oppression of underprivileged groups; but now, the objective is not to combat socio-economic macrostructures in a neo-Marxist style. In the particular battleground of socio-cultural hierarchies in the Tecnobrega industry, the focus of the struggle has significantly shifted.”

Quando falamos de inclusão, partimos geralmente da suposição de que o centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia (que precisa ser incluída). É como se a periferia não tivesse cultura, tecnologia ou economia. É como se a periferia fosse um dia ter (ou como se a periferia almejasse ter, ou será melhor que tivesse) aquilo que o centro já tem (e por isso pode ensinar a periferia como chegar lá, para o bem da periferia). É como se as novidades tecnológicas ou culturais chegassem exclusivamente pelo centro, ou fossem criadas no centro, e lentamente se espalhassem – à custa de muito esforço civilizatório – em direção à periferia [...]. Sem que o centro notasse, [a periferia] inventou culturas digitalizadas que podem muito bem vir a indicar caminhos para o futuro do centro, que não parece conseguir desenvolver por si próprio nenhum ‘plano de negócio’ consistente para lidar com a nova realidade tecnológica (VIANNA, 2006, p. 2 *apud* BARROS, 2015, p. 140).

Barros, entretanto, considera que o tecnobrega obedece à mesma lógica industrial capitalista das mercadorias culturais, em que as aparelhagens com maior capital de investimento conseguem mais destaque na cena local. Além disso, existe uma hierarquia nas relações de produção, caracterizada por uma concentração da renda na mão dos *festeiros*⁵⁰ e dos donos das aparelhagens. Artistas e bandas reclamam dos baixos cachês, mesmo com todo o capital que circula no universo do tecnobrega.

4.10 Efeitos nos frequentadores

Durante a pesquisa bibliográfica, procurei me manter atento a qualquer informação que pudesse ajudar na compreensão acerca dos frequentadores e de como eles se relacionam com as aparelhagens. À exceção de Vilhena (2012), cujo trabalho é dedicado aos frequentadores de ‘toca tudo’, consegui levantar poucas informações sobre o assunto.

Para Barros, o tecnobrega é uma “expressão que traduz o pensamento estético da periferia de Belém de forma territorializada, no sentido dos estilos de vida e influências culturais dos quais emana, mas ainda assim sintonizada com a produção musical global” (2015, p. 137). A autora compara o tecnobrega, o rap e o funk descrevendo seus protagonistas como “jovens ‘atores’ das periferias urbanas, seduzidos pela cultura *pop mainstream*” (BARROS, 2009, p.), filhos de uma sociedade “canibal do mundo

⁵⁰ Festeiros são organizadores das festas de aparelhagem e, muitas vezes, investem na estrutura das mesmas. São responsáveis pela organização das festas e pelo controle dos lucros advindos da bilheteria e do bar.

desenvolvido, criativamente despuerada em seus problemas com a lei e festiva” (SÁ, 2003 *apud* BARROS, 2009).

Como vimos, um aspecto que é recorrente acerca do tecnobrega é o chamado “culto à tecnologia”. De fato, a aparelhagem tem a capacidade de hipnotizar a audiência. A utilização da tecnologia atinge diretamente a autoestima dessas populações, que sentem orgulho pela criação desse movimento de alta tecnologia, a despeito de sua condição desprivilegiada, estigmatizada e periférica.

O fascínio em relação à tecnologia foi apresentado no programa *Central da Periferia*. Regina Casé abre o programa, que se passa num show ao vivo, exaltando as luzes, o laptop, o mp3 e a periferia tecnológica de Belém. Além disso, a apresentadora compara a estrutura da aparelhagem a um “altar tecnológico”, remetendo à ideia de religiosidade:

Porque aqui, o povo além de ser católico, umbandista, budista, protestante, judeu, tem uma outra religião. A religião deles é a tecnologia de ponta. Aqui, festa na periferia é sinônimo de festa de aparelhagem. [...] Essas festas, realizadas nos bairros mais pobres da cidade e sonorizadas por um altar tecnológico, são há mais de cinquenta anos, um fenômeno de massa, produzido pela periferia e para a periferia. (CENTRAL DA PERIFERIA, 2006).

Nas festas de aparelhagem, as cabines onde ficam os DJs se localizam em locais privilegiados, de forma a garantir a atenção do público e permitir uma intensa interação desse com o DJ. Não por acaso, tais cabines são chamadas de “naves” pelos atores do universo do tecnobrega e são construídas no formato do símbolo ou nome das aparelhagens – a aparelhagem *Crocodilo* tem uma nave em forma de crocodilo, o Super Pop Live, cujo slogan é ‘A águia de fogo’, apresenta uma nave em forma de águia, a nave do *Rubi* tem a cor vermelha em referência à pedra preciosa rubi, entre outras.

Barros (2009, p. 65) observa uma “organicidade entre sujeito, espaço e música” no ambiente das festas de aparelhagem, chamando atenção para a centralidade dos DJs que incitam as mais diversas reações através de estímulos direcionados ao público, do *setlist* e da forma de mixar as músicas. Com auxílio do espetáculo grandioso de lasers, luzes e telões, o DJ estimula o público, que “se lança em coreografias sensuais (uma mistura do iê-iê-iê com a lambada e o merengue) e se deixa abandonar hedonisticamente numa espécie de transe coletivo” (BARROS, 2009, p. 65).

Além disso, é bastante importante que o DJ cite ou mande um abraço para diversas pessoas presentes na festa, tanto para a satisfação do público, quanto para a venda dos discos que contêm as gravações das performances ao vivo das aparelhagens e que são instantaneamente disponibilizados aos frequentadores. Pessoas que têm o nome citado compram vários discos para distribuir entre os amigos e mostrar o prestígio que têm com aquela aparelhagem (BARROS, 2015).

5. O LUGAR E A EXPERIÊNCIA

Enfim, chegamos à parte da análise das festas de aparelhagem visitadas, focada em seus frequentadores, que é o objetivo da presente pesquisa. A essa altura, já foi possível ter uma compreensão acerca da cidade de Belém, especialmente suas áreas mais empobrecidas, bem como uma noção do tamanho, abrangência e importância do universo das festas de aparelhagem.

Partimos, agora, para a perspectiva da experiência, que, pela via dos estudos da Geografia apresentados no Capítulo 1, diz respeito ao vivido, às referências e sistemas de valores pessoais em relação ao ambiente (GIOMETTI *et al.*, 2002), bem como a visões subjetivas e percepções emocionais dos indivíduos (TUAN, 1983). Dessa forma, as experiências que serão aqui apresentadas dizem respeito àquelas descritas pelos frequentadores com os quais tive contato, à minha observação das vivências na festa de aparelhagem, bem como às minhas próprias experiências nesse contexto.

Conforme vimos, Tuan defende que existe uma grande diferença entre as visões de um morador e de um visitante acerca de um lugar. Assim sendo, a análise abordará alguns pontos que julguei serem mais relevantes nas minhas experiências em campo, privilegiando as falas dos frequentadores e articulando, em alguns momentos, com a minha visão de visitante nas festas de aparelhagem.

Como poderá ser percebido, em diversos momentos estabelecerei um diálogo com a pesquisa de Vilhena (2012), desenvolvida no âmbito das Ciências Sociais, que trata da relação entre os hábitos de consumo e o reconhecimento de vínculos de sociabilidade entre jovens frequentadores de festas de aparelhagem, mais especificamente do segmento ‘toca tudo’.

5.1 Desafios de pesquisa e decisões metodológicas

A tarefa de empreender uma pesquisa etnográfica já é, por si só, bastante árdua e, no caso da presente pesquisa, foi necessário sobrepor dois importantes agravantes: a minha distância geográfica em relação ao contexto pesquisado e o fato de ser ambientado em uma realidade cultural e social bastante distinta da minha.

Procurei sobrepor a questão da distância, em um primeiro momento, por meio da observação das relações que se desenrolam nos ambientes virtuais. As plataformas

utilizadas foram as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, além do aplicativo de celular *WhatsApp*.

No *Facebook*, busquei por páginas de aparelhagens e de casas de shows onde ocorrem as festas, comunidades de fã-clubes, grupos de discussão de frequentadores e até uma página relacionada ao bairro Jurunas. Nessas páginas, realizei uma observação geral das publicações e curtidas, selecionei alguns perfis pessoais que interagem com as páginas e pesquisei, nesses perfis, indícios relacionados às aparelhagens. Além disso, levantei algumas categorias de interesse⁵¹ a partir das páginas curtidas por esses perfis. No *Instagram*, passei a seguir perfis de aparelhagens, casas de shows e artistas do brega paraense com o intuito de selecionar as festas e aparelhagens que seriam visitadas durante as pesquisas de campo.

A partir da observação online, foi possível perceber que os frequentadores de festas de aparelhagem estabelecem intensas relações entre si no ambiente virtual. Entretanto, elas não se dão tão intensamente através das redes sociais observadas e, sim, em grupos formados no aplicativo *WhatsApp*. Por meio da aproximação com os frequentadores, percebi que tais grupos são bastante importantes na sociabilidade dessas pessoas, conforme será detalhado adiante.

A observação das interações no ambiente virtual me permitiu especular acerca de alguns aspectos da vida dos frequentadores das festas de aparelhagem, como o triste convívio com a violência cotidiana nos bairros periféricos, o amor às aparelhagens ao homenageá-las nos nomes dos seus perfis no *Facebook*, principais assuntos de interesse, entre outros.

Esse momento da pesquisa foi fundamental também para o planejamento dos trabalhos de campo. Os primeiros contatos com agentes das aparelhagens e frequentadores foram estabelecidos por meio das redes sociais e do aplicativo *WhatsApp*. Além disso, foi realizado um levantamento preliminar das principais casas de show que recebem festas de aparelhagem. Após as incursões em campo, novos estabelecimentos foram listados, resultando em um mapa das festas de aparelhagem⁵² apresentado no capítulo anterior.

⁵¹ Foi possível perceber uma repetição de curtidas em páginas relacionadas aos seguintes temas: tecnobrega, carros e motos, religião, Pará, futebol, celebridades, polícia e violência, reggae, Calypso, sertanejo/forró, humor, rap e funk nacional (Racionais MCs e referências a MCs de funk), programa policial, hip hop, pornografia, entre outros.

⁵² É muito importante ressaltar que nesse mapa não constam todos os estabelecimentos que recebem festa de aparelhagem. Conforme veremos, ocorrem festas de aparelhagem em uma infinidade de locais de forma descentralizada e dispersa, sobretudo nas periferias da cidade.

A partir da pesquisa nas redes sociais, estabeleci algumas categorias de análise (Anexo I) que, aliadas às leituras e discussões teórico-metodológicas, foram fundamentais para nortear a minha inserção em campo, especialmente nos primeiros contatos com o ambiente das festas. No entanto, a experiência real em campo ressaltou quais categorias eram, de fato, relevantes de se observar, como o deslocamento às festas, a questão da segurança e a estrutura das casas de show; o padrão de organização observado na paisagem das festas, o relacionamento dos frequentadores entre si e com os DJs; suas motivações, as formas com que se associam, como reagem às performances das aparelhagens, a dança e o consumo de drogas, as quais serão analisadas ao longo do capítulo.

Já o segundo agravante, a distância cultural e social, foi um pouco mais difícil de lidar e, por essa razão, dedicarei a ele os parágrafos seguintes.

Estendendo a afirmativa para a experiência holística do evento musical, Blacking (2007, p. 213) defende que os mesmos “padrões de som não apenas podem ter diferentes significados em diversas sociedades, mas também podem ter significados diferentes no interior da mesma sociedade, por causa dos contextos sociais diferentes”. Sendo assim, se a percepção e experiência da festa de aparelhagem não é algo homogêneo nem entre os próprios frequentadores, para mim, nascido no sudeste e num contexto de classe média, essa experiência é algo bastante diferente.

Por um lado, Belém apresenta várias características caras a qualquer metrópole do Brasil – velocidade no fluxo de informações, trânsito intenso, shopping centers e franquias globais diversas, por exemplo. Por outro lado, existem diversos aspectos culturais fortemente arraigados que são bastante específicos, principalmente no que diz respeito à linguagem, hábitos, culinária e comportamentos. Estando em Belém, a impressão que tenho, tendo nascido e vivido sempre na região Sudeste, é de estar em “um Brasil” bastante diferente. Essa sensação de estranhamento, fruto de um choque cultural que eu vivi, acabou por gerar uma insegurança em relação à maneira como se portar nas festas, como aproximar-se das pessoas, quais temas abordar para não gerar desconfortos, entre outros.

Aliado a isso, tem-se a questão de a pesquisa ter se desenrolado em um ambiente altamente estigmatizado. Para além das incursões às festas e algumas visitas pontuais às casas de alguns frequentadores, meu convívio em Belém foi, predominantemente, nas áreas centrais da cidade e entre pessoas da classe média. A todo momento ouvia recomendações a respeito do cuidado com a minha segurança

peçoal ao frequentar festas de aparelhagem⁵³, por se tratar de “lugar de traficante e ladrão”.

As pessoas que falam isso (que as festas de aparelhagem são perigosas) é porque nunca foram mesmo em festa de aparelhagem. Aí ficam difamando a festa de aparelhagem por aí. Mas são a minoria (que geram violência nas festas). O peçoal que não gosta de se misturar. Festa de aparelhagem é pro peçoal mesmo da baixada, mas tem um peçoal do centro que vai. (LUCAS⁵⁴, Comunicação peçoal, 2017, parênteses nossos)

Eram comuns comentários irônicos e pejorativos sobre os bairros periféricos como Jurunas, Guamá e Terra Firme. Alguns interlocutores não compreendiam a razão pela qual a presente pesquisa estava sendo desenvolvida, pois “não há nada de interessante nas festas de aparelhagem” e as pessoas que as frequentam não “têm cultura” o bastante para contribuir com a pesquisa. Uma pessoa chegou a se irritar comigo, pois, segundo ela, eu achava tudo bonito porque não sabia que era pago com dinheiro do trágico de drogas.

Essas opiniões eram constantes e partiam, sobretudo, das pessoas que não moram na periferia e nunca estiveram em uma festa de aparelhagem. Alguns frequentadores até admitem a existência de brigas, mas se apressam em rejeitar a ideia de que festa de aparelhagem é perigosa. Para eles, aquelas pessoas que “sujam a imagem” das festas são minoria. De fato, a maioria das festas ocorre em áreas da cidade que apresentam estatísticas alarmantes de violência, em grande parte devido ao tráfico de drogas e à ação de milícias.

Belém é uma cidade como todas, por estar na região Norte, um pouco menos favorecida que as outras, claro, e, conseqüentemente, é uma cidade que vai ter mais fome, mais violência, as coisas negativas, menos segurança, menos... como é que a gente diz nas ruas? Menos infraestrutura. Tu tá entendendo? Tudo isso reflete também nas pessoas. Entendeu? Falta de emprego. O cara não tem emprego, entendeu? A família não tem emprego. Aí o moleque tá com 13 anos, que que ele vai fazer? Vai correr pra droga, vai vender droga, vai usar, vai roubar. (KIKO DA PEDREIRA⁵⁵, Comunicação peçoal, 2017).

⁵³ VILHENA relata uma sensação semelhante vivida por ela em sua pesquisa. No caso dela, havia um conflito entre o familiar e o exótico devido ao fato dela morar em Belém, mas não estar inserida nesse meio social. “O fato de não conhecer ninguém que frequentasse este tipo de festa era um agravante. E o medo da violência, tão propagada nos comentários negativos sobre as festas de aparelhagem, também” (VILHENA, 2012, p. 30).

⁵⁴ Na seção 5.2.2. *Os Interlocutores* apresento brevemente cada um dos entrevistados.

⁵⁵ Ver item 5.2.2. *Os interlocutores*.

Todo esse complexo contexto me deixou ainda mais inseguro, sendo necessário um tempo de vivência de campo para que esse desconforto se diluísse. À medida que fui conhecendo os frequentadores, sendo socialmente aceito e entendendo minimamente seus códigos sociais, foi possível estabelecer relações frutíferas.

5.2 Metodologia de Campo

Foram realizados dois trabalhos de campo na cidade de Belém: o primeiro ocorreu entre os dias 3 e 23 de agosto de 2016 e o segundo entre os dias 3 e 28 de maio de 2017. Durante os períodos em que estive em Belém, procurei me colocar disponível para qualquer atividade que pudesse contribuir para a pesquisa, dentre as quais se destacaram as visitas às festas e as entrevistas com pessoas relacionadas ao universo das aparelhagens.

Para as entrevistas, semiestruturadas, elaborei dois roteiros – um destinado aos produtores (Anexo II) e outro aos frequentadores (Anexo III) – que contemplava alguns temas de interesse, mas me esforcei para deixar os entrevistados livres para direcionarem a conversa para assuntos que eles considerassem importantes. As entrevistas foram registradas em áudio no formato *M4A*, por meio de um telefone celular, com consentimento dos entrevistados, e transcritas integralmente, sendo que alguns trechos foram reproduzidos de forma literal no decorrer da dissertação. Além disso, lancei mão de registros fotográficos e em vídeos, realizados utilizando o mesmo equipamento.

Na primeira incursão a campo, frequentei oito festas, sendo uma do segmento de ‘marcantes’, duas de ‘saúde’ e cinco de ‘toca tudo’⁵⁶; entrevistei um produtor, um cantor de tecnobrega, dois DJs, um proprietário de um estabelecimento que realiza festas de aparelhagem e uma frequentadora de baile de ‘saúde’. Durante esse período, os frequentadores que se tornaram meus principais interlocutores foram Rodrigo, o mototaxista que apresentei nos relatos iniciais da dissertação, e Norma, a faxineira do *hostel* onde eu fiquei hospedado, que está presente em festas de aparelhagem todo final de semana.

⁵⁶ Na primeira incursão a campo, eu não tinha consciência da existência dos três segmentos de festa, especialmente a diferença entre as aparelhagens de ‘toca tudo’ e de ‘marcantes’.

Já na minha segunda incursão a campo, consegui estabelecer um contato mais próximo com um número maior de frequentadores, especialmente dos ‘segmentos’ ‘saudade’ e ‘marcantes’. Entrevistei sete frequentadores bastante assíduos e estive em oito festas, sendo uma de ‘marcantes’, quatro de ‘saudade’, uma com aparelhagens de ‘saudade’ e de ‘marcantes’ e duas de ‘toca tudo’. Em cinco dessas festas estive acompanhado dos frequentadores entrevistados, duas delas sendo eventos especiais – um aniversário de um importante promotor e um aniversário de uma integrante de uma equipe de dança. Visitei a casa de três dos entrevistados e participei de um ensaio do Bonde do Nova Dimensão, uma equipe de dança de tecnobrega. Nessa visita a campo, pude ser mais ativo nas festas, vivenciando uma mistura de observação e usufruto de momentos festivos compartilhados com os frequentadores.

Tabela 1 – Relação das Festas Visitadas

	Festas	Local	Data	Aparelhagens
1	Encerramento do Verão	Botequim	04/08/2016	Ultra Ouro Negro e Tropa do Forró (banda)
2		Armazém da Música	05/08/2016	Mauro Som 3D
3	Inauguração do Porto São José	Porto São José	07/08/2016	O Incrível Crocodilo e Mauro Som 3D
4		Atlântico (Outeiro)	08/08/2016	Rubi Saudade
5	Feriadão Live	Fazenda Show	15/08/2016	Super Pop Live
6		Botequim	18/08/2016	O Incrível Crocodilo
7		Portal Show	20/08/2016	Super Pop Live
8		Quadra da Prefeita	21/08/2016	Pop Saudade e Galo de Ouro
9		Metrópole City Hall	06/05/2017	Super Pop Live
10		Hotel Gold Mar	08/05/2017	Mauro Som 3D
11		Botequim	12/05/2017	Pop Saudade
12	Festão das Mães	Recreio (Ananindeua)	14/05/2017	Tupinambá Saudade, Rubi Saudade e Mineirão
13		Florentina	15/05/2017	Cineral
14	Aniversário do Átila Promoter	Metrópole City Hall	20/05/2017	Cineral e Tupinambá Saudade
15		Palácio dos Bares	22/05/2017	Cineral e Pop Som
16		Bar Nova Dimensão	25/05/2017	Nova Dimensão

5.2.1 Os interlocutores

Para auxiliar nas análises e interpretações, apresentarei algumas citações literais de trechos das entrevistas realizadas com atores envolvidos no universo das aparelhagens. Para auxiliar a compreensão do leitor, disponibilizo abaixo uma breve

apresentação dos principais interlocutores entrevistados. Conforme poderá ser observado, optei por utilizar os nomes da forma com que eles se identificam.

Tabela 2 – Breve apresentação dos interlocutores entrevistados

Nome	Descrição
Belzinha	Mulher de meia idade, mãe de três filhos e frequentadora de festa de aparelhagem desde “mocinha”. Ficou longe das festas enquanto foi casada, voltou a frequentá-las depois de se separar e é seguidora da aparelhagem Rubi há três anos. Belzinha tem grande intimidade com todos os integrantes do Rubi, é amiga dos DJs e do proprietário da aparelhagem.
Dany do Shopping	Tem 31 anos e conheceu o universo das aparelhagens há cerca de cinco anos por indicação de um amigo fã do Tupinambá. Desde então, se apaixonou por essa aparelhagem e, atualmente, se identifica como seguidora da mesma. Possui um relacionamento com os integrantes do Tupinambá semelhante à descrita acima em relação à Belzinha e o Rubi. Dany mora no bairro Cordeiro de Farias, localizado às margens da Av. Augusto Montenegro, um dos eixos de expansão urbana apresentado no capítulo 1.
Leka	Moradora do bairro Guamá, localizado nas baixadas de Belém, e é seguidora da aparelhagem Cinerall há cinco anos. Com 29 anos e uma filha de 15, Leka frequentava as festas de ‘toca tudo’ desde muito nova, se afastou quando engravidou e retornou há oito anos, agora frequentando o segmento ‘saude’.
Lucas	Frequentador bastante assíduo das festas de aparelhagem, especialmente do segmento de ‘marcantes’. Ele é integrante do Bonde do Nova Dimensão, a equipe de dança de tecnobrega que eu tive a oportunidade de visitar e sua principal motivação nas festas é a dança. Lucas é morador do bairro Guamá e é um grande defensor da cultura das aparelhagens.
Clebea	Frequentadora de festa de aparelhagem desde pequena, sendo que há nove anos frequenta as festas do segmento ‘saude’. Moradora do bairro Bengui, também às margens da Av. Augusto Montenegro, é presidente dos fã-clubes da aparelhagem Tupinambá há dois anos, sendo responsável por organizar e mobilizar a atuação dos fã-clubes, confeccionar camisas, bandeiras e outros produtos personalizados, ajudar na produção de eventos festivos, entre outros.
Norma	Faxineira do <i>hostel</i> em que eu estive hospedado. Quando soube que eu estava em Belém para estudar as festas de aparelhagem, passou a me dar dicas das melhores festas, bem como informações sobre o transporte público da cidade. Norma frequenta as festas do segmento ‘saude’ todos os finais de semana.
DJ Mauro	Proprietário e DJ da Mauro Som 3D, que é uma aparelhagem de médio porte, bastante frequente em festas no bairro da Pedreira;
DJ Wesley	Um dos DJs do Super Pop Live, a maior aparelhagem da atualidade. Wesley é sobrinho do DJ Gilmar, proprietário do Rubi e uma das figuras mais importantes da história das aparelhagens. Além do Super Pop Live, Wesley já foi DJ das aparelhagens Rubi e Tupinambá.
Waldo Squash e Maderito	Integrantes da Gang do Eletro, a banda de maior sucesso para além do universo das aparelhagens, que chegou a se apresentar na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Waldo é um produtor musical bastante requisitado para a realização de músicas de equipes e fã-clubes. Maderito é cantor e parceiro de Waldo em várias produções do tecnobrega. Ele é uma figura bastante popular no universo das aparelhagens em Belém e é um frequentador assíduo das festas. Maderito me indicou algumas festas que eu deveria visitar, me explicou vários detalhes acerca do universo das aparelhagens e me colocou em contato com alguns dos frequentadores que entrevistei e acompanhei em festas.
Kiko da Pedreira	Frequentador das festas, morador do bairro da Pedreira e seguidor da aparelhagem Pop Saude há 13 anos. Sua proximidade com os integrantes dessa aparelhagem é tamanha que, hoje em dia, ele trabalha como relações públicas do Pop Saude, sendo responsável pela confecção de material gráfico e divulgação das festas no <i>Facebook</i> e <i>WhatsApp</i> . Kiko foi fundamental para a pesquisa, pois ele traz tanto a perspectiva do frequentador, como a de um funcionário da aparelhagem.

Além dos interlocutores com os quais pude realizar as entrevistas, houve algumas pessoas que também foram fundamentais para o trabalho com contribuições resultantes de conversas informais.

Tabela 3 – Breve apresentação dos interlocutores que contribuíram com este trabalho por meio de conversas informais

Nome	Descrição
Rodrigo	Mototaxista que trabalha nas portas das festas de aparelhagem. Já foi frequentador das festas, porém, após casar e ter filhos, parou de frequentá-las. Durante os deslocamentos que fizemos juntos, Rodrigo me contou vários casos da época em que era frequentador assíduo das aparelhagens. Além disso, esteve comigo em algumas festas e sempre chamava minha atenção para alguns aspectos importantes.
Bruno e Érika	Casal de amigos que me recebeu em todas as minhas visitas à Belém. Moradores do Umarizal, um bairro de classe média e alta, eles me apresentaram muito da cultura paraense, me levaram às primeiras festas em que eu estive e foram fundamentais para eu conhecer a perspectiva das pessoas que não estão inseridas no universo das aparelhagens, além das recomendações de segurança acerca da cidade. ¹
Marcelo	Proprietário da casa de show Armazém da Música, um galpão modesto, localizado no bairro da Pedreira, que realiza festas com aparelhagens de médio porte às sextas e sábados.

5.2.2 A importância dos grupos de WhatsApp

Conforme relatado anteriormente, o aplicativo de celular *WhatsApp* é uma ferramenta de comunicação que é amplamente utilizado pelas pessoas envolvidas no universo das festas de aparelhagem. Desde as primeiras observações realizadas à distância, já foi possível perceber a importância da utilização desse aplicativo para a comunicação dos frequentadores e, durante as entrevistas, foi quase uma unanimidade a presença dos entrevistados em diversos grupos. Tais grupos são formados em torno de alguma aparelhagem, entre integrantes de equipes e/ou fã-clubes, entre moradores de um determinado bairro, etc.

Vilhena (2012) demonstra como o celular já era importante para os frequentadores desde a época de seu estudo. Entretanto, como a disponibilidade de telefones celulares inteligentes⁵⁷ e de internet móvel não era tão difundida⁵⁸, os frequentadores envolvidos na pesquisa lançavam mão de mensagens de texto (SMS), que não necessitam de acesso à internet para serem enviadas.

⁵⁷ Celulares inteligentes ou *Smartphones* são telefones móveis que possuem sistema operacional, tal como os computadores, e são capazes de executar diversos aplicativos. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/smartphone>> Acesso em: 17 out. 2017.

⁵⁸ No Brasil, o número de pessoas que utilizam *Smartphones* aumentou em 3,5 vezes, partindo de 14% dos habitantes em 2012 para 62% em 2016. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/02/28/uso-de-smartphones-cresce-35-vezes-no-brasil.htm>> Acesso em: 17 out. 2017.

Aliás, o telefone celular, não só para este público que recortei em minha pesquisa, mas também para outros indivíduos das mais diversas camadas da população, tornou-se mais do que um bem utilitário, um objeto de desejo que se articula a práticas de consumo que se tornam uma extensão de sua vida social. (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004, *apud* VILHENA, 2012, p. 60)

Tendo em vista essa relevância, decidi entrar nesses grupos visando observar como se dão os relacionamentos entre essas pessoas, quais os seus assuntos de interesse, manter-me informado das principais festas e, com sorte, conseguir alguns interlocutores para a pesquisa. Para minha surpresa, a presença nos grupos de *WhatsApp* dos frequentadores me propiciou uma grande vantagem, que foi a possibilidade de realizar uma observação das relações que eles desenvolvem sem ser invasivo, pois se trata de um ambiente público. Na realidade, eu nem sequer fui percebido nos grupos que participei, uma vez que não me manifestei em nenhum momento, sendo que a influência do pesquisador sobre o pesquisado, nesse caso, foi nula.

Ao todo, estive em três grupos de *WhatsApp* dos frequentadores: em um deles solicitei ao moderador que entrasse; em outro, entrei por meio de um link que foi divulgado no grupo anterior e, por fim, Maderito criou um grupo especificamente para me colocar em contato com as frequentadoras das festas do segmento ‘saude’. Além disso, esse aplicativo teve uma grande importância durante toda a pesquisa, pois foi a plataforma que mediou minha comunicação com frequentadores, produtores, DJs, proprietários e até pesquisadores de Belém.

Assim como outros temas apresentados no decorrer do presente trabalho, as relações observadas nesses grupos poderiam ser objeto de um estudo específico. Devido ao tempo reduzido para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, não foi possível aprofundar nesse assunto. Dessa forma, dedicarei essa seção apenas ao apontamento de alguns aspectos observados nos grupos. Abaixo, uma mensagem do moderador contendo os objetivos, as regras e as parcerias relacionadas ao grupo:

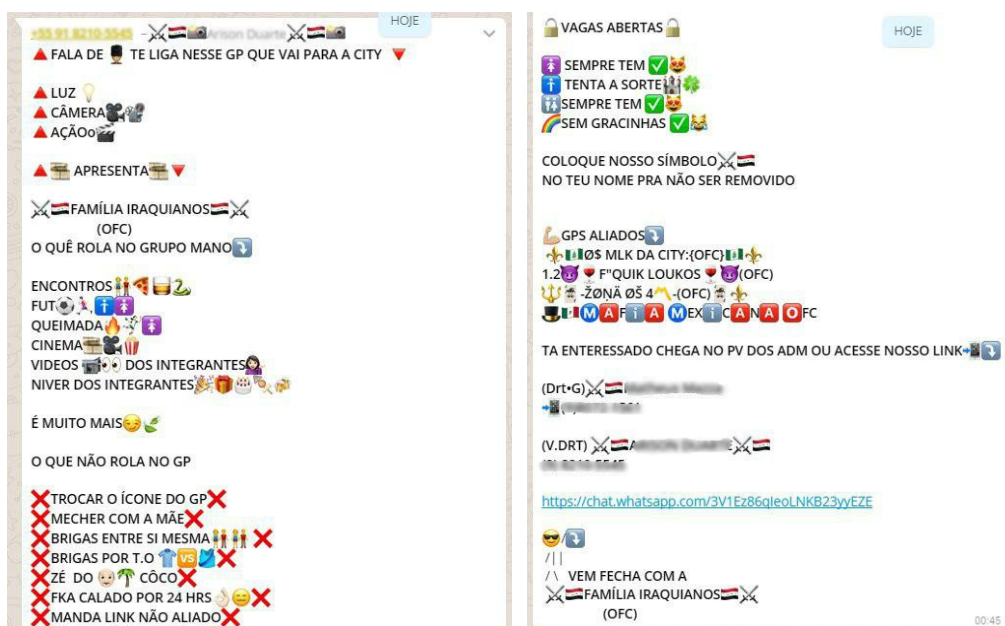


Figura 9 - Mensagem do moderador de um grupo de *WhatsApp*

Meu primeiro contato com o público das festas de aparelhagem ocorreu mediado por um grupo⁵⁹ que, aparentemente, foi criado por um frequentador que tem uma relação de proximidade com uma determinada aparelhagem⁶⁰. Em geral, os grupos apresentam um nome relacionado à sua razão principal de ser e, uma vez criados, são divulgados em comunidades no *Facebook* ou dentro de outros grupos de *WhatsApp*. Os interessados em integrá-lo respondem à postagem com o número de seu telefone, permitindo que o administrador os adicione, ou utilizam-se de links. Dessa forma, procurei a postagem mais recente sobre o assunto em uma comunidade de *Facebook* dedicada à aparelhagem Crocodilo, entrei em contato com o administrador e solicitei minha entrada no grupo.

⁵⁹ Não são todos os grupos que são criados dessa forma. Existem grupos mais restritos, formados por integrantes de determinada equipe ou de várias equipes e integrantes da aparelhagem que têm função de fazer essa ponte entre aparelhagem e fãs, entre outros.

⁶⁰ Em entrevista, DJ Mauro disse que acreditava que algumas dessas pessoas são pagas pelas aparelhagens. Entretanto, conforme veremos adiante, muitos desses frequentadores criam os grupos e auxiliam na divulgação por amor à aparelhagem, para ter o reconhecimento dos DJs ou para se sentir especial de alguma forma.



Figura 10 - Divulgação de grupos de *WhatsApp*

Fonte: Grupo público do *Facebook* chamado “NOVO SUPER POP LIVE”⁶¹

Ao entrar, foi possível observar alguns comportamentos recorrentes. Os integrantes mais atuantes solicitavam que os novatos no grupo se apresentassem e mandassem fotos, que eram recebidas com elogios, na tentativa de iniciar alguma paquera. Postagens de fotos pessoais eram bastante comuns e os integrantes pressionavam os demais a interagir entre si. Em alguns momentos, essa demanda por interações partia do moderador do grupo, que ameaçava excluir pessoas que não se manifestassem, já que havia muitos interessados em adentrar o grupo.

Para muitos, o grupo parecia ter a utilidade de propiciar as paqueras. Cantadas, elogios e insinuações sexuais eram constantes, bem como pedidos de conversas ou de envio de “nudes”⁶² no privado – quando as mensagens são mandadas diretamente para a outra pessoa, fora do grupo. Foi muito recorrente, também, especialmente pelas noites, o envio de vídeos e imagens com conteúdo pornográfico, que, em geral, eram recebidos com bastante naturalidade⁶³.

⁶¹ Disponível em: <<https://goo.gl/UE5e3m>> Acesso em: 9 mar. 2017

⁶² “Nudes” é uma palavra de língua inglesa que significa nu ou nudez. Nas redes sociais é utilizada para denominar fotos de nus enviadas pelas pessoas.

⁶³ Em uma única oportunidade, uma menina se sentiu ofendida com o compartilhamento de conteúdo pornográfico: “Eita. Não preciso disso.” Um dos moderadores do grupo repreendeu o rapaz que fez o compartilhamento – “Não pode manda essa fita no gp” – e o removeu do grupo.

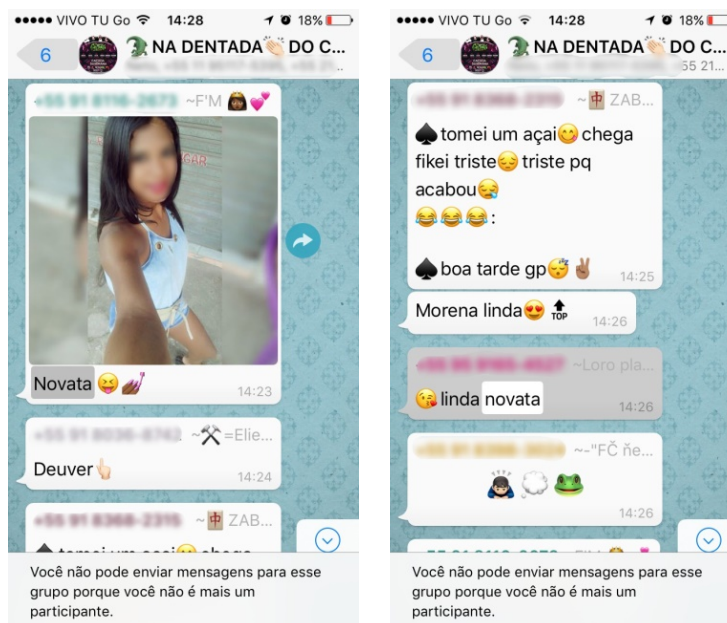


Figura 11 - Interações no grupo de *WhatsApp*

Alguns dos integrantes do grupo eram DJs de aparelhagens ou promotores de festas, que utilizavam esse canal para divulgar seus eventos por meio do compartilhamento de peças de divulgação das festas. Além das agendas, houve vários compartilhamentos de clipes e áudios das músicas que eram lançadas, indicando o importante papel desses grupos na propagação da produção do tecnobrega. Os integrantes se mostravam bastante satisfeitos com o compartilhamento das músicas, comentando e demonstrando suas predileções. Além das músicas do universo do tecnobrega, houve menções a diversas músicas do *funk* carioca, além de uma paródia, com teor pornográfico, da canção *Devolva-me*, famosa na voz de Adriana Calcanhoto.

Os integrantes do grupo eram bastante atualizados em relação às tendências da cultura de massa global. Por exemplo: no dia 04 de agosto de 2016, todos estavam eufóricos e ansiosos por experimentar o jogo de celular *Pokémon Go*⁶⁴, que havia sido lançado no Brasil há menos de 24 horas. No mesmo dia, alguns integrantes combinavam de assistir ao filme “*Esquadrão Suicida*”, cujo lançamento nacional ocorreria exatamente naquele dia.

Ainda sobre o *Pokémon Go*, os integrantes do grupo faziam piada entre a dinâmica do jogo e a violência da cidade de Belém. O objetivo do jogo é capturar os personagens (*Pokemóns*) que se encontram “espalhados” virtualmente pela cidade.

⁶⁴ Matéria sobre o lançamento do jogo *Pokémon Go*: <<http://www.tecmundo.com.br/pokemon-go/107518-pokemon-go-brasil-como-baixar-lancamento-android-ios.htm>> Acesso em 04 ago. 2016.

Sendo assim, um dos integrantes postou: “Eu quero ver quem vem caçar *Pokémon* ‘aki’ no ‘jurunas city’”. Em resposta, outro integrante insinuou sobre a segurança do bairro: “Ai o ‘ladrao’ vem leva teu ‘célula’ e teus *pokemom*”. Esse comentário gerou risos nos integrantes, o que demonstra certo costume em relação à situação de insegurança local.

No período em que estava acompanhando o grupo, a rede Globo tinha acabado de lançar uma novela que se passava numa cidade fictícia do Pará. No entanto, os integrantes do grupo não ficaram satisfeitos com o tratamento dado à personagem paraense, nem com a forma estereotipada com que a cultura do estado estava sendo retratada.

A atriz Maria Fernanda Cândido que interpreta a Joyce, mãe de Jorginho que é feito pelo Fiuk, disse no capítulo de ontem (10/05/17) na novela para a Ritinha, que faz o papel de paraense interpretado por Isis Valverde, que o nosso linguajar é vulgar, sem classe, pobre. Citando as expressões "égua", "pavulagem" e outras.... A Autora Glória Perez, está avacalhando os Paraenses, ela poderia criar outra forma de xingamento que não ferisse nossa cultura, nosso linguajar, pois isso já está enraizado em nós. Se já éramos vistos com o povo do Norte, que vive no meio de índios e jacarés que moram em ocas, imagina agora depois dessas ofensas em horário nobre? Vamos nos unir e tomar uma atitude contra esse tipo de violência que fere nossos costumes. Por favor, compartilhe. E não dê audiência a essa novela que só faz nós Humilhar. Rede Esgoto, tô fora (Texto extraído do grupo de *WhatsApp*)

A linguagem empregada pelos integrantes do grupo era bastante específica. Várias siglas e gírias (ver Anexo IV) eram utilizadas, além de diversas palavras com a grafia diferente da norma culta e intensa utilização de *emojis*⁶⁵, o que acabava por comprometer a minha compreensão em alguns momentos.

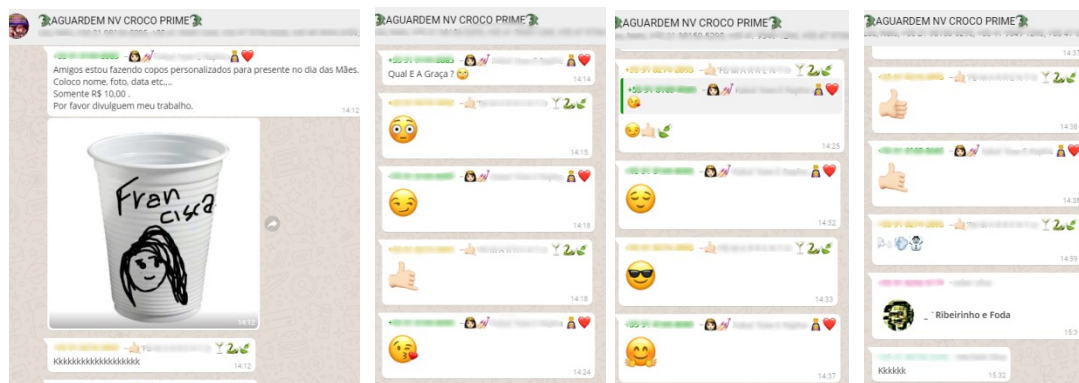


Figura 12 - Diálogo realizado por meio de *emojis*

⁶⁵ “Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa.” Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>> Acesso em: 18 out. 2017.

A rivalidade entre os times de futebol de Belém era assunto frequente, especialmente nos dias de jogos dessas equipes, sendo que muitos dos comentários apresentavam forte teor homofóbico, ainda comuns no ambiente desse esporte. Havia, também, insinuações de consumo de maconha e postagem de pessoas consumindo cocaína, além de piadas prontas de vários tipos e algumas postagens religiosas, agradecendo a Deus pela vida e contendo citações bíblicas.

Dentre os conteúdos compartilhados no grupo, os que mais me causaram espanto foram aqueles relacionados à violência. Eram comuns vídeos de execuções sumárias e fotos de corpos ensanguentados, além de indicações da ação de milícias nos locais onde os integrantes moram. Tudo era tratado com bastante naturalidade.

Dentre as várias postagens com esse conteúdo, algumas se destacavam pela proximidade do ocorrido em relação aos integrantes do grupo. Um vídeo gravado em um bar no bairro do Jurunas, mostrava dois corpos na parte interna do estabelecimento, além de um terceiro corpo na calçada, em frente ao bar. Um integrante comentou que foi do lado da casa dele, revelando o nome e o endereço do bar. Além disso, comentou que era “do lado dos traficantes”, o que demonstra que a convivência com o tráfico é algo corriqueiro. Outro integrante diz que o “carro prata não economizou dessa vez”, mas não compreendi do que se tratava. Em seguida, é enviado um áudio de uma moradora, em que é possível ouvir os tiros ao fundo, que narra os momentos de tensão no momento do crime. Constatei, assim, que não é só de brega que é composta a paisagem sonora das periferias de Belém.

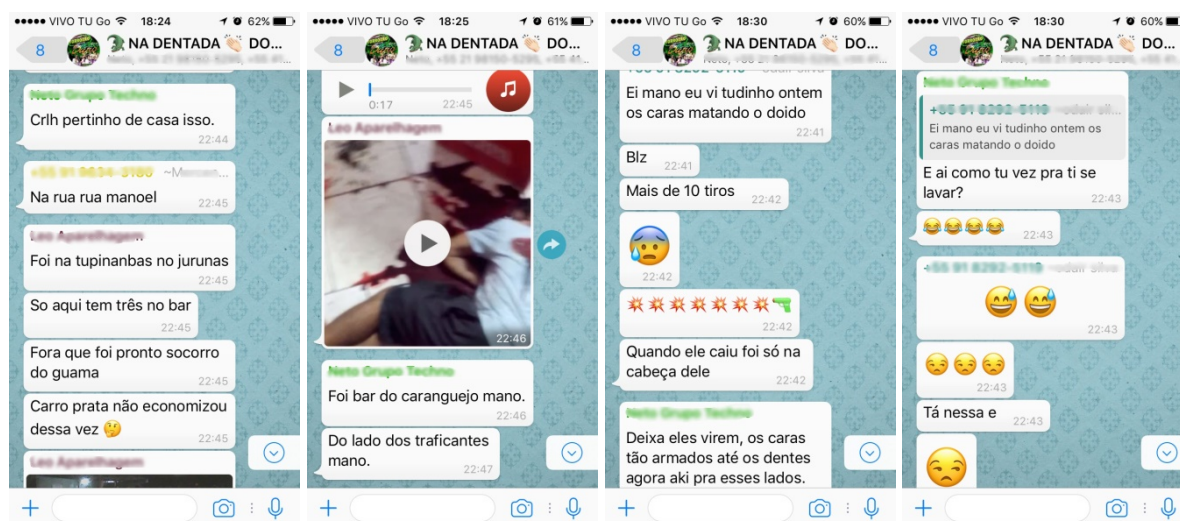


Figura 13 - Violência no cotidiano dos integrantes

Antenados na desordem político-institucional que tomou conta do país após a “deposição de presidenta legitimamente eleita (...) sem culpa comprovada de quaisquer crimes de responsabilidade” (ARAÚJO, 2016, p.12), a temática era abordada em algumas oportunidades. No entanto, era sempre tratada de forma jocosa e superficial.

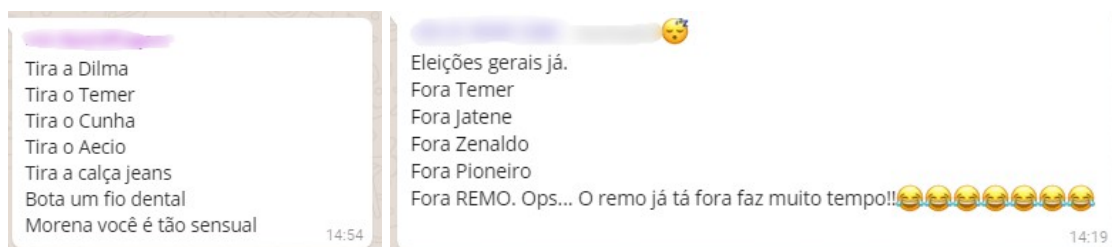


Figura 14 - Comentários sobre política no grupo de *WhatsApp*

Estive no grupo em dois períodos: entre os dias 03 e 10 de agosto de 2016, quando fui removido, provavelmente, por não interagir com os demais integrantes, e entre os dias 06 de maio e 12 de setembro de 2017, quando saí espontaneamente. Havia um volume enorme de informação – às vezes, eu passava três dias sem olhar o grupo e acumulavam-se quase 1000 mensagens – e, fatalmente, vários detalhes não foram aqui relatados, nem compreendidos e, muitos, provavelmente nem sequer foram percebidos. As observações nesse ambiente contribuíram bastante para eu conhecer um pouco mais essas pessoas, a quem esse trabalho é dedicado, bem como a complexidade do lugar onde elas vivem e se divertem.

5.3 Questões que antecedem as festas

Para compreender a relação dos frequentadores com o universo das aparelhagens se faz necessário apresentar alguns aspectos que antecedem as próprias festas, e que influenciam diretamente na vivência desses frequentadores. Questões relacionadas à divulgação, ao deslocamento e à segurança dizem muito acerca do seu estilo de vida, bem como da maneira com que essas pessoas interagem com a cidade.

5.3.1 Formas de divulgação

A divulgação das festas⁶⁶ de aparelhagem ocorre de diversas formas. Ao longo de toda a cidade, é possível ver faixas informando sobre os eventos. Nos casos de festas maiores, são utilizados também outdoors e *busdoors*⁶⁷, além de chamadas nas rádios e até nas emissoras locais de televisão.



Figura 15 – Faixa de divulgação de uma festa flutuando no rio no balneário de Oteiro.

Atualmente, a divulgação no ambiente virtual é uma importante ferramenta no universo das festas de aparelhagem, especialmente através do *WhatsApp*. As aparelhagens lançam mão de *flyers* virtuais (Figura 16) que são enviados nos grupos dos frequentadores, além de utilizarem as listas de transmissão, ferramenta do aplicativo que permite enviar mensagens individuais para até 256 pessoas simultaneamente.

Segundo o DJ Mauro (Comunicação pessoal, 2016), as aparelhagens contratam alguns agentes para auxiliar nessa divulgação através do *WhatsApp*, mas não fiquei muito certo de que a via da contratação é a mais usual. O que percebi é que os fãs têm um papel fundamental na propagação das agendas de apresentação das aparelhagens. Ajudar na divulgação, informar questões relacionadas aos serviços e promoções das festas, administrar os grupos, são formas dos fãs conseguirem certo reconhecimento, de se sentirem mais próximos dos DJs e especiais para a aparelhagem como um todo.

⁶⁶ A princípio, falar em estratégias de divulgação parece tratar de aspectos ligados à produção. Entretanto, acredito que tais estratégias permitem especular sobre os interesses dos frequentadores, os objetivos na festa e os meios de informação mais utilizados por eles.

⁶⁷ Ferramenta de propaganda aplicada na parte traseira de ônibus.



Figura 16 - Agenda da aparelhagem Crocodilo recebida via *WhatsApp*

Em geral, as divulgações dos eventos buscam enfatizar algum tipo de promoção. É muito comum a gratuidade do ingresso para pessoas que entram no evento até determinada hora. Em geral, a gratuidade é exclusiva para mulheres, mas existem casos em que tal estratégia se estende para estudantes e, algumas vezes, para todo o público. É muito comum, também, destacar promoções relacionadas às bebidas alcoólicas.

Nas peças de divulgação, existe uma predominância da figura masculina, já que os DJs são quase exclusivamente homens⁶⁸. As exceções ocorrem quando alguma das poucas DJs mulheres se apresenta, quando é realizado algum tipo de concurso de beleza na festa ou existe alguma dançarina convidada. Nesses casos, são expostas fotos erotizadas de mulheres, de biquíni ou roupas curtas, e, às vezes, até com mulheres nuas.

⁶⁸ Em todo o período em que estive atento ao universo de aparelhagem só tive notícias de duas DJs mulheres: DJ Meury e DJ Agatha.



Figura 17 - Exemplos de divulgação do Super Pop Live via *Instagram*

Como era importante para mim acompanhar as festas desde o início, usufruí bastante dessas promoções de gratuidade. É provável que essa estratégia seja uma tentativa dos produtores dos eventos de fazer com que o público chegue mais cedo às festas e tenha um consumo mais elevado no bar. O curioso é que, ao contrário de mim, poucas pessoas faziam uso dessas promoções. Em geral, o público de aparelhagem chega muito tarde. Em todas as festas em que eu estive, a casa ficou cheia, de fato, por volta de 1 da manhã.

Segundo o Waldo Squash (Comunicação pessoal, 2016), o público chega tarde pois costuma frequentar bares⁶⁹ antes de se encaminhar para a festa. Existe uma prática entre frequentadores, especialmente do segmento ‘toca tudo’, de aguardar a porta do evento ficar movimentada para adentrar a festa. Alguns frequentadores entrevistados disseram que não gostam de chegar cedo, pois “ninguém gosta de festa vazia”. Vilhena (2012, p. 37) aponta algo semelhante e acrescenta o aspecto da coletividade nos frequentadores que ela observou:

⁶⁹ “A galera aqui não costuma ir cedo pra festa. E a entrada é até meia noite. Cara, meia noite o cara ainda tá ali num barzinho, tá namorando na esquina de casa. Ele vai pra festa depois da meia-noite. Ninguém chega na festa, hoje em dia, antes da meia-noite. O teu caso, que é pra fazer um trabalho de pesquisa, tu chega. E eu acho que quando tu chegou não tinha tanta gente assim, né.” (WALDO SQUASH, Comunicação pessoal, 2016)

Naquele dia, notei que a maioria dos frequentadores chegava em grupos. Muitos ficavam na entrada, apreciando o movimento, encontrando conhecidos e esperando o lugar “lotar mais” para depois entrar. A formação de “grupinhos” chamava bastante atenção. Quase ninguém estava ali sozinho. Percebi uma forte influência da coletividade no comportamento dos jovens que ali se concentravam. Este fato foi apenas um dos diversos outros elementos que fui percebendo nas outras experiências que vivi depois. (VILHENA, 2012, p. 37)

5.3.2 Deslocamento às festas

A experiência de frequentar uma festa de aparelhagem inicia-se no deslocamento até os locais onde são realizadas. Conforme vimos, a maioria das festas acontece em bairros da periferia com altos índices de criminalidade. Aliado a isso, tem-se a questão da ineficiência do transporte público, especialmente nessas localidades e no período da noite, que é quando ocorrem as festas.

Por essas razões, durante a minha primeira estada em Belém, decidi que a forma melhor e mais barata⁷⁰ de me deslocar às festas era o mototáxi. Já no segundo trabalho de campo, eu estava mais habituado com o contexto das festas de aparelhagem e tive oportunidade de utilizar as várias opções de transporte disponíveis. Na questão do deslocamento às festas, penso que pude experimentar um pouco do que vivem os frequentadores, na medida em que, para reduzir os custos da pesquisa, era necessário escolher sempre o transporte mais barato, sem perder de vista a questão da segurança. Nos deslocamentos, lancei mão dos ônibus urbanos até às 23 h, de uma van clandestina entre o Guamá e o Jurunas acompanhado de uma frequentadora e de mototáxis nos retornos durante as madrugadas. Em uma dada ocasião, fui a pé ao Butequim⁷¹ e até peguei uma carona com um frequentador.

Em conversa com os frequentadores, pude perceber que o deslocamento às festas é uma preocupação recorrente, mas eles sempre conseguem sobrepor as dificuldades. O que importa para eles é conseguir ir às festas. Uma frequentadora de baile da saudade disse que vai onde o dinheiro dela pode levar. Atualmente desempregada, ela evita festas muito distantes de sua casa no bairro Guamá, em razão do custo com mototáxi. Existem aqueles que juntam um grupo de amigos, dividem a gasolina e vão com o carro

⁷⁰ Conforme informado nos relatos iniciais da dissertação, nas primeiras viagens que realizei utilizando mototáxi, paguei valores acima do que eu considerava razoável. Descobri, então, que a barganha é uma prática bastante comum entre os mototaxistas.

⁷¹ Casa de show localizada em uma área central, a alguns quarteirões de distância do *hostel* em que me hospedei.

de algum deles. Alguns vão às festas de ônibus ou van, economizando um pouco de dinheiro para voltar de mototáxi.

Eu: O Cangalha é grande, né? Eu nunca fui lá não.

Leka: Eu já. Só que é muito ruim pra mim. Às vezes, pra voltar. Tem uns lugar que são ruim para voltar. Só que a gente dá um jeito, né? Nessa vida a gente dá um jeito pra tudo, menos pra morte. Porque pro resto a gente dá jeito.

Eu: Procura amigos para pegar carona? Porque até mototáxi é caro, né? Uns 20, 30 reais de moto.

Leka: Tem uns que ainda fazem assim um desconto. Tem muitos mototáxis que são bacanas, mas tem uns que: “é tanto, é tanto e pronto.” E não querem saber.

Eu: Daqui para a Florentina dá quanto?

Leka: R\$ 10,00. Mas quando eu vou, eu pego van. R\$2,50. Lá na frente para. O daqui para bem na frente. Desce lá na frente. Eu prefiro gastar pra voltar do que gastar pra ir. Porque pra ir, tá mais cedo ainda. O problema é vim de madrugada que num tem quase ninguém. A rua aqui é deserta na madrugada. Ai pra vim andando lá do canto num é confiável. (LEKA, Comunicação pessoal, 2017)

Em várias festas, procurei me fazer presente mais cedo, com o intuito de observar a chegada dos frequentadores. Considerando o intenso fluxo de mototáxis nas portas dos eventos durante toda a noite, percebe-se que esse transporte é um dos mais populares entre o público. Não era raro perceber mais de um passageiro nas motos, quase sempre sem capacetes. Em algumas oportunidades, observei frequentadores chegando de táxi convencional, também quase sempre lotado com cinco ou seis passageiros. Existem aqueles frequentadores que vão às festas com carros particulares, haja vista a grande quantidade deles estacionados na porta dos eventos ou nos estacionamentos, quando disponível.

5.3.3 Segurança nas festas de aparelhagem

É muito comum haver longas filas nas portas dos eventos. Isso ocorre, em parte, devido às razões expressas acima e, em parte, devido à identificação e revista minuciosa realizada pelos seguranças das festas, visando impedir a entrada de menores de idade e de possíveis armas. Em duas festas em que estive, observei seguranças impedindo entrada de pessoas sem documentos de identificação que aparentavam ser bastante novas. Vilhena (2012) relata a estratégia de alguns menores de idade, que esperam o momento de maior fluxo na portaria para entrar sem ter que mostrar o

documento de identidade⁷². Segundo Marcelo, proprietário da casa de show Armazém da Música, o problema relacionado à presença de menores de idade nas festas é um motivo constante de preocupação, pois existem fiscalizações frequentes do juizado de menores e, caso seja encontrado algum menor na festa, o estabelecimento pode ser multado ou até fechado.

A revista é realizada de forma bastante criteriosa. Os seguranças pedem para mostrar os objetos contidos nos bolsos, levantar a camisa e revistam o corpo todo, desde a cintura até o tênis – imagino que em busca de drogas ou qualquer tipo de objeto que possa ser usado como arma. Esse tipo de revista se justifica, provavelmente, em razão do supracitado contexto violento. Eu mesmo presenciei alguns fatos que apontam para essa violência⁷³.

A questão da segurança nas festas de aparelhagem é um assunto que merece ser debatido com bastante cautela. Apresentarei a visão de grupos distintos com os quais tive a oportunidade de interagir durante o meu campo. Entretanto, uma análise mais aprofundada do assunto não se justifica, uma vez que ultrapassaria o escopo da pesquisa.

Existe pelo menos duas perspectivas que servem para introduzir o assunto e que dizem respeito a como esses grupos distintos percebem a violência. A primeira perspectiva já foi abordada aqui e diz respeito ao discurso recorrente entre pessoas das classes média e alta, de que tais eventos são perigosos em função de brigas constantes, por serem frequentados por bandidos de todo tipo e serem financiados pelo tráfico de drogas.

A segunda perspectiva penso ser a dos DJs, produtores e frequentadores que são taxativos ao dizer que festas de aparelhagem não são perigosas, pelo menos em um primeiro momento. Aos poucos relatam alguns incidentes violentos, mas consideram normal e que podem ocorrer em qualquer tipo de festa, de qualquer classe social. Os DJs e produtores entrevistados, talvez por seu interesse comercial nas festas, ilustraram

⁷² “Às vezes, nós espera a confusão e consegue entrar bem mais tarde. Também tem os moleque que eles liberam porque não têm cara de menor’ – explicou-me um rapaz bem jovem, que abordei na fila”. (VILHENA, 2012, p. 59)

⁷³ Em uma das minhas visitas à Belém, anterior à pesquisa, o barco que me levou à cidade aportou no bairro Guamá. Entrei em um táxi e, enquanto trafegávamos pela Avenida Bernardo Sayão, o motorista mostrou pelo retrovisor que a van que se encontrava atrás do táxi estava sendo roubada por dois homens armados. Numa outra oportunidade, voltando de uma festa no mesmo bairro, um taxista me informou que o local estava tranquilo naquele fim de semana pois a milícia que atua na região havia matado dois traficantes alguns dias antes.

esses argumentos contando sobre exemplos de brigas que aconteceram em outros ambientes, protagonizadas por pessoas com maior poder aquisitivo⁷⁴.

Eu: Isso que você estava falando do perigo, realmente a primeira vez que eu vim aqui...

Lucas: Não é assim.

Eu: O pessoal ficava falando: ‘você tá doido? Você tá indo no Guamá, no Jurunas’.

Lucas: Num tem dessa.

Eu: Num tem dessa?

Lucas: Num é tão perigoso assim não. Não é perigoso. Qualquer lugar é perigoso. Cada um tem seu nível de periculosidade. Eu moro lá no Guamá e não é assim não. No Jurunas não é assim. Ao contrário, os moradores são mais unidos que o pessoal aqui do centro. Por exemplo, quanta gente que mora no prédio não conhece o pessoal do prédio. Mora aqui e não conhece o pessoal da outra casa. Lá não, lá é festa lá na rua, é baixada e todo mundo se conhece, entendeu? Ladrão de lá não rouba lá, entendeu?

Eu: Para o morador é mais tranquilo.

Lucas: Isso. Eu já fui em festa de aparelhagem, tipo assim, há 7 anos e nunca aconteceu nada de perigoso. Claro que toda festa tem briga, né? Porre e tal. Mas esse negócio de roubar e tiro, não existe isso. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017)

Praticamente todos os frequentadores entrevistados acham que os locais onde moram não são perigosos. Eles consideram a situação da segurança pública em Belém tão grave atualmente, que já não faz mais diferença entre centro e periferia nesse quesito. Todos os entrevistados são categóricos em dizer que não trocariam de bairro se pudessem⁷⁵, o que se justifica uma vez que suas relações afetivas e identitárias foram construídas e territorializadas nesses locais. Em uma certa medida, entendo que a sensação de segurança por parte dos moradores da periferia é um pouco influenciada pela naturalização da violência cotidianda. Entretanto, isso não quer dizer que eles não percebam a situação de violência das periferias da cidade.

Aliado a isso, o paraense, em geral, tem uma característica marcante de ser orgulhoso de sua cultura e era notória a existência, nas entrevistas, de um desejo constante de exaltar o bairro onde se mora⁷⁶, a aparelhagem do coração e a cultura de

⁷⁴ Entre os entrevistados, foi uma constante essa comparação entre a sua situação econômica e a das classes mais privilegiadas da cidade. Cito alguns exemplos: “Quem sabe dançar brega é quem mora na periferia”, “Pessoal da baixada é mais amigo uns dos outros” e “briga ocorre em eventos de todas as classes sociais”.

⁷⁵ Importante pontuar que essas falas foram sempre espontâneas. Em nenhum momento perguntei se gostariam de sair do bairro onde moram ou outra pergunta dessa natureza. Ver Anexo III, com a estrutura das entrevistas.

⁷⁶ Alguns entrevistados chegavam a listar os pontos positivos dos seus bairros.

aparelhagem em si. Esse aspecto observado se relaciona com a colocação de Haesbaert (2005, p. 4): “muitas vezes, por exemplo, é entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas as mais radicais de apego às identidades territoriais”.

Com base no discurso dos sujeitos entrevistados e nas minhas vivências, resumidamente, descreveria a situação de segurança nas festas de aparelhagem da seguinte forma: não é raro ocorrerem brigas em festas de aparelhagem e se credita esse fato ao excesso de álcool e drogas ilícitas. Esses excessos são mais recorrentes nas festas de ‘toca tudo’ que, aliados à excitação provocada pelos DJs e ao fato do público ser mais jovem, faz com que ocorram mais brigas. Algumas confusões são filmadas em telefones celulares e se espalham rapidamente nos grupos de *WhatsApp*, o que, em parte, pode explicar a imagem violenta das festas entre aqueles que não as frequentam.

Conforme relatado no início do trabalho, o mototaxista Rodrigo me informou sobre a ação de ‘lanceiros’ no interior das festas, que são pessoas que roubam pertences pessoais contidos nos bolsos dos frequentadores, como carteiras e celulares. De toda forma, os entrevistados asseguram ser uma minoria dos frequentadores que vai à festa com objetivo de roubar ou causar confusão: “gente ruim existe em qualquer lugar”, eles dizem.

Outra causa de violência no contexto das festas é o que eles chamam de ‘mexer com a mulher dos outros’. Segundo o Waldo Squash (Comunicação pessoal, 2016), são recorrentes brigas causadas por algum homem que fica nervoso por ver uma mulher, com quem já se relacionou anteriormente, na festa com outro homem.

É perigoso. Porque às vezes assim, aquela galera que vai pra aparelhagem é sempre a mesma, sabe? E aí as meninas que vão lá, estão lá todas bonitinhas, aí elas ficam às vezes com um cara ali e aí namoram um pouquinho e já ficam com outro lá, mas às vezes o cara fica gamado nela e fica assim: “olha, se tu ficar com alguém tá ferrada”. Mas na verdade não é ela, é o cara que vai ficar com ela que tá ferrado. E aí, tu tá com ela, quando tu tá saindo, mano, pensa que ele vai pra cima dela, mas ele vai pra cima de ti pra tomar satisfação que a namorada dele estava contigo. Você nem sabia de nada, enfim, ela tava sozinha, sabe? (WALDO SQUASH, Comunicação pessoal, 2016)

Em geral, essas brigas ocorrem fora da festa, uma vez que as confusões são prontamente contidas pelos seguranças dos eventos. Rodrigo apresenta relatos que vão além. Segundo ele, a festa de aparelhagem está cheia de “mulher de” traficantes que

estão presos. Ele me relatou casos em que tais traficantes teriam mandado matar homens que mexeram com “suas” mulheres em festas de aparelhagem.

Vários aspectos observados durante a pesquisa apontam para um machismo estrutural que, como sabemos, não é exclusividade dos frequentadores de festas de aparelhagem. Nessa questão específica abordada acima, a sensação que fica é que, para alguns homens, as mulheres são consideradas suas propriedades.

Desde a primeira festa que frequentei dois fatos me chamaram bastante atenção. O primeiro fato é que, com exceção dos casais que já chegavam juntos à festa, praticamente não observei paqueras⁷⁷ entre os frequentadores. O segundo fato é que os homens não pareciam apresentar posturas invasivas em relação às mulheres, como olhares indiscretos ou abordagens incisivas. Isso me surpreendeu, pois tais posturas são facilmente percebidas ao caminhar pelas ruas de Belém. Após frequentar várias festas e conversar com as pessoas, percebi que o que impede que esses dois fatos ocorram é exatamente o medo dos homens de ‘mexer com a mulher dos outros’.

5.4 Paisagem das festas

Antes de iniciar essa seção, faz-se necessário retomar o conceito de paisagem apresentado no primeiro capítulo, que será a base das análises a seguir. Considerei como paisagem das festas tudo aquilo que minha percepção foi capaz de abarcar, levando em consideração as “cores, movimentos, sons” (SANTOS, 1996, p. 61, *apud* LIMA E ROSA).

É importante salientar que a paisagem que esboçarei é uma representação baseada na minha observação pessoal, “fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos”⁷⁸ (CASTRO, 2002).

⁷⁷ Mais adiante, esse assunto será abordado com mais profundidade.

⁷⁸ “Sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o que se mostra, e a representação do sujeito, que codifica a observação. A paisagem resultado desta observação é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação (CASTRO, 2002).”

5.4.1 As casas de show

Reconhece-se facilmente uma festa de aparelhagem quando se passa na frente de uma. O indício inicial é sempre o alto volume do som, que inunda a paisagem sonora local, já que a maioria dos estabelecimentos não possui isolamento acústico. Além disso, a intensa movimentação de pessoas, carros, mototáxis e ambulantes indica que algo de especial está ocorrendo.

Sempre existe algum tipo de letreiro na porta dos eventos que anuncia a aparelhagem da noite. As grandes aparelhagens instalam belos telões de LED, enquanto as mais modestas se utilizam de banners ou faixas simples. Do lado de fora dos eventos das grandes aparelhagens é comum observar caminhões e, às vezes, geradores de energia estampados com a marca da aparelhagem.

Os estabelecimentos em que ocorrem os eventos são os mais variados possíveis. Existem casas de shows grandes, com boa estrutura como isolamento acústico, ar condicionado e camarote no andar superior. Mas existem também galpões que são improvisados para a realização da festa. É muito comum a utilização de sedes sociais de clubes e associações⁷⁹, além de pequenas quadras de esportes.

Muitos desses locais não possuem alvará para o funcionamento, o que faz com que constantemente algum deles seja impedido de realizar festas – a característica marcante da informalidade em Belém obviamente está bastante presente nesse meio. Passado algum tempo, o mesmo galpão volta a ser utilizado pelas aparelhagens e essa reinauguração é usada como mote para a divulgação, conforme explica Maderito:

Olha um exemplo: fechou aqui uma casa de show, como o que foi lá domingo (se referindo ao Porto São José), aí tem um galpão como daqui até lá na escada, chega pro cara do galpão: “Quanto tá o teu galpão para fazer uma festa?”, “Tanto.” Aí paga. “Bora! Aí diz que é a inauguração do “Galpão das Aparelhagens”. Já mudou já. A instância do cara já mudou. Entendeu? Só ir pra lá, aí tu dá uma lavada lá, coloca os contêineres deles pra fazer o barzinho de cerveja, aí pega duas parede, na hora coloca um vaso lá pros caras mijar e foi. (MADERITO, Comunicação pessoal, 2016)

Um exemplo dessas casas de show improvisadas é o Porto São José. Fui à festa de reinauguração desse local por indicação do DJ Mauro. Ele me informou que iria se apresentar com a sua aparelhagem, a Mauro Som 3D, e a atração principal seria o

⁷⁹ Por essa razão, muitos frequentadores referem-se aos locais de festa de aparelhagem como ‘sede’.

Crocodilo, a aparelhagem que, na época, estava com grande destaque dentre as de ‘toca tudo’. O Porto São José se localizava numa área bastante degradada às margens da Baía de Guajará. Pelo nome e proximidade com o rio, imagino que o estabelecimento tenha outro uso durante o dia. Em um dos locais onde se comprava bebida, observei uma enorme quantidade de sacos de cimento. Fiquei imaginando que talvez o local sirva de depósito ou estava em vias de ter alguma obra.

Era muito claro para mim que o local não foi construído com o intuito de realizar festas. O lote era bastante grande de comprimento – da porta de entrada até o fundo – mas extremamente apertado de largura. A aparelhagem Crocodilo, com suas estruturas metálicas, equipamentos sonoros, nave e inúmeros telões de LED, era incrivelmente grande em relação ao local. Provavelmente por não caber de outra forma, a aparelhagem foi instalada lateralmente, sobrando muito pouco espaço para o público à frente.

Aparentemente, o público do segmento ‘toca tudo’ é menos exigente em relação à estrutura física dos locais devido às características desse tipo de festa, em que a dança aos pares não é uma prioridade. Já para os frequentadores de ‘saude’ e de ‘marcantes’, cuja dança é central na fruição das festas, não é qualquer local que é propício. Alguns desses frequentadores se queixaram do piso de alguns estabelecimentos que estragam os sapatos, forçando-os a ter que trocar a sola do calçado de tempos em tempos. Além disso, reclamam que nas festas de ‘toca tudo’ as mesas ocupam todo o salão, não restando espaço para dançar, e o piso geralmente fica molhado com as bebidas e a água resultante do gelo derretido dos baldes de cerveja.

5.4.2 Padrões de organização das festas

Uma vez dentro das festas, é possível perceber alguns padrões de organização da paisagem observada, para além das peculiaridades de cada estabelecimento. Esses padrões variam de acordo com o segmento de festa, sendo ‘saude’ e ‘marcantes’ semelhantes entre si e ‘toca tudo’ um pouco diferente. As festas de ‘saude’ e de ‘marcantes’ são as que se destacam pelo fato do público dançar aos pares. Por essa razão, a parte central dos salões sempre se encontra livre para os casais dançarem, tal como uma pista de dança, enquanto que em volta são colocadas diversas mesas de

plástico. Os frequentadores que não estão dançando ficam próximos às mesas⁸⁰, em geral, postados em direção à pista de dança.

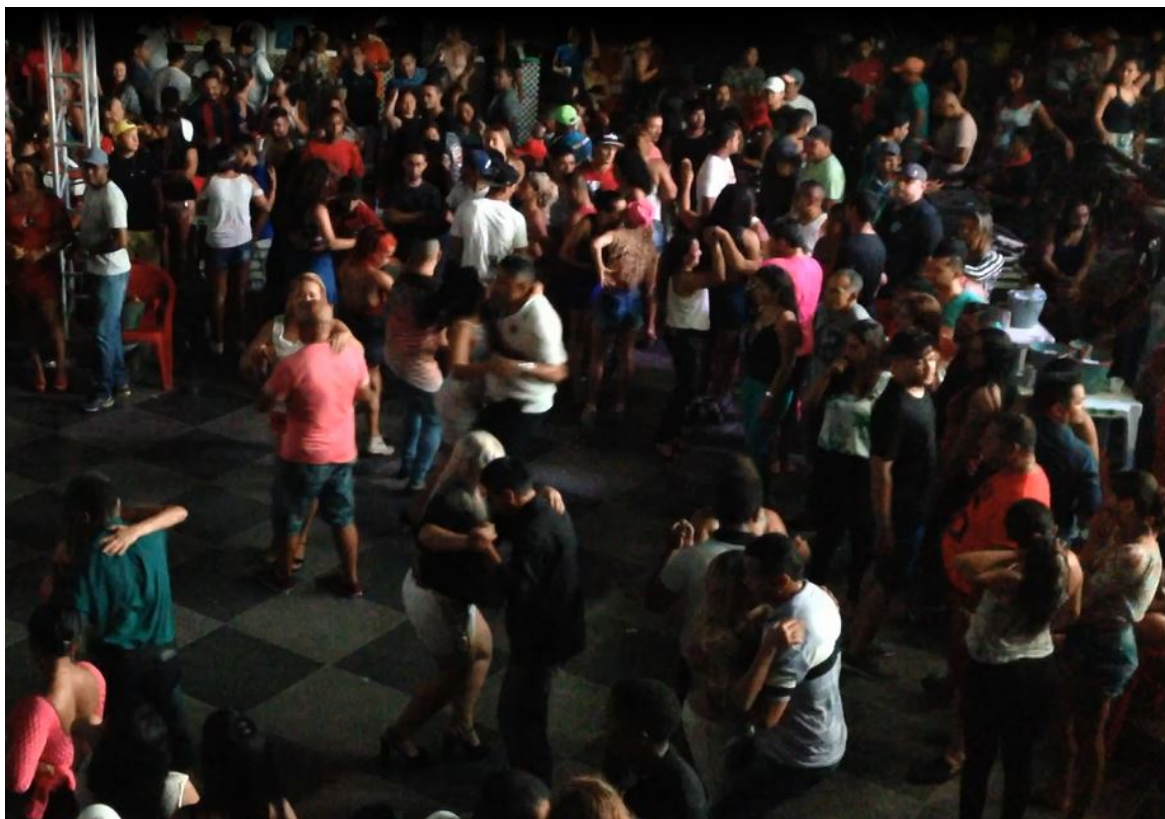


Figura 18 - Paisagem de uma festa de ‘saudade’

Nas festas do segmento ‘toca tudo’ não há espaço reservado para a pista de dança. Os frequentadores ficam em pé à frente da aparelhagem, tal como o público de um show em frente ao palco. As mesas de plástico são espalhadas por todo o local e quase não se verifica a existência de cadeiras. Os frequentadores ficam dispostos ao redor da mesa em formato de meia lua, igualmente em pé e voltados para a nave. No centro dessas mesas ficam baldes de plástico cheios de latas de cerveja imersos em gelo, fato esse comum a todos os ‘segmentos’ de festa.

⁸⁰ Nas festas de ‘saudade’ é comum observar cadeiras colocadas junto às mesas. Pela minha experiência, os frequentadores se sentam no início das festas quando o clima está mais tranquilo. À medida que a festa enche e se torna mais animada, poucas pessoas ficam sentadas.



Figura 19 - Paisagem de uma festa do segmento 'toca tudo'

Apesar do interesse aqui estar focado nos frequentadores, não é possível realizar uma descrição da paisagem de uma festa de aparelhagem sem considerar a própria aparelhagem, que provoca e estimula conscientemente reações diversas no público. Conforme já foi apresentado, as aparelhagens possuem estruturas de som, luz e efeitos especiais que podem ser tão grandes que mal cabem nas sedes. Geralmente, a aparelhagem é montada de costas para uma das paredes laterais do local. Existem diversas festas em que estão presentes mais de uma aparelhagem. Nessas ocasiões, cada aparelhagem é montada em uma das extremidades, sendo muito comum elas ficarem uma de frente para outra.

Nas laterais ou nos fundos se localizam os bares, muitas vezes montados por uma estrutura provisória, e alguns garçons circulam pela festa abastecendo os baldes com cerveja. Em alguns estabelecimentos existiam espécies de mezaninos, também nas

laterais ou no fundo, que serviam de camarotes. Além disso, é comum existirem barracas de alimentação, com destaque para as comidas típicas do Pará como tacacá, caruru e vatapá. É bastante comum, também, pequenas vendinhas com balas e cigarros.

5.5 Os frequentadores

Descrever as pessoas que frequentam as festas de aparelhagem é tarefa um tanto complexa, pois se corre o risco de criar generalizações que podem não ser capazes de contemplar a infinidade de perfis de pessoas, motivações e realidades de vida que estão presentes nesse universo tão amplo e plural. Reafirmo que as caracterizações aqui contidas são fruto da compilação das informações obtidas por meio das observações nas festas visitadas e dos discursos de alguns frequentadores, DJs e produtores, colaboradores desta pesquisa.

Não há dúvidas de que o público das festas de aparelhagem é composto predominantemente por pessoas residentes nas periferias da cidade. Nas palavras de um frequentador, “festa de aparelhagem é pro pessoal mesmo da baixada, mas tem um pessoal do centro que vai”. Assim sendo, também é possível afirmar que são pessoas predominantemente de baixo poder aquisitivo, embora, muitas vezes, o padrão de consumo percebido nas festas seja contrastante com essa realidade.

Apesar disso, em algumas festas, observei alguns carros de luxo nos estacionamentos, além de algumas figuras que, apesar de possuir uma realidade financeira mais favorecida, frequentam as festas por se identificar com aquele estilo de vida ou com aquela vivência cultural. É o caso de dois frequentadores que tive oportunidade de conhecer: um ex-jogador de futebol do Remo e um integrante de uma equipe que trabalha com jogo do bicho. Ambos tiveram uma ascensão financeira no decorrer de suas vidas, mas se mantiveram assíduos nas festas.

Em relação à faixa etária, frequentam as festas desde pessoas bastante jovens, inclusive menores de idade⁸¹, até idosos. Os moradores das periferias de Belém já nascem imersos na cultura da música brega. É de se impressionar o quão intenso é o apreço dos moradores de periferia pelo gênero, suas variantes ‘marcantes’ e o

⁸¹ Alguns frequentadores relatam que começaram a frequentar as festas antes mesmo de completar 18 anos, mesmo não sendo permitido.

tecnobrega. Ao andar pelos bairros empobrecidos de Belém, o brega domina fortemente a paisagem sonora do lugar. Dessa forma, eles se interessam pelas festas de aparelhagem desde de muito novos: “pra te dizer a verdade, eu frequento festa de aparelhagem desde pequena⁸², porque a dança tá no sangue. Vem de geração, vem da minha vó, que virou pra minha mãe, pra mim e agora tá na minha filha” (CLEBEA, Comunicação pessoal, 2017).

É possível estabelecer uma relação entre as características de cada segmento de festa e a média de idade dos frequentadores. Essa relação se tornará mais explícita adiante quando for abordada a relação entre performance das aparelhagens e reação da audiência. Por enquanto, pode-se dizer, de uma forma bastante simplificada, que os frequentadores mais jovens tendem a preferir primeiramente as festas do segmento ‘toca tudo’, por se tratar de festas mais agitadas e intensas, e, em menor medida, as de ‘marcantes’. Já os mais velhos têm a predileção pelos bailes da ‘saudades’, que são ambientes considerados mais tranquilos.

Entretanto, é necessário fazer algumas considerações. É obvio que essa relação jovem/‘toca tudo’ e velho/‘saudades’ trata de uma predominância observada. Inclusive, contradizendo essa informação, frequentadores de bailes de ‘saudades’ defenderam que tais festas não são frequentadas só por pessoas mais velhas e, sim, por pessoas que buscam ambientes mais tranquilos, o que, segundo eles, nem sempre se verifica nas de ‘toca tudo’.

Outra questão necessária é discutir a ideia de jovem e velho no contexto das festas de aparelhagem. Como exemplo, cito Leka que possui apenas 29 anos, mas em função da sua história de vida, já pode ser considerada “velha”. Conforme apresentado anteriormente, ela começou a frequentar as festas antes de ter 18 anos, se afastou quando engravidou e constituiu família e depois retornou às aparelhagens, porém no segmento de ‘saudades’. Vilhena (2012, p. 83) trata do assunto, considerando que existem “inúmeras vivências juvenis possíveis dentro de uma faixa etária” que varia em função das “sociabilidades diferentes” vividas por esses jovens. A autora, ainda, cita Velho (2006) que considera que no contexto contemporâneo, existem várias “juventudes”:

⁸² Antigamente, muitas festas ocorriam nas ruas e não havia classificação etária.

[...] há várias maneiras de “ser jovem”, como também de “ser velho”, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais. Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições e reinterpretções (VELHO, 2006, p. 193 *apud* VILHENA, 2012, p. 83)

A experiência de Leka dialoga com um discurso recorrente: as pessoas se afastam das festas de aparelhagem quando se casam. As justificativas para tal fato são variadas. Alguns defenderam que quando as pessoas se casam precisam dedicar tempo à família, principalmente quando têm filhos e surgem novas “responsabilidades” que os forcem a alterar as formas de utilização do dinheiro⁸³.

Além disso, quando os frequentadores se casam, pode existir o problema de um gostar de uma aparelhagem e o outro gostar de outra. Segundo foi relatado, dependendo da relação dessas pessoas com a aparelhagem, esse fato pode gerar um problema real para o casal. Outra razão do afastamento das festas durante o casamento, relatado por algumas mulheres entrevistadas, é os ciúmes dos maridos que não gostam que elas dancem com outras pessoas.

Para além da relação faixa etária e segmento de festa, existem aqueles que não conseguem ficar longe do brega, seja qual for a variante, e escolhem sua festa da noite de acordo com o humor:

Eu já gosto de tudo. Tipo assim, quando não quero dançar eu vou pro Super Pop (‘toca tudo’). Quando eu quero, eu vou pro Ouro Negro (‘marcantes’), quando quero dançar colado, ou quero pensar na vida, eu vou no baile da saudade. Aqui tem várias opções, mano. Aqui em Belém é assim. Porque falaram assim pra mim: “é porque tu nunca saiu do Pará, tu nunca foi para o Rio de Janeiro”. Pô, eu sei que lá é outro mundo, lá é mais evoluído que aqui, mas eu não quero não, mano. Aqui é tudo perto, entendeu? O trânsito lá demora muito, aqui é até mais rápido um pouquinho, e não vai ter meu tecnobrega para dançar, num vai ter minha festa para eu ir no dia de sexta, sábado e domingo. Num vai ter os DJs falando “bora pra cima, pressão, pressão”. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017, parênteses nossos)

5.6 Performance das aparelhagens e reações nos frequentadores

Conforme vimos no capítulo anterior, cada segmento de aparelhagem desenvolve sua performance baseado em variações de subgêneros do brega que

⁸³ De fato, os gastos dos frequentadores nas festas de aparelhagem podem ser relativamente bastante elevados.

predominam sobre outros⁸⁴. Essa diferença de repertório tem uma influência direta nas formas de recepção e usufruto dos frequentadores.

Para além da questão do repertório predominante de cada segmento, os DJs das aparelhagens de ‘toca tudo’ desenvolvem performances bastante distintas dos outros ‘segmentos’. Suas festas são bastante agitadas, com intervenções constantes que visam animar o público. A iluminação e os efeitos visuais nos telões são mais frenéticos e as aparelhagens fazem uso de efeitos pirotécnicos – também presentes em outros ‘segmentos’, mas com menor intensidade – e shows de dançarinos. Os frequentadores se utilizam das palavras ‘endoida’ e ‘pressão’ para descrever tal segmento, que dizem respeito a esse alto nível de excitação gerado nessas festas.

Os frequentadores de ‘toca tudo’ se estabelecem em grupos de amigos ao redor da mesa e compartilham suas cervejas. Existe pouca interação para além dos grupos. Mesmo dentro da própria turma, a interação não é muito intensa, pois a performance dos DJs rouba bastante a atenção do público. A dança é individual, raros são casais dançando aos pares e são comuns coreografias orquestradas pelos DJs, tanto através de incitações diretas – “joga o bracinho pra cima” ou “bate na palma da mão” – ou por informações contidas nas músicas – um trecho de uma música da aparelhagem Crocodilo sugere aos frequentadores simular a boca do crocodilo com as mãos e os braços (“faz a boquinha do animal”).

A dinâmica das performances das aparelhagens de ‘toca tudo’ visitadas apresenta certa constância. Geralmente, as aparelhagens têm três ou quatro DJs que se apresentam numa ordem previamente definida. A festa se inicia com os DJs de menor prestígio entre os frequentadores. Nesse momento, a festa costuma estar mais vazia e o público mais contido, dançando e cantando de forma tímida, e existe pouca interação entre frequentadores e DJ. Os telões apresentam imagens aparentemente aleatórias, com pouca relação com as músicas. A animação dos frequentadores vai crescendo à medida que um novo DJ entra, cujas performances sempre são introduzidas com alguma vinheta de apresentação.

O auge da festa ocorre quando o DJ principal se apresenta e todas as atenções se voltam para o show da aparelhagem. Para ilustrar, cito a performance dos DJs Gordo e Dinho, da aparelhagem Crocodilo, que presenciei no Porto São José no dia 07/08/2016. Eles iniciaram a performance com uma discotecagem que causou pouco efeito na

⁸⁴ Ver o item 3.2. Segmentos de aparelhagem.

audiência, baseada em música eletrônica internacional. Enquanto tocavam esse repertório, os DJs já avisavam ao público que preparassem seus celulares, pois o show estava para começar. Após cerca de quinze minutos, todas as luzes se apagaram e iniciou-se a narração de um texto de apresentação da aparelhagem e dos DJs. Como não registrei esse momento, transcrevi o texto a partir da gravação de uma performance realizada dois dias antes, disponível no *Youtube*:

Croooooooooooooooooodiiiiiiiooooo, o animal do Pará. (música dramática⁸⁵)

Intervenção do DJ: E aí galera do Sítio Daniely.

Volta a gravação: O incrível animal chegou! Chegou! Chegou! (*Delay*) A união entre a fera e o homem está aqui bem perto de você. Com a sua mandíbula poderosa, trazendo a incrível dentada que conquistou todo o estado do Pará. E que por onde passa vem devastando tudo com muita pressão e alegria.

Voz feminina gravada: É crocodilo. É animal.

Intervenção do DJ: Pra cimaaaaaa!

Gravação: Pra cima, meu animal!

Intervenção do DJ: O animal furiosoooooooo!

Gravação: Sim, o animal. Pra cima, meu animal.

Voz feminina gravada: É crocodilo. É animal.

Gravação: Luzes com movimentos totalmente sincronizados. Imagens em alta definição com um incrível show visual que você só vê aqui. E com a performance sempre perfeita dos irmão Gordo e Dinho Pressão, os DJs responsáveis pela caçada do animal. Porque o show é de vocês.

Intervenção do DJ: Tá na horaaaaaaa! Alô galera do crocodiiiiiiiiiiiiiiiiiooooo! (*Inicia-se a batida do tecnobrega*) E o olha o batidão pra ficar bonito! Só quem tá solteiro joga o bracinho pra cima. Só quem tá solteiro joga o bracinho pra cima. Bate na palma da mão e bora na contagem, na contagem. 5, 4, 3, 2, 1. Tá na horaaaaaaa. (*inicia uma melodia com timbres sintéticos*) E aí Sítio Daniely.

Voz feminina gravada: Dá-lhe crocodiloooooooo.

DJ: O animal chegou furiosoooooooo. (*sampler* de uma fera) Olha o batidão. Olha o batidão. Olha o batidão, do batidão, do batidão.⁸⁶

⁸⁵ Tratava-se de uma música orquestral que associei a momentos dramáticos de filmes cinematográficos. Utilizei o termo “música dramática” por julgar ser um sentido compartilhado entre eu e as pessoas do universo do tecnobrega.

⁸⁶ Transcrição do texto de apresentação da aparelhagem Crocodilo. Gravação da festa do dia 05/08/2016 disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MNZmeirK8TI>> Acesso em: 15 ago. 2016.



Figura 20 – Foto da aparelhagem Crocodilo compartilhada via *WhatsApp*

Nesse momento, a nave – em formato de Crocodilo – levantou, deixando o crocodilo em total evidência, enquanto saía fumaça de sua boca. Muitas pessoas filmavam o espetáculo com seus celulares. É bastante interessante observar como os DJs conseguem levar o público a um estado de frenesi através das mixagens de vários trechos de músicas que passavam rapidamente, imagens projetadas nos telões e efeitos pirotécnicos como explosão de confetes e fogos de artifícios.

A todo momento os DJs pediam para a audiência levantar a mão com discursos do tipo “Quem é solteira levanta a mão!” “Quem é virgem levanta a mão!” “Quem tem amigo ‘viado’ levanta mão!” “Quem tem amiga ‘sapatona’⁸⁷ levanta a mão!” “Quem tá afim de beijar na boca?” “Sai do *WhatsApp* e vai pra cima das meninas”⁸⁸.

Os DJs têm o auxílio dos telões para incitar reações na plateia, conforme os exemplos abaixo (Figura 21). No primeiro, os DJs dizem “Hey” e abaixam o volume da música para ouvir a audiência respondendo “How”. Tanto a pergunta quanto a resposta são projetadas no telão. No segundo exemplo, são projetados os escudos dos times de futebol da cidade de Belém. Em consonância com as projeções, o DJ busca provocar reações nos torcedores dos times: “cadê a torcida do leão (Remo)?” “Quem acha que o

⁸⁷ “Viado” e “sapatona” são formas populares, muitas vezes com um cunho pejorativo, de se referir a pessoas homossexuais do sexo masculino e feminino, respectivamente.

⁸⁸ É interessante o fato do DJ incentivar a paquera, apesar de todas as questões que essa prática envolve.

Remo vai subir⁸⁹” e “o Paysandu vai esperar o Remo lá?” “Cadê a torcida do ‘papão’ (Paysandu)?”.



Figura 21 - Incitações aos frequentadores projetadas nos telões.

Uma estratégia bastante utilizada pelos DJs para cativar o público é mandar abraços ao microfone para pessoas presentes. Isso acontece no decorrer de toda a performance e em todos os ‘segmentos’ de festa. Segundo Maderito (Comunicação pessoal, 2016), as pessoas gostam de ter seu nome citado, pois fica registrado no CD da noite⁹⁰ e isso é motivo de orgulho. O cantor cita um amigo que tem mais de mil CDs ao vivo comprados nas festas.

Vilhena (2012, p. 100) relata a alegria dos integrantes da equipe Família Real do Pop 3D por ter seu nome citado pelo DJ Élison, da aparelhagem Super Pop Live, o acontecimento ficando dessa forma registrado no CD da noite. Seus interlocutores relatam que é necessário frequentar muitas festas para chegar a ter prestígio com os DJs, sobretudo os das grandes aparelhagens.

⁸⁹ Em 2016, o Remo disputava a terceira divisão do Campeonato Brasileiro de futebol. A expectativa era que o time subisse para a segunda divisão, disputada pelo seu rival local, o Paysandu.

⁹⁰ Conforme vimos anteriormente, as aparelhagens gravam as performances e disponibilizam as gravações em CD na mesma noite.



Figura 22 - Coleção de CDs da aparelhagem Cinerl de propriedade de Leka

As aparelhagens de ‘marcantes’ e ‘saude’ desenvolvem performances parecidas entre si, porém bastante distintas das de ‘toca tudo’. Ao invés de buscar manter um nível elevado de excitação do público, os DJs de ‘marcantes’ e ‘saude’ buscam criar um clima agradável para os frequentadores dançarem aos pares. Na maior parte do tempo, os frequentadores não mantêm a atenção fixa na aparelhagem, embora elas apresentem estruturas bastante imponentes em termos de luz e efeitos especiais. Entretanto, a sensação que se tem é que todo esse aparato é utilizado como uma forma de ambientar a pista de dança e não para ser um show em si mesmo.

Essas aparelhagens possuem igualmente entre três e quatro DJs que se revezam no comando. As performances de cada um também se iniciam com vinhetas, porém bem mais curtas, com raros efeitos pirotécnicos. Apenas se intensificam o piscar das luzes e telões, e, em alguns casos, lançam mão de máquinas de fumaça.

As interações dos DJs com o público são menos intensas. Em geral, os DJs se limitam a mandar abraços para alguns frequentadores e para as equipes presentes. Eles usam pequenas vinhetas com o nome da aparelhagem no decorrer das músicas e fazem alguns anúncios especiais como felicitação a algum aniversariante do dia ou a agenda das próximas apresentações da aparelhagem. Frequentadores desses dois ‘segmentos’, inclusive, reclamaram de alguns DJs que exageram no que chamam de ‘falatório’.

Uma das poucas incitações observadas nas festas de ‘saude’ ocorre quando se toca algum merengue. É comum os DJs falarem “olha o caquiado, olha o caquiado”. Segundo os entrevistados, ‘caquiado’ é uma espécie de floreio na dança que se caracteriza por movimentos rápidos com os pés.

5.7 As motivações dos frequentadores

Um dos objetivos da presente pesquisa é tentar entender o que motiva as pessoas a frequentarem as festas de aparelhagem. Mais uma vez, esse objetivo esbarra não somente na pluralidade de intenções envolvidas, mas também na dificuldade que alguns entrevistados tiveram para elencar com exatidão suas motivações. Esse tipo de dificuldade é algo bastante comum, pois não estamos habituados a refletir sobre nossas próprias práticas sociais. Blacking (2007, p. 211) assume que “muitos aspectos da compreensão e da interpretação” da sua própria cultura o escapavam, até que fosse “desafiado intelectualmente pelas pessoas em Venda”.

Apesar da tentativa de criar um clima agradável e tranquilo, foi perceptível que alguns interlocutores apresentaram tal dificuldade por estarem nervosos com a situação de entrevista ou por nunca terem refletido sobre essas razões. Por outro lado, alguns entrevistados tentavam controlar a imagem que gostariam de transmitir. Um frequentador, por exemplo, engrossou o tom de voz e passou a usar palavras mais rebuscadas assim que o gravador foi ligado.

Gil (1999, p. 114) defende que a metodologia da entrevista apresenta aspectos bastante propícios para a pesquisa social, dentre os quais cito os que justificaram a escolha no presente trabalho: a possibilidade de se abordar assuntos relacionados a aspectos da vida social e de comportamentos humanos, bem como a flexibilidade do entrevistador em relação aos caminhos da entrevista. Por outro lado, o autor aponta como limitações desse método a possibilidade de “fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes” e “a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado” (*Ibidem*, p.114).

Na busca por compreender os sentidos que as festas de aparelhagem têm para os frequentadores, foi fundamental ser flexível em relação ao roteiro de entrevista proposto, optando ora por perguntas diretas – “o que te motiva a ir numa festa de aparelhagem?” –, ora por questionamentos mais sutis – “o que mais gosta na festa?”, “o que gosta menos?”, “o que precisa ter para uma festa ser boa?”, “ou para ser um bom DJ?” – que fizeram com que os entrevistados fossem se sentindo mais confortáveis para falar livremente da sua relação com as aparelhagens e com as festas.

“Eu vou pra sair, pra curtir, encontrar os amigos, dançar... e beber”. Essa foi a resposta de uma frequentadora quando questionada sobre o que a motiva a ir às festas de

aparelhagem. De forma bastante concisa, a resposta da frequentadora sintetiza muito bem as motivações mais frequentes: a festa de aparelhagem se apresenta, para eles, como um momento alternativo à realidade cotidiana, a principal forma de diversão, um lugar de socialização e confraternização entre amigos e um lugar para dançar, tudo isso acompanhado pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Muitos dos entrevistados relataram que o que mais importa na aparelhagem é se sentir bem naquele ambiente. A qualidade da relação com os outros frequentadores, ser bem tratado pelos DJs e funcionários, ser elogiado, ser recebido com carinho e se sentir especial de alguma forma são aspectos bastante valorizados. Belzinha (Comunicação pessoal, 2017) destaca que o tratamento que recebe por todos é o que faz com que ela permaneça seguindo o Rubi. Kiko da Pedreira (Comunicação pessoal, 2017) tem uma opinião semelhante. Segundo ele, quando se é bem tratado, surge o desejo de voltar à festa daquela aparelhagem e, com isso, vão se criando laços afetivos com a própria aparelhagem, bem como com seus funcionários e DJs.

Conforme vimos, o DJ é considerado o astro principal no contexto das festas de aparelhagem⁹¹. Para muitos, ele é o coração da aparelhagem e é um dos principais responsáveis para que uma pessoa goste ou não da festa.

Porque não adianta ter uma aparelhagem de grande porte, uma aparelhagem de nome como é o caso do Tupinambá que tem 40 anos. Não adianta você colocar 200 placas de LED aí, colocar telão e tudo mais, se os DJs subirem ao altar sonoro e não corresponderem. Como não corresponderem? Não tocarem aquilo que o público gosta. (CLEBEA, Comunicação pessoal, 2017)

O grande compromisso do DJ é agradar ao público e, para isso, é necessário que ele acumule competências nos âmbitos da performance e das relações com os frequentadores. No que diz respeito à performance, é papel do DJ se manter atento à pista de dança para garantir que a festa nunca fique desanimada. Por conta disso, os DJs organizam a lista de músicas previamente, mas a ordem é definida na hora. O DJ Wesley me disse em entrevista que sempre tem algumas “cartas na manga”, que são músicas que ele sabe que serão bem recebidas pelo público e as utiliza no momento em

⁹¹ O *status* relacionado ao DJ desperta bastante interesse à profissão. Desde muito novo, os jovens se interessam pelos softwares de manipulação sonora e começam a fazer suas primeiras mixagens. A figura do DJ é presente, também, em ambientes fora das festas de aparelhagem. Em Outeiro, um balneário localizado na região metropolitana de Belém, existe um calçadão na beira da praia fluvial com vários restaurantes. Em cada um desses estabelecimentos, existe uma pequena estrutura destinada aos DJs que comandam a reprodução da música ambiente.

que a pista começa a desanimar. Numa festa de aparelhagem, especialmente nos ‘segmentos’ ‘toca tudo’ e ‘marcantes’, as músicas de sucesso⁹² do momento são executadas várias vezes.

A intensa interação com o público é um diferencial do DJ de aparelhagem: “a gente interage muito com o público, a gente pede a participação deles na palma da mão no ritmo da música, a gente pede para eles gritarem” (DJ Wesley, Comunicação pessoal, 2016). Através de técnicas de mixagem, os DJs podem alterar a forma da música, fazendo com que elas se iniciem pelo refrão, que geralmente é a parte mais conhecida pelo público. Aliado a isso, o DJ usa o artifício de deixar tocando apenas *a capella*⁹³ ou a base rítmica da música, de forma a facilitar que ela seja cantada pelo público.

No âmbito das relações com os frequentadores, a simpatia e o carisma do DJ são pontos cruciais para o sucesso. E, de fato, os DJs têm um tratamento bastante especial pelos ‘seguidores’. Vários deles participam dos grupos de *WhatsApp* de frequentadores, o que permite um contato direto para troca de informações. Eles se colocam disponíveis durante as festas, nos momentos em que não estão tocando, falam o nome dos ‘seguidores’ e das equipes, projetam fotos e logotipos nos telões e, às vezes, até buscam em casa alguns frequentadores mais especiais.

Alguns ‘seguidores’ têm relações pessoais com os familiares dos DJs, como esposas e filhos, são convidados para aniversários dos DJs ou familiares, assim como DJs frequentam as residências de alguns ‘seguidores’. A relação é tão próxima que existem DJs que não gostam que “seus” ‘seguidores’ frequentem festas de outras aparelhagens e chamam a atenção de fãs ao microfone em razão de algum comportamento que o desagrade.

Segundo os frequentadores, quando o DJ não é muito simpático, pouco carismático ou, até mesmo, arrogante, a tendência é que ele e sua aparelhagem não prosperem por muito tempo. E os DJs são conscientes desse papel:

Meu filho, é o que faz a galera frequentar a aparelhagem é a humildade do DJ, entendeu? Num sei se você percebeu, mas tem DJ que é o “maior importância” para mandar um abraço. Porque o cara tá

⁹² Durante o primeiro trabalho de campo, por exemplo, me recordo de duas músicas que eram tocadas com muita frequência, tanto em suas versões originais, quanto nos *remix* de tecnobrega: Malandramente, um Funk composto pelo cantor Dennis, e Infiel, da cantora sertaneja Marília Mendonça.

⁹³ Os DJs possuem as músicas separadas em faixas. Com isso eles conseguem habilitar apenas a melodia da voz (que eles chamam de *capella*) ou apenas a base rítmica, dependendo do objetivo.

ali bebendo, tá gastando, ele quer o nome dele no telão, entendeu? Ele quer um DJ mandando um abraço pra ele, entendeu? Então, pô, mas tem DJ que não percebe isso. Às vezes o DJ quer o cara ali, que vá lá, fale contigo, bata uma foto com você, entendeu? Isso o cara gosta e ele vai começar a frequentar todo final de semana, todo dia aquela aparelhagem. Então isso é o principal. Olha, tem aparelhagem que elas são lindas, mas passa seis meses e elas acabam, porque não tem público. Não tem público. Aí não tem o DJ para se identificar, entendeu? Aparelhagem é isso. O cara tá tocando, aí tá mandando um alô. Tu pode ver que é só falatório. Passa falando todo o tempo. 100% da festa o cara tá falando. Se ele não falar ele é “boçal”, é “metido”. Então o cara quer escutar o abraço, ali, escutar o alô, quer o nome no telão e tal. E depois o DJ desce, vai lá e bate a foto e assim o cara consegue manter o público. (DJ MAURO, Comunicação pessoal, 2016).

Por fim, existe um aspecto relacionado à motivação que, embora não tenha sido muito abordado espontaneamente pelos entrevistados, desempenha um papel importante: o cenário⁹⁴ das aparelhagens. Os altos investimentos nas estruturas das aparelhagens e a questão do “culto à tecnologia”, tratada no capítulo anterior, nos leva a inferir que esse seja um dos aspectos centrais para os frequentadores.

De certa forma, essa questão está contida no discurso dos entrevistados de forma indireta – exaltam a evolução da tecnologia da sua aparelhagem no decorrer do tempo, enumeram a quantidade de funcionários que são necessários para a montagem do equipamento, descrevem a logística para a aparelhagem ser transportada nas viagens, entre outros – e parece ser mais um motivo de orgulho em relação à sua aparelhagem de coração do que exatamente um aspecto primordial para a diversão na festa⁹⁵. Assim sendo, esses grandes investimentos em equipamentos têm a ver com a competição por poder entre as próprias aparelhagens, na medida em que é preciso se destacar, dentre tantas existentes em Belém, para conseguir lotar as festas. Para os frequentadores, festa cheia é sinônimo de festa boa.

⁹⁴ Cenário é o conjunto de equipamentos visuais utilizados pelas aparelhagens, tais como luzes e placas de LED.

⁹⁵ É possível que o cenário das aparelhagens seja mais importante para os frequentadores de ‘toca tudo’, uma vez que a interação com o DJ faz com que as atenções sejam voltadas diretamente para a aparelhagem. Infelizmente, não consegui entrevistar nenhum frequentador de ‘toca tudo’ para confirmar a hipótese.

5.8 ‘Seguidores’ e integrantes de equipes e fã-clubes

Uma vez estabelecidos esses laços afetivos, os frequentadores passam a se denominar ‘seguidores’, que são os frequentadores assíduos de determinada aparelhagem. Geralmente, eles se colocam próximos à nave da aparelhagem, são reconhecidos pelos DJs e estão presentes sozinhos ou acompanhados de algum parente – marido ou esposa, mãe, namorada, etc. Quando dois ou mais ‘seguidores’ compartilham do mesmo interesse, eles podem se organizar em equipes ou fã-clubes⁹⁶ e frequentam as festas coletivamente.

Em grande parte, os fã-clubes são originários do hábito de acompanhar as apresentações de aparelhagens específicas, criado por determinados grupos de pessoas. É uma forma de sociabilidade desenvolvida a partir da freqüentação às festas de brega como uma prática de lazer. Normalmente os fã-clubes surgem a partir das apresentações bem-sucedidas de uma aparelhagem num determinado bairro (principalmente as aparelhagens de grande porte), criando espaço para o aparecimento de “admiradores” desta aparelhagem, ou seja, aqueles que se mobilizam especialmente para participar das suas festas. (COSTA, 2006, p. 151)

As razões para justificar a criação de uma equipe são variadas. Além da apresentada acima por Costa, existe equipe em homenagem a uma aparelhagem (As Morenas do Pop), a um bairro (GDP - Galera da Pedreira), a um segmento de festa (Os Varejeiros da Saudade) ou em função de um acontecimento específico:

⁹⁶ Fã-clubes e equipes são nomenclaturas que denominam a mesma coisa: união de pessoas que compartilham um interesse comum e frequentam festas de aparelhagem coletivamente. Os fã-clubes apresentam uma distinção que é a homenagem a uma aparelhagem específica, enquanto que as equipes podem ter diferentes razões de existir como o gosto por um segmento de aparelhagem ou por serem de um bairro específico. Logo, todo fã-clube é uma equipe, mas nem toda equipe é necessariamente um fã-clube.

As Passageiras da Nave é uma equipe, entendeu? [...] Foi numa festa que nós fomos muito longe mesmo. Tem vez que a gente vai pra festa que a gente passa três dias. De um local vai pro outro, de um local vai pro outro. Nesse dia nós fomos pra Moju, de Moju nós fomos pra Primavera, aí Primavera é um vilarejo assim bem afastado mesmo. Só mata né. [...] Nós fomos na van mas na volta nós voltamos com o Gilmar [proprietário da aparelhagem Rubi]. Aí o festeiro falou: ‘olha, vocês não vão mais por aqui, vocês vão por aqui’, que era outro caminho né. Num é que a gente se perdeu na mata.[...] Até que a gente encontrou lá um senhor numa casa, aí ele ensinou pro Gilmar como era pra sair. Aí nisso, depois que passou aquele sufoco que a gente conseguiu sair, era negócio de comentário vai e vem, aí ele falou: ‘eu e as passageiras. Aí pronto, foi que formou aquela equipe’, né. As Passageiras da Nave e nisso ficou. Quando uma casou, ficou só as duas. Quando a gente chega, a Belzinha e a Ana Lúcia, As Passageiras da Nave. (BELZINHA, Comunicação pessoal, 2017)

No segmento de ‘marcantes’, existem fã-clubes que se formam tendo como função central a dança. Eles funcionam como verdadeiros grupos de dança: realizam ensaios durante a semana, onde os integrantes mais experientes ajudam os mais novos a aprimorarem na dança.

Tu chegou hoje e eu tô te ensinando aqui, beleza, pa. Aí tu volta amanhã. Te ensino. Ensaio de tecnobrega, nosso ensaio aqui, Bonde do Nova Dimensão. Aí, tu ensaia com a gente um mês. Aí, no outro mês vai ter uma festa, tu já vai com a gente, vai com a camisa e tal. Aí, tu já vai tá lá dançando. Tu aprendeu no ensaio do bonde. Tem o ensaio dos fã-clubes e tem as festas que os fã-clubes vão. Cada fã-clube tem seu ensaio, o meu ensaio do fã-clube por exemplo é segunda e quarta. O dos Potentes já é quinta e sexta. O Sem Limites já é dia de sábado. Entendeu? Por que essa alternância? Porque é o seguinte: o meu fã-clube pode frequentar o ensaio dos outros. Por exemplo: hoje tem ensaio do Sem Limites: “bora lá, bora lá, pessoal, dar uma força para o fã-clube do pessoal”. Aí a gente vai lá e vai pro ensaio deles. A gente ensina quem não sabe, que tá lá e tal. Aí hoje é o meu ensaio, aí o pessoal dos outros ensaios vem frequentar o meu ensaio e tal. E num tem essa, tipo assim: “ah, eu não gosto de ensinar, vou pra dançar”. Não. Se eu te pedi uma ajuda, aí tu vai lá e ensina, entendeu? Aí um mês, dois meses depois, tu vê aquela pessoa que tu ensinou, tá dançando pra caramba. Aí ela escolhe o fã-clube que ela quer (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017)



Figura 23 - Ensaio da equipe de dança Bonde do Nova Dimensão

Uma vez decididos o nome e a razão de ser da equipe, os integrantes contratam algum designer para fazer sua logomarca. Ela é utilizada para estampar os diversos produtos personalizados que as equipes mandam confeccionar, como camisas, copos, caixas térmicas, bonés, bandeiras, entre outros. Feito isso, a equipe já está pronta para ir para a festa de aparelhagem. Geralmente, um integrante contata o DJ de uma aparelhagem para realizar o lançamento da equipe em uma determinada festa, momento esse em que o DJ se remete várias vezes à equipe em suas intervenções, além de expor a logomarca da mesma nos telões por várias vezes.



Figura 24 - Produtos personalizados pelas equipes

As equipes buscam se destacar no meio das festas de algumas maneiras. Geralmente, elas se estabelecem bastante próximo da aparelhagem – “mais próximo do

DJ, mais próximo da interação” (KIKO DA PEDREIRA, Comunicação pessoal, 2017) – e é comum a utilização dos produtos personalizados na festa, de forma que seja possível identificá-los com facilidade. Além disso, elas lançam mão de bazucas que disparam confetes e pequenos fogos de artifícios em momentos de ápice da festa, quando, em geral, o DJ manda abraço para a equipe, sua logomarca é mostrada no telão ou é tocada sua música.

As equipes contratam os produtores locais para fazerem músicas exclusivas, contendo o nome da própria equipe e da aparelhagem que eles homenageiam. No caso das equipes relacionadas às aparelhagens do segmento ‘saude’, escolhe-se uma música do repertório tradicional do brega para ser seu hino. Geralmente, a execução de tal música é precedida do anúncio pelo DJ de que se trata do hino da equipe.

O desejo de se destacar na festa parece estar ligado a dois motivos: demonstrar para os outros frequentadores que é muito divertido curtir as festas com aquela equipe, angariando, assim, novos integrantes, e ser reconhecido pelos DJs e produtores das aparelhagens, estabelecendo laços de amizade mais próximos. De certa forma, devido ao prestígio desses ‘seguidores’, sobretudo junto aos DJs, eles se tornam referência para os demais frequentadores, assumindo uma função de mediação entre estes e os DJs.

Muitos frequentadores recorrem a esses ‘seguidores’ reconhecidos – ‘seguidores mais famosos’, segundo Kiko – para ajudar na organização dos seus aniversários na festa, para conseguir uma foto com DJ, pedir para mandar abraço, conseguir cortesias ou algum CD da aparelhagem. Em alguns casos, a proximidade desses fãs é tamanha que eles acabam desenvolvendo alguma atividade na aparelhagem, como é o caso do próprio Kiko no Pop Saude e de Clebea no Tupinambá.

No decorrer do ano, existem alguns eventos importantes para as aparelhagens, como o *Fest Saude* – festa em que estão presentes as principais aparelhagens do segmento ‘saude’ – e *Festival Junino*. Nesses momentos, os fã-clubes são convocados a comparecer uniformizados, para que os ‘seguidores’ possam confraternizar juntos e demonstrar a união em torno da aparelhagem. Por trás dessa prática, há um desejo da aparelhagem em demonstrar sua força de mobilização de fãs diante das outras presentes nesses festivais. Independentemente do interesse comercial das aparelhagens, tais eventos são bastante valorizados pelas equipes, que se organizam para confeccionar novas camisas e outros produtos personalizados específicos para essas festividades.

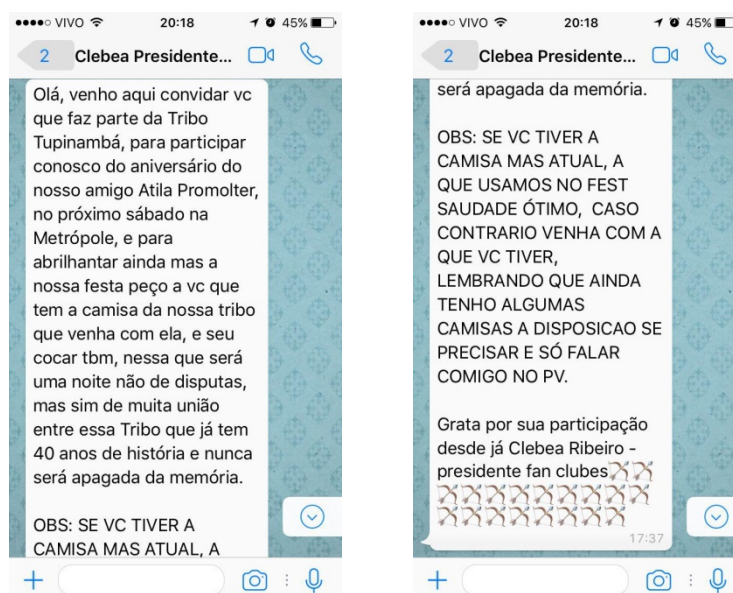


Figura 25 - Convocação da presidente dos fãs-clubes para um evento especial

Além dos eventos citados acima, as equipes mostram sua força nos aniversários. Entre as pessoas do universo das aparelhagens, é muito comum realizar as comemorações de aniversários na festa. Para os DJs, donos de aparelhagem e festeiros, é uma forma de criar um atrativo a mais e garantir o sucesso do evento. Já para os frequentadores, o interesse reside na facilidade de se realizar uma festa barata e com a diversão garantida. Se o frequentador for integrante de equipe, ainda existe a vantagem de contar com a ajuda da própria equipe. Eles se dividem para ajudar na organização: uns ficam responsáveis pela decoração – nas cores da aparelhagem ou do time de futebol do coração do aniversariante –, outros pelo bolo e outros pela torta salgada. Além de aniversários, já foram realizados chás de bebê e chás de panela. Clebea conta que existe um casal que é “Tupinambá na veia” que está se preparando para realizar seu casamento na aparelhagem:

A gente tem um casal que ele é Tupinambá doente, Tupinambá na veia mesmo, como a gente costuma dizer, né? E eles têm um projeto para esse ano casar na aparelhagem. Tipo montar o palco, entendeu? Montar a passarela e a noiva subir e vir caminhando vestida de noiva até o altar e lá no altar sonoro tá lá o juiz, porque numa cerimônia como esse dificilmente a gente vai conseguir trazer padre ou pastor, até mesmo pelo fato de ser numa festa, mas tá lá o juiz e tudo mais, na qual vai oficializar a união. (CLEBEA, Comunicação pessoal, 2017)

Algumas frequentadoras revelaram que não gostam de usar as camisas personalizadas para além desses eventos especiais, pois existe o desejo pessoal de

mostrar sua personalidade por meio do uso de suas próprias roupas⁹⁷. No entanto, durante a pesquisa, o estilo das vestimentas dos frequentadores não foi uma questão que chamou muita atenção.

De uma forma geral, é possível dizer que prevalece a utilização de roupas leves, haja vista o calor excessivo da cidade. Entre os homens predomina o uso de tênis, bermuda e camiseta, além de ser muito comum a utilização de bonés e correntes no pescoço. Além disso, existe um corte de cabelo bastante difundido entre os artistas e o público das aparelhagens, em que são raspadas as laterais da cabeça, é realizado um alisamento na parte de cima e algumas mechas são descoloridas. Nos bailes de ‘saudade’, a despeito do calor da cidade, é comum observar alguns poucos senhores usando sapato, calça e camisa sociais – talvez essa seja a forma como eles se vestiam nos bailes de sua juventude. Já as mulheres optam por saias, vestidos e shorts bastante curtos, e os saltos altos são praticamente uma unanimidade.

Vestir roupas parecidas, possuir celulares e outros artefatos da mesma marca, gostar do mesmo tipo de música, ficar em grupos na festa, falar as mesmas gírias, são marcadores de identidade. Uma identidade cada vez mais mediada por práticas globais. (VILHENA, 2012, p. 108)

A relação dos ‘seguidores’ e integrantes das equipes entre si e com a aparelhagem não se restringe às festas. Os laços de amizade que são constituídos em torno desse ambiente são tão fortes que eles consideram sua equipe e/ou aparelhagem como uma espécie de segunda família. Em razão disso, se esforçam para que não haja intrigas e desentendimentos entre as pessoas da mesma equipe e entre equipes diferentes. Para eles, a união e a humildade são importantes valores que são compartilhados. Além disso, eles negam a existência de qualquer tipo de rivalidade entre equipes, apesar do desejo de cada equipe de se destacar mais.

Costumo dizer sempre que nós não somos só uma equipe, nós somos, além de uma tribo porque é um nome indígena, o Tupinambá, a gente se classifica como uma família, porque aqui nós rimos juntos, nós choramos juntos, nós dividimos as coisas do dia a dia. Então a gente não se encontra só nos finais de semana nas festas do Tupinambá e, sim, a gente tem uma interação no dia a dia. (CLEBEA, Comunicação pessoal, 2017)

⁹⁷ VILHENA (2012) observa que os frequentadores do segmento ‘toca tudo’ apresentavam um vestuário relativamente homogêneo em termos de modelos e marcas. “A maioria dos rapazes trajava calça jeans, camiseta de malha, boné e tênis. As moças usavam calça jeans muito justa, blusas sensuais deixando ombros e barriga à mostra e sandálias de saltos bem altos.” (*Idem*, p. 49)

Esse sentimento de pertencimento, de familiaridade, é que faz com que a atuação das equipes extrapole as atividades dentro das festas. Clebea narrou dois episódios bastante significativos a esse respeito. O chá de bebê, citado acima, realizado na festa de aparelhagem tinha o objetivo de ajudar os futuros pais a adquirir o enxoval do bebê. Em outra ocasião, foi realizada uma festa beneficente para ajudar um seguidor que ficou paraplégico num jogo de futebol. Além disso, a equipe GDP (Galera da Pedreira⁹⁸) realiza anualmente uma ação beneficente em asilos da cidade.

A atuação das equipes tem um papel fundamental para as aparelhagens, bandas e produtores do universo do tecnobrega. Conforme venho apresentando, esses fãs assíduos são mais do que simples consumidores das festas de aparelhagens. Eles são verdadeiros incentivadores que auxiliam as aparelhagens em diversas frentes.

Alguns ‘seguidores’ do Tupinambá relataram que houve um período em que a aparelhagem estava com sérias dificuldades financeiras, correndo o risco de encerrar as atividades. Esse desfecho só não se concretizou porque os integrantes dos fã-clubes do Tupinambá desenvolveram ações para ajudar a reestruturar a aparelhagem. Eles realizaram uma festa para arrecadar fundos para fazer camisas, pagar por adereços e produzir um mosaico. Todos esses produtos foram utilizados pelos fã-clubes do Tupinambá no Festival Junino. Segundo os frequentadores, a mobilização foi tamanha que despertou a atenção dos produtores da cidade que passaram a convidar o Tupinambá para vários eventos.

Segundo Waldo Squash (Comunicação pessoal, 2016), as pessoas dedicam tempo e dinheiro às equipes, pois as aparelhagens são um dos poucos momentos de diversão aos quais eles têm acesso⁹⁹. Além disso, ele considera que as equipes sempre tiveram um papel importante para a produção autoral do universo do tecnobrega:

⁹⁸ GDP é uma das equipes mais tradicionais da cidade e ficou conhecida por ter criado a piscina de cerveja. Essa equipe leva uma piscina inflável para as festas e enche de gelo e cerveja.

⁹⁹ Em entrevista, DJ Wesley diz que para o público de aparelhagem, *shows* de artistas nacionais, mesmo os mais populares como Wesley Safadão, são financeiramente inacessíveis.

As equipes, que são os fã-clubes das aparelhagens, são, na verdade, a principal conexão entre músico e aparelhagem e é o que faz com que esse mercado seja autossustentável. Vou te explicar o porquê. As equipes, os fã-clubes entram em contato com as bandas, ou com os Djs, produtores, enfim as bandas em geral que fazem as músicas. Eles entram em contato com as bandas encomendando que fale o nome deles e da aparelhagem que eles seguem. Entendeu? Eles pagam por isso. A banda faz a música e entrega na mão da galera da equipe que vai automaticamente levar lá pro DJ ou manda via e-mail. O DJ pega essa música e toca ela na festa. Eu acho, num sei se tu percebeu, mas a maioria das músicas falam o nome do Dj ou da aparelhagem e o nome de uma equipe” (WALDO SQUASH, Comunicação pessoal, 2016).

Essa fidelidade com a aparelhagem não é compartilhada entre todos os frequentadores. Toda aparelhagem alterna entre momentos de bastante sucesso e momentos de pouco sucesso. Quando a aparelhagem está no topo, aumenta-se o número de equipes e ‘seguidores’. Isso ocorre porque as aparelhagens que estão em evidência atraem mais público, deixando as festas mais interessantes para os frequentadores. Segundo Kiko da Pedreira (Comunicação pessoal, 2017), o Pop Saudade, em seu momento áureo, já chegou a ter 27 fã-clubes que eram bastante frequentes, garantindo que as festas da aparelhagem estivessem sempre cheias. Costa (2006, p. 13) relata que, em 2006, as grandes aparelhagens chegavam a ter 50 fã-clubes.

Entretanto, se uma aparelhagem começa entrar em decadência, muitos fã-clubes se desfazem ou debandam¹⁰⁰ para outras aparelhagens. Um exemplo citado é a equipe “As Bandidas da Saudade” que se chamava “As Bandidas do Tupinambá”, quando era um fã-clubes dessa aparelhagem.

Algumas aparelhagens possuem um sistema de carteirinhas para os fãs e ‘seguidores’ mais assíduos. Elas são limitadas e personalizadas, e geram benefícios como gratuidade ou desconto no ingresso para as festas. Segundo Kiko da Pedreira (Comunicação pessoal, 2017), “é uma forma de retribuição a tudo que é feito, porque, sinceramente, fã-clubes em aparelhagens são os alicerces de uma aparelhagem”. Os critérios utilizados para a concessão desse benefício não são rígidos e variam entre as aparelhagens. De uma forma geral, é um processo bastante pessoal entre frequentadores e aparelhagem, e a assiduidade nas festas é um ponto bastante considerado. Kiko é o responsável pela confecção das carteirinhas no Pop Saudade. Segundo ele, geralmente, o dono da aparelhagem estabelece uma quantidade de carteirinhas a serem

¹⁰⁰ “Debandar” foi o termo utilizado por uma entrevistada.

confeccionadas e ele emite as carteirinhas à medida que as pessoas demonstram interesse.

Vários dos interlocutores se identificam como ‘seguidores’ de alguma aparelhagem. Entre eles era perceptível um desejo de demonstrar quão assíduos¹⁰¹ são nas festas da sua aparelhagem “do coração”. Afirmam que as seguem onde quer que elas estejam, inclusive em incursões por outras cidades, e procuram se justificar das festas em que não puderam estar presentes. Kiko relatou uma ocasião em que integrantes de uma equipe enfrentaram 12 horas de ônibus para acompanhar o Pop Saudade em uma apresentação em uma cidade do interior do Maranhão. Belzinha passou três dias excursionando com o Rubi em uma turnê por cidades do interior do Pará.

Esses ‘seguidores’ conhecem a história da aparelhagem, seus fundadores e adoram relatar a evolução do equipamento. Para valorizar a evolução do aparato tecnológico, as aparelhagens inauguram o novo equipamento em um evento especial. Quando isso ocorre, a aparelhagem tem o nome ou o “sobrenome” alterado como forma de engrandecer a inovação. Como exemplo tem-se a aparelhagem Ceneral, que já se chamou “Ceneral”, “Ceneral Digital”, “Ceneral Evolution” e agora chama “Ceneral, O Som do Amor”.

O Ceneral é desde 1999, o pequeno, quando ele surgiu de madeira. O primeiro mesmo era o que? Nos anos 1960/1970, o avô deles já tinha uma aparelhagem. Daí cresceu o sonho do pai, Seu Totonho Mídia, de ter uma aparelhagem. Aí quando o Michel nasceu, ele viu no Michel que ficava brincando com caixinha de fósforo: o boneco de DJ e o público. Ele e o DJ Jota, eles ficavam brincando. Ele viu no Michel ter como tornar o sonho em realidade. Foi o que ele fez. De um rack e um armário, fez a primeira aparelhagem, o primeiro ‘sonzinho’ dele pra tocar em festa de família. Depois ele fez o Ceneral de madeira que até 4 anos atrás era, ainda era de madeira. Depois que veio o *Digital*, aí veio o *Evolution* e agora veio *O som do amor*. Já tá na quarta fase já o Ceneral. (LEKA, Comunicação pessoal, 2017)

A identificação é tamanha que alguns ‘seguidores’ produzem peças gráficas com sua foto pessoal e a logomarca da aparelhagem, e as compartilha para os amigos nas redes sociais e *WhatsApp*. Eles também costumam dizer que “são” as aparelhagens –

¹⁰¹ Essa intensa assiduidade nas festas por vezes pode gerar algum desconforto junto aos familiares. Há mãe que reclama que a filha não para em casa e só quer saber de aparelhagem e filhos que reclamam que a mãe está na festa o tempo todo, mas se veem obrigados a aceitar, em razão do amor dela pela aparelhagem.

“eu sou Tupinambá” ou “eu sou Rubi” – e tiram fotos fazendo o símbolo da aparelhagem.

Conforme apresentado nos relatos iniciais, as aparelhagens têm símbolos que os frequentadores reproduzem com as mãos e os braços. Por exemplo: o símbolo do Tupinambá é o T feito com os braços (Figura 26), o do Rubi é uma pedra feita com as mãos e o do Super Pop é o S, que faz referência ao nome da aparelhagem e ao raio que integra a sua logomarca. Alguns frequentadores inserem o nome da aparelhagem ou a sigla de sua equipe em seus apelidos – Seco GDP – e alguns chegam a tatuar o símbolo da sua aparelhagem do coração.



Figura 26 - Arte gráfica feita por uma seguidora

Além disso, os frequentadores declaram amor por DJs e um carinho por todos os integrantes da aparelhagem, dos carregadores aos operadores¹⁰². É muito comum compararem o amor às aparelhagens ao amor por times de futebol, na medida em que cada um tem o seu favorito e existe certa rivalidade entre eles. Segundo o Kiko todas as pessoas possuem uma aparelhagem que é ‘do coração’, mesmo aquelas que frequentam festas de qualquer aparelhagem.

Houve um tempo em que as equipes eram mais atuantes e mais presentes nas festas de aparelhagem. Segundo o Waldo Squash (Comunicação pessoal, 2016), a paisagem das festas era bastante caracterizada pelas ações das equipes que, ao ter suas músicas tocadas, comemoravam subindo em mesas e soltando fogos de artifício.

¹⁰² Nesses momentos, é comum eles aproveitarem para explicar a produção por trás das aparelhagens, elencando todos os profissionais e suas funções.

Entretanto, os integrantes das equipes ficavam chateados quando o DJ esquecia-se de tocar as suas músicas:

A história dos fã-clubes foi o seguinte: chegou uma época que os fã-clubes, tipo assim, tomaram de conta. Eles tomaram de conta do evento geral. Eles eram muitos. Cada fã-clubes tinha sua música. Então na sequência musical do DJ é legal tu pegar: ‘agora vou tocar a música do fã-clubes tal’. Aí tocava e eles animavam ali. “Agora vou tocar a música do fã-clubes tal”. Só que chegou um tempo que era quase que 90% só a música deles. E tipo assim, uma que você não tocasse, uma que o DJ esquecesse de tocar do fã-clubes, poxa, eles ficavam muito triste, eles ficavam muito chateados. Chegavam até a esculhambar. “Pô, só tocou o deles, não tocou o meu e tal”. (DJ WESLEY, Comunicação pessoal, 2016)

Os DJs, produtores e artistas começaram a ficar incomodados com a atuação das equipes. Segundo o DJ Wesley, houve algumas reuniões e os fã-clubes chegaram à conclusão que deveriam dar “uma segurada nas músicas” das equipes. Vilhena (2012, p. 28) diz que essas músicas não são mais tocadas tão intensamente para “evitar rivalidades e brigas entre os frequentadores”. Não é possível concluir em que medida a redução da atuação das equipes se relaciona diretamente a uma decisão dos DJs, uma vez que, no universo das festas de aparelhagem, muitos aspectos se alteram constantemente e com muita velocidade.

5.9 A dança

A dança praticada pelos frequentadores de aparelhagem é tão interessante que poderia ser objeto de um estudo próprio. Ela é a resposta consciente dos frequentadores aos gêneros musicais e a toda a performance visual das aparelhagens, numa construção estilística também particular. O ato de dançar brega reúne em si várias características bastante peculiares e sintetiza os mais variados sentidos envolvidos nas festas. Apesar disso, na minha primeira estada em Belém, me chamou atenção o fato de que o público não dançava. Influenciado pelo clipe da música “Velocidade do Eletro”¹⁰³ da Gang do Eletro, eu imaginava ver todas as pessoas tremendo os ombros de forma bastante veloz¹⁰⁴ tal como ocorre no clipe.

¹⁰³ Clipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AGTZ5CBBLso>> Acesso em: 08 out. 2016

¹⁰⁴ De fato, houve uma época das aparelhagens de ‘toca tudo’ que a moda vigente na dança era o “treme”. Existiam, inclusive, concursos em que as pessoas competiam quem tremia melhor. Entretanto, segundo um dos entrevistados, isso foi uma fase e atualmente ninguém mais dança dessa forma.

Ao contrário, o que se via eram pessoas se movendo muito timidamente. Pareciam mais interessadas em cantar as músicas de sucesso do que realmente dançar. À medida em que as festas iam ficando mais animadas, a intensidade da dança ia aumentando, mas eram mais respostas corporais às incitações dos DJs do que exatamente uma dança.

Essa percepção inicial ocorreu por eu ter frequentado, àquele momento, muitas festas de ‘toca tudo’, onde são raros os casais que arriscam os passos de dança aos pares. Ao contrário, nas festas de aparelhagens de ‘marcantes’ e de ‘saudade’ predomina a dança aos pares e é sobre essa prática que essa seção é dedicada.

O ato de dançar a música brega e o tecnobrega é uma prática cultural que se desenvolve desde criança, sobretudo no contexto da periferia de Belém, onde esses gêneros musicais predominam na paisagem sonora. Por essa razão, a habilidade desse gênero de dança se apresenta territorializada em uma “parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento” (MEDEIROS, 2009, p17), uma vez que, segundo os frequentadores, “playboys e patricinhas” não sabem dançar brega. Relembrando Barros (2015, p. 137), a dança também é uma “expressão que traduz o pensamento estético da periferia de Belém de forma territorializada”.

Esse tipo de dança apresenta características bastante peculiares. À primeira vista, meu impulso inicial foi de compará-la com o forró, que é a minha referência de dança. Porém, aos poucos, as diferenças foram saltando aos olhos. Percebi que os movimentos não eram tão previsíveis e os passos não respeitavam a métrica à qual eu estava habituado. Tive a certeza de que se tratava de algo bastante peculiar quando me arrisquei a dar os primeiros passos, conforme apresentado nos relatos iniciais da presente pesquisa.

Apesar de se tratar de uma música predominantemente em compassos quaternários, os passos da dança se organizam de três em três tempos, gerando certo tipo de defasagem. Ou seja, logo no terceiro tempo do primeiro compasso da dança, minha parceira tomava um rumo diferente do meu.

Além da questão métrica, ao observar os casais na pista de dança, percebi que a imprevisibilidade dos passos é uma característica do gênero. Não é possível prever qual a direção em que os passos são realizados. É como se o homem tentasse surpreender a parceira a cada novo passo. Aliado a isso, cada dançarino tem um estilo muito pessoal, tanto de executar os passos da dança, quanto de se colocar corporalmente junto ao

parceiro ou parceira. São comuns alguns passos e rodopios distantes do parceiro, mas, na maior parte do tempo, a dança do brega é semelhante a um abraço que se move harmonicamente, como se os dois corpos fossem um só e se separasse apenas para alguns breves floreios (Figura 27).



Figura 27 - Formas variadas de como os corpos se encontram na dança

Nesse contexto, acabam ocorrendo situações diversas. Em uma determinada festa, estava observando um casal que dançava muito bem. Num dado momento, o rapaz fez um sinal com a cabeça para outro que havia dançado com a moça anteriormente. Como se tivessem previamente combinado o passo de dança, o homem rodou a mulher e a passou para o outro, que a recebeu perfeitamente. A mulher pareceu um pouco surpreendida, mas manteve a dança sem interrupções e com um belo sorriso na cara. Lucas, em entrevista, me explicou esse tipo de brincadeira:

Lucas: A gente dançou lá em Brasília e os caras gostaram pra caramba: “cara, como é que essa mulher consegue girar tudo isso e

não fica tonta? Que ele fazia assim com ela, girava pra lá, pegava pra cá”. Aí a menina: “meu Deus do céu, como é que ela não fica tonta? Como é que ele consegue, ela vem girando, ele pegar ela assim? Como é que ele vai saber onde ela vai pisar? Como é que ele gira ela? Ela vem girando e ele pega ela”. Ficaram perguntando assim lá em Brasília, entendeu?

Eu: É impressionante mesmo como cada hora vai para um lado.

Lucas: A menina vem girando e você já pega assim sem errar, né?

Eu: Teve uma festa que eu vi isso. Ele estava dançando aqui com a menina, aí no meio da dança ele a rodou, deu duas voltas, o outro já pegou e continuaram a dançar.

Lucas: Ah, isso existe nos ensaios, nas festas do Ouro Negro. Olha existe assim, pá, tô dançando aqui, tcha tcha. Às vezes, dá pra roubar a dama. Você tá dançando aqui ó, pá. Aí, tu faz um giro, tu faz um passo que tu gira ela. Nisso que ela tá girando outro já pega e tu fica lá de bobo, entendeu? Aí o cara fica assim lá ó, igual cara de besta. Mas é normal isso. Num tem briga não. Claro que se tu fizer com uma pessoa que tu conhece. Tipo assim, tem um passo que tu faz aqui ó, aí tu gira ela aqui, pá, aí vai querer pegar ela lá do outro lado, quando tu virar o cara já tá dançando com ela, entendeu? E tem a maneira de, tipo assim, o cara falar “pô, deixa eu dançar um pouquinho aí?”, aí tu tá dançando com ela aqui, tu gira, ela já vem e ele já pega. Eu fiz isso uma vez com um moleque. O moleque tava ensaiando com a parceira dele e eu tava ensaiando com a minha. Aí ele falou, “bora trocar?” Aí eu girei ela aqui, ele girou ela lá, aí ele pegou a minha e eu peguei a dele. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017)

Um fato curioso relacionado à dança nas festas de Marcante é que é muito comum se observar homens dançando com homens. Segundo Lucas (Comunicação pessoal, 2017), existem vários homens, em sua maioria homossexuais, que aprendem a dançar fazendo o papel da mulher. Lucas defende que alguns dançam melhor do que muitas mulheres e que as equipes recebem esses dançarinos sem nenhum preconceito:

Tu viu meu vídeo lá dançando (com um homem)? Então, aquele rapaz é do meu bonde que vai, ensaia, ensina as mulheres. Ele dança muito melhor que muitas mulheres, mano. Aí ele vai lá e ensaia. Ele não sabia nada. Aí ele foi lá e chegou no nosso bonde, perguntou “como que faz para entrar aí?” A gente falou: “olha, é só tu vim pros ensaios que a gente dá a nossa camisa e tu vai na festa com a gente”. Aí ele começou a treinar direto, direto, direto, e aprendeu muito bem. E ele só sabe dançar como mulher, entendeu? Porque ele é homossexual. Ele queria aprender como mulher e pronto”. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017, parênteses nossos)

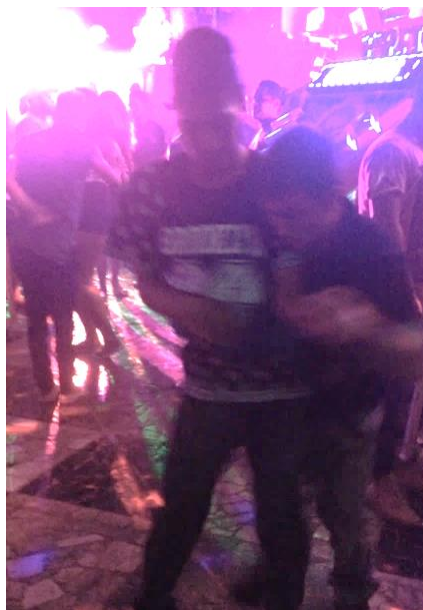


Figura 28 - Homens dançando

Em geral, os homens têm receio de convidar uma mulher desconhecida para dançar, por não saberem se ela está acompanhada¹⁰⁵. Sendo assim, para os homens heterossexuais, dançar com os homossexuais pode ser uma forma segura de chamar a atenção e se aproximar das mulheres que não conhecem. O mototaxista Rodrigo relatou que quando era solteiro e frequentava as festas de aparelhagem, dançava com “viados” exatamente com esse propósito. Com medo de ‘mexer com alguma mulher dos outros’, essa era estratégia que ele utilizava para paquerar as mulheres sem correr riscos. As mulheres que se aproximavam dele para dançar geralmente eram solteiras e ele utilizava o momento da dança para confirmar a informação.

Aí chego lá, pô, num tem ninguém que eu conheço que saiba dançar. Eu não vou puxar mulher para dançar que eu não conheço. Eu não sei se ela sabe dançar, se ela quer dançar, se ela tá acompanhada. Aí meu amigo tá lá, pô, o homossexual que sabe dançar. O que que eu vou fazer? “Pô, bora dançar?” Aí tô lá dançando com ele, ta, ta, ta. Aí todo mundo olha né, porque chama atenção dois homens dançando. Aí acabo de dançar com ele, o que acontece? A menina vem: “posso dançar contigo?”, aí a outra vem “posso dançar contigo?”. Assim tu ganha uma amizade. Aí na outra festa que eu vou, as meninas que pediram para dançar comigo, eu já conheço elas. Aí eu já vou lá. E assim a gente vai conhecendo várias pessoas. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017)

¹⁰⁵ Algumas das mulheres entrevistadas se queixaram que, quando estão em um relacionamento, os homens não as deixam dançar com outros homens e, por essa razão, acabam não indo às festas de aparelhagem com tanta frequência.

A dança tem essa capacidade de aproximar os frequentadores das festas de aparelhagem. Além de ajudar a construir boas amizades, a habilidade de dançar é bastante valorizada entre os frequentadores, fazendo da dança um facilitador para a paquera. Na realidade, dança e paquera têm uma relação muito direta para os frequentadores. Segundo os entrevistados, às vezes a pessoa nem está interessada na outra, mas através da dança pode surgir um interesse entre os dançarinos. É muito comum dizerem que o homem pode até ser feio, mas se souber dançar, tem grandes chances de arrumar uma namorada na aparelhagem.

É bom que (o homem) saiba (dançar), né? Porque elas vão pra dançar, cara. Elas vão lá pra dançar. Eu falo assim, o cara que sabe dançar ele pode ser feio, ele pode ser liso (pobre), ele pode ser tudo. Mas se o cara sabe dançar, pelo menos o sorriso da menina ele vai ganhar. Tá entendendo? Agora aquele cara que é machista, só quer saber de ficar na dele, só porque ele tem muito dinheiro, mulher num... a mulher pode tá com ele por causa do dinheiro, mas vai preferir dançar com o outro que tá sem dinheiro lá do outro lado. (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017, parênteses nossos)

Na dança existem algumas regras de conduta. Por exemplo, o homem jamais pode abandonar a parceira no meio da dança, mesmo se a dança não estiver muito agradável por a mulher não saber dançar muito bem. Essa regra também vale para as mulheres, a não ser que o homem esteja sendo inconveniente de alguma forma. A inabilidade na dança não é razão para abandonar o parceiro. O correto a se fazer é continuar a dança e, ao fim dela, agradecer o parceiro. Inclusive, era o que ocorria nas minhas tentativas de dançar: as mulheres seguiam na dança, por mais que não estivesse exatamente agradável.

Nas festas de aparelhagem, especialmente as do segmento de ‘marcantes’, existe a prática da valsa. Diferente da valsa praticada em casamentos e formaturas, na aparelhagem ela é executada ao som de tecnobrega. A valsa ocorre nas ocasiões de aniversário de algum integrante de uma equipe de dança. Em determinado momento da festa, o DJ anuncia a presença do aniversariante e este precisa dançar com todos os seus amigos presentes na festa. O tom de desafio contido na dança do tecnobrega também está presente na valsa, na medida em que ela só se encerra quando o aniversariante se cansa ou seus amigos desistem.

Ah, quando a gente faz aniversário nas festas, aí o DJ ‘bora bater o parabéns para o nosso aniversariante: parabéns pra você’. E o que acontece? Acontece a roda de brega¹⁰⁶ [...]Aí vai lá e começa: primeira menina, dança com a primeira menina, aí já roda e vem a segunda, pa, pa, pa, pa, aí vem a terceira, aí já vem a quarta, tcha tcha, aí dança, vem a quinta e sexta e sétima e oitava, quando acaba a menina volta de novo até tu não querer mais.[...] No meu aniversário eu dancei com umas trinta. [...] Quando tá tocando forró, funk assim, a gente não vai dançar, né? Aí quando começa a dançar aquelas marcantes que a gente gosta mesmo, pra dançar, aí bora lá ‘faz a roda’. Aí roda a primeira menina e já pega. Aí o cara já fala ‘olha a roda de brega’. Os caras falam ‘olha, tá rolando a roda de brega ali’, aí as meninas já vão pra lá. Aí dança, tcha tcha, vem a segunda, a terceira, a quarta, quando acaba a menina volta de novo. Aí até quando não consegue mais, mano. Mas tem uma hora que as meninas não conseguem porque cansam também. Aí tu fica assim: ow. Entendeu? Aí quando elas não conseguem de cansaço os caras falam “aaaa”, entendeu? (LUCAS, Comunicação pessoal, 2017)

Para finalizar, existem, ainda, algumas festas de aparelhagem em que ocorrem concursos de dança que funcionam como um atrativo a mais para tais eventos. As regras de funcionamento são simples. Em um dado momento da festa, o DJ anuncia que será realizado o concurso e os casais interessados se encaminham para a pista de dança. O DJ toca uma música, os casais desenvolvem suas performances e, ao fim da música, o público vai selecionando os casais favoritos através dos aplausos. O casal vencedor ganha o prêmio, que pode ser uma quantia em dinheiro¹⁰⁷, consumação na festa ou produtos da aparelhagem que está promovendo o concurso.

5.10 Consumo de drogas

Um assunto importante a ser relatado é o consumo de drogas, lícitas e ilícitas, pelos frequentadores de festas de aparelhagem. À primeira vista, a droga que mais se destaca é o álcool. Conforme já foi apresentado, promoções relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas aparentam ser uma das principais estratégias para despertar o interesse dos frequentadores em relação a uma determinada festa. Segundo o DJ Wesley (Comunicação pessoal, 2016), o álcool é um fator que contribui bastante para animação da festa.

¹⁰⁶ Na entrevista, Lucas chamou essa prática de ‘roda de brega’. Depois de um tempo, entrei em contato para pedir alguns detalhes e ele me explicou que eles denominam essa prática dos aniversários de valsa. A ‘roda de brega’ são os momentos das festas de ‘marcantes’ em que a pista de dança fica cheia de casais dançando brega.

¹⁰⁷ Lucas relatou que já ganhou até 150 reais em uma festa.

De fato, ao observar uma festa de aparelhagem, fica evidente que o clima vai se tornando mais agitado no decorrer da noite, e isso pode ser em parte justificado pelo consumo alcoólico, uma vez que favorece a socialização e a sensação de prazer. Eu mesmo senti isso nas minhas vivências, conforme relatado no início da dissertação. Ao mesmo tempo, vários entrevistados acreditam que as brigas e desentendimentos que, porventura, ocorrem nas festas são frutos do abuso da bebida e de outras drogas.

Na realidade, uma coisa que pude observar em Belém é que, para além do universo das festas de aparelhagem, as pessoas consomem bastante cerveja e isso parece ser motivo de orgulho.



Figura 29 - Mensagem de incentivo colocada pela torcida do Remo no estádio Mangueirão

No contexto das festas de aparelhagem, é bastante emblemático o lugar central que os baldes de cerveja ocupam: no centro das mesas, rodeado por pessoas, como se fosse um objeto de culto. De certa forma, os baldes de cerveja e o consumo alcoólico têm uma função para além dos seus efeitos psicoativos. Explico.

Conforme apresentado no relato da festa de ‘marcantes’, um frequentador insistiu para que comprássemos um balde de cerveja juntos, a despeito da minha intenção de comprar cervejas unitárias. No contexto das festas de aparelhagem, ter o balde de cerveja na mesa simboliza possuir dinheiro. Do mesmo modo, a pessoa que não bebe na festa corre o risco de ser tido como ‘liso’¹⁰⁸. Provavelmente, o frequentador

¹⁰⁸ ‘Liso’ significa não ter dinheiro. A primeira vez que ouvi a expressão foi em uma festa em que eu estava acompanhado do mototaxista Rodrigo, conforme o relatado no início do trabalho.

do relato não poderia comprar o balde sozinho, e dividir os custos comigo era uma forma de não demonstrar sua falta de dinheiro. Segundo Vilhena (2012):

Além de mais prático, pois a cerveja vem de uma só vez, os jovens fazem uma coleta de dinheiro para pagar os baldes e a quantidade de cerveja exposta em suas mesas confere a eles a sensação de poder, de que estão “por cima”. (VILHENA, 2012, p. 58)

Conforme defende Vilhena, isso se aplica também às equipes. Estar numa festa com a camisa da equipe e não ter dinheiro para consumir bebidas alcoólicas é ruim para a imagem do grupo. “Os baldes de cerveja também fazem parte do ritual que a equipe precisa cumprir em busca da imagem de *considerada*” (VILHENA, 2012, p. 106). Além disso, os homens acreditam que ostentar as bebidas chama atenção das mulheres. Em festas de aparelhagem é um costume os homens pagarem bebidas para as mulheres.

Embora não seja exclusividade dos frequentadores, é bastante curioso o fato de que o consumo seja tão valorizado em um contexto em que a maioria dos frequentadores possui condições financeiras bastante desfavoráveis. O consumo observado nas festas de aparelhagem parece incompatível com essa situação de renda. Segundo um frequentador, ele e a esposa costumam gastar juntos em torno de R\$ 120,00 por festa e que, para alguns conhecidos dele, esse valor pode chegar a R\$ 300,00.

Tudo isso indica que as representações que estes jovens fazem no seu cotidiano – mostrando que são “por dentro” da moda, que têm condições de consumir muita cerveja e frequentar uma festa mesmo quando o ingresso é caro, ostentando bens e artefatos que oficialmente não condizem com sua capacidade de renda ou mesmo adorando ídolos e ícones de uma cultura musical cosmopolita – são idealizações para atender às expectativas que eles creem que a sociedade impõe a eles. (VILHENA, 2012, p. 102)

Em relação às drogas ilícitas, foi necessário um pouco mais de atenção para percebê-las, uma vez que, em geral, o consumo não é realizado abertamente em função de serem proibidas. Pude perceber o consumo de maconha em várias festas através do cheiro exalado dos cigarros. Em uma festa especificamente, o consumo de maconha era generalizado e os frequentadores não se esforçavam para esconder. Em outro evento, um frequentador acendeu um cigarro de maconha do meu lado e foi violentamente hostilizado por dois seguranças. Apesar da rispidez, o rapaz foi liberado após jogar o cigarro fora. A cocaína é outra droga presente nas festas, porém seu uso é um pouco mais reservado. Os frequentadores fazem uso de tal droga nos banheiros dos eventos.

A partir das observações realizadas, não consegui estabelecer nenhuma relação entre o consumo dessas drogas ilícitas e as consequências decorrentes de seus efeitos. A questão problemática em relação a essas drogas está mais ligada à violência gerada em função do narcotráfico, conforme apresentado no Capítulo 3.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito interessante chegar ao final da pesquisa, olhar para trás e visualizar todo o caminho percorrido até aqui. Entre acertos e erros, dúvidas sobre as decisões metodológicas, o que fica é a certeza de muito aprendizado, não só no âmbito da pesquisa acadêmica, mas da compreensão e respeito às pessoas. Estar atento ao que o outro diz e faz me levou a refletir sobre as minhas próprias experiências musicais e os significados que essas experiências têm pra mim.

O que me faz ir a uma festa? Quais aspectos que mais me motivam? Como eu interajo com a música e as performances desses lugares? Como são os vínculos sociais que eu estabeleço? Como é minha relação com o meu lugar? E com o consumo de drogas nos contextos das práticas musicais? As perguntas que fiz aos meus interlocutores ressoaram em mim e serviram para eu me conhecer melhor.

No âmbito da pesquisa científica, creio que a proposta de aproximação teórico-metodológica entre as disciplinas Etnomusicologia e Geografia se mostrou bastante frutífera, na medida em que me deu subsídios importantes para atingir ao objetivo da pesquisa, que era compreender os frequentadores das festas de aparelhagem e sua relação com esse universo. Entender o lugar onde as pessoas vivem experiências em torno da música abriu uma alternativa complementar rumo ao entendimento dos significados dessas práticas na vida das pessoas. O mesmo pode ser dito em relação à utilização das demais categorias de análise do espaço geográfico nesse contexto.

Gostaria de pontuar alguns aspectos que julgo terem sido bastante positivos no diálogo proposto. O levantamento do histórico de ocupação da cidade e o panorama atual dos aspectos urbanos de Belém foram fundamentais para entender as dificuldades enfrentadas pelas populações mais pobres, que, como vimos, são os principais consumidores de festa de aparelhagem. Ficou claro que essas questões urbanas influenciam não somente no dia a dia dessas pessoas, mas, também, nas suas práticas culturais e sociais relacionadas às festas de aparelhagem. São questões que dizem respeito ao desemprego e às dificuldades econômicas que influenciam nas formas de consumo dos frequentadores durante as festas, bem como no significado desse consumo; questões de mobilidade urbana que definem a maneira de se deslocar às festas e na decisão de qual festa frequentar; o convívio com o narcotráfico e demais formas de violência que molda diversos aspectos da vida dos frequentadores, entre outros.

Ao lançar mão das categorias de análise da geografia, vários aspectos importantes foram sendo ressaltados. Por exemplo, ao se falar da paisagem da periferia não é possível ignorar os diversos traços característicos relacionados ao universo das aparelhagens presentes nesse espaço, como as faixas de divulgação de festas, a existência de diversas casas de shows e a presença constante de caminhões das aparelhagens levando ou trazendo os equipamentos. Isso se faz ainda mais notório na paisagem noturna devido à intensidade das luzes das aparelhagens que não se limitam ao interior dos locais de festa, à grande movimentação de frequentadores, veículos e vendedores ambulantes nas proximidades dos eventos.

Em relação à paisagem sonora da periferia de Belém, o tecnobrega e as demais variantes da música brega paraense se fazem bastante presentes. E essa presença não se deve apenas ao som oriundo das aparelhagens, mas também das casas, das rádios de rua, dos bares e dos carros. Infelizmente, não é só de brega que é composta essa paisagem sonora. Por vezes, são os sons provenientes da violência que se destacam.

Também foi possível observar que as práticas sociais e culturais relacionadas ao tecnobrega se apresentam territorializadas em domínios localizados na periferia. Conforme vimos, os próprios frequentadores defendem que festa de aparelhagem é algo para o ‘pessoal da baixada’ e são eles que dominam a dança do tecnobrega.

Em relação à análise das vivências em campo, sintetizo, a seguir, os aspectos mais relevantes para a pesquisa. De fato, as festas de aparelhagem se apresentam como a principal forma de diversão das populações carentes de Belém. Trata-se de uma prática cultural fortemente enraizada que vem se desenvolvendo há quase 70 anos, a despeito de todo o estigma sofrido pela parcela da população relacionada a esse universo. A cultura das aparelhagens é motivo de orgulho para essas pessoas, na medida em que proporciona espetáculos grandiosos a preços acessíveis.

As motivações dos frequentadores em relação às festas de aparelhagem se mostraram bastante heterogêneas. Entre elas, se destacam o querer se sentir bem no ambiente da festa e socializar com os amigos, o amor à aparelhagem do coração, a diversão e a dança. Além disso, há a questão do consumo alcoólico que foi apontado como uma das motivações por alguns frequentadores, além de apresentar um lugar central na paisagem das festas e um significado associado ao poder.

Em relação à sociabilidade, se destaca a característica associativa de usufruir da festa de forma coletiva, na medida em que os frequentadores se organizam em equipes e fã-clubes. Esses grupos buscam se destacar nas festas utilizando produtos

personalizados com a finalidade de angariar mais integrantes e chamarem atenção dos DJs das aparelhagens. Dessa forma, as equipes e fã-clubes acabam por se tornar uma motivação em si mesma. Existem, ainda, alguns frequentadores assíduos que se identificam como ‘seguidores’ de determinada aparelhagem.

Identifiquei três ‘segmentos’ diferentes de aparelhagem – ‘saúde’, ‘marcantes’ e ‘toca tudo’ – cuja denominação está ligada ao repertório predominante em cada um deles. Tais diferenças acabam definindo as maneiras pelas quais os DJs desenvolvem suas performances e as reações desencadeadas no público, o perfil dos frequentadores, o tipo de dança e a identificação das pessoas com as aparelhagens. Foi possível, ainda, estabelecer uma relação entre segmento de aparelhagem e a paisagem das festas, uma vez que a disposição dos frequentadores no espaço e o nível de agitação também variam de acordo com o segmento.

E o que dizer da dança que me fascinou desde o primeiro contato? Ora romântica e afetuosa, ora rápida e virtuose, a dança do brega se apresenta como um universo complexo e sofisticado de estilos bastante singulares. Em cada casal que dançava, existia uma personalidade expressa pela forma como os corpos se tocavam e como os movimentos eram realizados. No contexto das festas de aparelhagem, a dança tem ainda a capacidade de aproximar as pessoas e uma relação direta com a paquera.

Destaco também a importância do *WhatsApp* como ferramenta de comunicação dos frequentadores, bem como uma instância que favorece um tipo específico de socialização. Tal aplicativo apresenta um papel central para a difusão da produção musical do universo do tecnobrega e divulgação de diversos aspectos relacionados à cultura das aparelhagens. Além disso, do ponto de vista da pesquisa, a observação realizada nos grupos de *WhatsApp* foi um caminho metodológico revelador da maneira como os frequentadores vivem, de seus valores, receios e predileções, dos aspectos a que eles se vinculam socialmente, bem como da sua relação com o que ocorre em seu entorno.

Para finalizar, ressalto a importância da perspectiva da experiência na tentativa de compreender as pessoas e os significados, para elas, de todas as características desse universo tão plural e complexo que gira em torno das aparelhagens. Desde o início, a pesquisa surgiu de um interesse real no assunto, o que me permitiu estar aberto para experimentar diversos aspectos da cultura das aparelhagens e da cidade de Belém como um todo. Como de costume, acredito que a pesquisa possa servir para levantar várias questões que ainda carecem de ser aprofundadas. Espero, ao menos, que esta pesquisa

possa servir de inspiração para outras sobre o assunto, que porventura surgirão em diversas áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não: música popular cafonã e ditadura militar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ARAÚJO, Samuel. Prefácio: O campo da etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. O campo da etnom. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Org.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: Edufba, 2016. p. 7-18.

BAHIA, Marcio. The Periphery Rises: Technology and Cultural Legitimization in Belém's Tecnobrega. **Journal Of Lusophone Studies**, [s.l.], v. 13, p.33-54, 4 abr. 2015. American Portuguese Studies Association. <http://dx.doi.org/10.21471/jls.v13i0.3>. Disponível em: <<http://apsa.us/ellipsis/13/bahia.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BARROS, Lydia. A validação do Tecnobrega no Contexto dos Novos Processos de Circulação Cultural. **Novos Olhares**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.135-149, 17 jun. 2015. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.102230>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102230>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BARROS, Lydia. Tecnobrega, entre o apagamento e o culto. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.62-82, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/351/308>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BELÉM, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão – SEGEP. **Anuário Estatístico do Município de Belém 2011**. Belém, 2012, 420p.

BLACKING, John. **Music, culture & experience**. Selected papers of John Blacking. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, [s.l.], v. 16, n. 16, p.201-218, 30 mar. 2007. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v16i16p201-218>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064/55695>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

BRASIL. IBGE. **Censo demográfico 2010: aglomerados subnormais informações territoriais**. 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

BRASIL, IBGE. **Cidades IBGE**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/1501402>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

BRASIL, Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação. **Déficit habitacional no Brasil 2007**. Brasília, 2009, 129p.

CARDOSO, Welson S. **Adensamento Sócioespacial nos Assentamentos Precários em Belém/PA:** indicadores socioespaciais urbanos. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

CASTRO, Demian Garcia. **Significados do conceito de paisagem:** um debate através da epistemologia da geografia. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>> Acesso em: 12 abr. 2017.

CENTRAL da Periferia. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2006. Programa de Televisão, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PP9nWGgyHqc&t=2314s>>. Acesso em: 5 out. 2017.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Geografia, Segurança Pública e a Cartografia dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.186-203, 30 jun. 2014. Boletim Amazonico de Geografia. <http://dx.doi.org/10.17552/2358-7040/bag.n1v1p186-203>.

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **A geografia do crime na metropole:** das redes ilegais à "territorialização perversa" na periferia de Belém. Belém: UEPA, 2014. (Saberes Amazônicos).

ESSINGER, Silvio. **Batidão:** uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERNANDES, Danilo Araújo; SOUSA, Cleidianne Novais; RODRIGUES, Danuzia Lima. A metrópole Belém na transição econômica: estrutura produtiva e mercado de trabalho. In: CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira (Ed.). **Belém:** transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. Cap. 4. p. 89-120. (Estudos Comparativos). Disponível em: <http://observatoriodasmetropoles.net/obs/images/abook_file/serie_ordemurbana_belem.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2016.

FERNANDES, José Clodoaldo Machado Lopes. **Assentamentos Precários e Dispersão Urbana:** o Caso da Região Metropolitana de Belém. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento e Meio Urbano, Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GIOMETTI, Analucia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Leitura do espaço geográfico através das categorias:** lugar, paisagem e território. 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf> Acesso em: 05 mai. 2017.

AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro do. **Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia: etnografia da produção do tecnobrega em Belém do Pará.** 2009. 244 f. Tese (Doutorado) - Curso de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Usp, 2005. p. 6774 - 6792. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2017.

LANNES, Wilson Vieira. **A crise e as novas fronteiras para a indústria fonográfica.** 2009. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico.** 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEMOS, Ronaldo; CASTRO, Oona. **Tecnobrega: O Pará reinventando o negócio da música.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora e Consultoria, 2008.

LIMA, Ozanir R de; ROSA, Odelfa. Percepção e topofilia: relações e sentimentos sobre a paisagem da cidade de Catalão. In: II SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS: A DINÂMICA DAS CIDADES E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO, 2., 2013, Campo Mourão. **Anais...** . Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013. p. 1 - 27. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/lima-ozanir-r.-de.pdf>. Acesso em: 5 maio 2017.

LUCAS, Glauro. **Música e Tempo nos Rituais do Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá.** 2005. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARRA, Pedro Silva. **As paisagens sonoras do Brás: reapropriações da cultura popular na linguagem musical.** 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 217- 227.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music.** Evanston: Northwestern University Press, 1964. 358p

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão geográfica.** Bélem: Imprensa Universitária, 1966. Disponível em: <https://issuu.com/ufpadoispontozero/docs/bel_m_e_sua_express_o_geogr_fica> Acesso em: 15 fev. 2017.

PARÁ. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ. **SIIS**: Sistema de Informações de Indicadores Sociais. Disponível em: <[https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Belem\(3\).pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Belem(3).pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2017.

PONTE, Juliano Pamplona Ximenes; RODRIGUES, Roberta Menezes. Organização Social do Território e Mobilidade Urbana. In: CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. **Belém**: Transformações na ordem urbana. Belém: Observatório das Metrôpoles, 2015. Cap. 9. p. 230-267. (Estudos Comparativos).

PORTAL UOL. **Uso de smartphones cresce 3,5 vezes no Brasil em quatro anos**. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/02/28/uso-de-smartphones-cresce-35-vezes-no-brasil.htm>>. Acesso em: 17 out. 2017.

REILY, Suzel A.; DOULA, Sheila M. (Org.). **Do Folclore à Cultura Popular**. São Paulo: Edusp, 1990.

RODRIGUES, Anderson. **Treme!** A influência do Pop Music Mundial na construção identitária do Tecnobrega e de suas Divas. 2012. Disponível em: <<https://portalelic.files.wordpress.com/2012/12/dt-musica-clic-2012-divas-tecnobrega-anderson-rodrigues.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. **Cardernos de Campo**, São Paulo, v. 17, n. 17, p.237-260, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695/51433>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

STOKES, Martin. Introduction: Ethnicity, Identity and Music. In: STOKES, Martin. **Ethnicity, Identity and Music**: The Musical Construction of Place. 2. ed. New York: Berg Publishers, 1997. Cap. 1. p. 1-211.

TITON, Jeff Todd. Knowing Fieldwork. In: BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy J. **Shadow in the field**: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2008. Cap. 2. p. 25-45.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. **Assentamentos urbanos e Metropolização na Amazônia brasileira**: o caso de Belém. Belém: UFPA, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TURINO, T. Music as Social Life: the Politics of Participation. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 115p. (Antropologia social)

VILHENA, Ana Paula Mendes Pereira de. **Eles são os considerados do setor:** Uma etnografia sobre sociabilidade e consumo entre jovens das equipes nas festas de aparelhagem em Belém do Pará.. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

WISNIK, José Miguel. M. **O som e o sentido:** Uma outra história das músicas. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

ANEXO I – Categorias de análise

MÚSICA

- Preferências de DJs (performance, *setlist*, mixagem, etc – quais aspectos são mais valorizados?);
- Subgêneros do tecnobrega (isso importa para eles? Eles se interessam pela diferença?);
- Festas de aparelhagem: quais são as melhores? Porque? Quais aspectos são importantes para uma festa de aparelhagem ser boa? Localização? A própria aparelhagem? A preferência muda em função das novidades tecnológicas? O que uma aparelhagem tem que outra não? DJ? Sensações que o DJ desperta; características do público? Segurança? Rixas entre aparelhagens?
- Gostos musicais diversos para além do tecnobrega: o que ouvem? Quais outras festas frequentam? Artistas? Outros gêneros tecno?
- Existe algum tipo de rixa em relação a outros gêneros, frequentadores de outras festas, etc?
- Predileções em relação a outras categorias de diversão (programas de tv, passeios, hobbies, etc)
- Outras formas de consumo dessa música (essa música acompanha eles no dia-a-dia ou só na festa de aparelhagem), DVDs?

Obs.: não focar na música a priori

RELAÇÕES PESSOAIS

- O que procuram nas festas em termos de relações pessoais? Conhecer pessoas novas? Sair com os amigos? Pegação? Amizade? Brigas?
- Alguma relação com a formação de imagens pessoais em redes sociais (*selfies*, vídeos e afins)?
- Os frequentadores de festas de aparelhagem são mais ou menos homogêneos? É possível uma categorização dos frequentadores? Se sim, em relação a que: frequência nas festas, gostos em relação aos subgêneros, local onde moram, estética pessoal, classe social (existe a presença de pessoas de vários estratos sociais?), etc;
- A presença nas festas confere alguma importância no status local?
- Diferenças sociais são importantes? Roupas? Hierarquias sociais dentro da festa? Relação camarote x pista (se houver)?
- Estigmas em relação ao frequentador de festas de aparelhagem; orgulho em relação ao universo do tecnobrega?

SEGURANÇA

- Sensação geral em relação à segurança das festas de aparelhagem?
- Brigas? Roubos? Presença de tráfico?
- Experiências negativas?
- Isso é um traço marcante ou é irrelevante?

GÊNERO

- Diferenças de interesse relacionado ao gênero?
- No contexto das festas, existe um “papel” específico para cada gênero?
- Gratuidade para mulheres desperta o interesse de homens nas festas?
- A festa é menos segura para mulheres? Cuidados que mulheres precisam ter (ir sozinha ou ir em grupo)? Pensar em qual profundidade abordar esse tema;
- Presença de público LGBT? São considerados bem-vindos?

DROGAS

- Importância para a festa (indicativo: promoção de bebidas sempre presentes nos materiais de divulgação)
 - Quais drogas são consumidas?
 - Relação entre drogas e brigas?
 - Relação consumo e venda (especialmente as drogas ilícitas);
 - Relação droga e violência sexual.
- Obs: relação à noção de ritual – necessidade alteração do estado de consciência; pensar de forma ampla o sentido das drogas nesse contexto do tecnobreg.*

**RELAÇÃO
COM O
LOCAL**

- Qual a imagem que eles têm de Belém? Existe identificação com os aspectos locais trabalhados midiaticamente?
- Imagem do próprio bairro?
- Traçar um paralelo entre a imagem do morador da periferia, a imagem da mídia oficial e a imagem da classe média;
- Relação periferia – centro: frequentam outros locais da cidade? (parques, Ver-o-peso, Combu, Mosqueiro, etc) Saem da periferia por qual motivo (trabalho, diversão, compras, etc)?

ANEXO II - Roteiro de entrevista para produtores (DJ, cantores, músicos, integrantes de aparelhagens)

1. História pessoal no tecnobrega:

- Como começou a discotecar/cantar/tocar/trabalhar? Desde quando?
- O que ouvia e ouve além de tecnobrega?
- Além de produtor, frequenta as festas de aparelhagens quando não está a trabalho?
- Quais outras festas frequentam? Quais gêneros musicais?
- Pedir para explicar a diferença entre os sub-gêneros

2. Visão sobre o público frequentador:

- Como caracteriza o público?
- O que ele acha que o público realmente valoriza nas aparelhagens ou nas festas? Eles vão especialmente por causa de que? Falar um pouco dos subgêneros do tecnobrega;
- Como ele desenvolve sua performance/setlist/mixagem/postura em geral? Pensa nos efeitos que serão gerados no público? Como o público interfere nas escolhas dos produtores ou provoca sentimentos e inspira reações?
- Esse público é diverso?
- Importância da bebida ou de outras drogas para a fruição do evento;
- Importância dos fã-clubes e dos agentes de divulgação.

3. Sensação de segurança:

- É seguro?
- Quais são os riscos envolvidos numa festa de aparelhagem?
- Tem alguma experiência negativa?

4. Relação com a cidade:

- O que faz no tempo livre? Quais espaços da cidade frequenta?
- Se identifica com a imagem da cidade trabalhada midiaticamente?

Obs.: A intenção dos tópicos é apenas me guiar durante a entrevista. Não pretendo fazer essas perguntas diretamente.

ANEXO III - Roteiro de entrevista para frequentadores

1. Relação com a cidade:

- Mora onde? Como é morar lá?
- Quais os principais problemas de onde mora?
- O que faz no tempo livre? Quais espaços da cidade frequenta?
- Como é se deslocar pela cidade?
- Se identifica com a imagem da cidade trabalhada midiaticamente?

2. História pessoal no tecnobrega:

- Como e quando começou a frequentar as festas?
- O que ouvia e ouve além de tecnobrega?
- Quais outras festas frequentam?
- Qual o tipo de tecnobrega favorito?

3. Opinião sobre as aparelhagens:

- Como se desloca para as festas?
- Faz alguma coisa antes de ir à festa? Existe uma hora boa para chegar à festa?
- Se utiliza das promoções de entrada?
- Qual a aparelhagem favorita? Por quê?
- Tem alguma aparelhagem que não gosta? Por quê?
- Tem algum local em que as festas são melhores? Por quê? E piores? Por quê?
- Quais as músicas favoritas nas festas?
- Como fica sabendo sobre as festas? (tipos de divulgação)
- O que mais agrada em uma aparelhagem?
- O que mais gosta na festa de aparelhagem? (músicas, dançar, efeitos especiais, alguma coisa que o DJ faz, algum momento específico, etc)
- Gosta de dançar? Se sim, porquê?
- Importância da bebida ou de outras drogas para a fruição do evento. (Como perguntar isso?)
- Participa de alguma equipe? Algum grupo de WhatsApp sobre as aparelhagens? Como é? Por qual motivo?

4. Paquera

- A festa é um lugar bom de paquerar?
- Como se desenvolve a paquera na festa de aparelhagem?

5. Sensação de segurança:

- É seguro?
- Quais são os riscos envolvidos numa festa de aparelhagem?
- Tem alguma experiência negativa?

ANEXO IV – Lista de siglas e gírias

Siglas:

- PV - conversa privada
- CLL - celular
- PPK – pelo contexto me pareceu ser uma abreviação de “perereca”, denominação popular da vagina
- CTS - alguma banda ou aparelhagem
- GP - grupo de *WhatsApp*
- BB - beber
- MSC -
- PDC - pode crer
- MDS - meu deus
- BRINKS - brincadeira
- TLGD - ta ligado
- CRL - caralho
- BNT - bonita

Gírias

- Jeckar -
- boca de tracaja -
- disguiado – vagabundo, malandro
- muafo -
- gala seca – idiota, babaca